O TEJO AINDA NÃO FICOU EM ESPANHA (LER NO SUPLEMENTO MESA-REDONDA)

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 30 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 922 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

UM HELICÓPTERO ISRAELITA transportando um caixote com parte do equipamento de radar capturado aos egípcios, por ocasião do ataque á ilha de Shadwau. Segundo informações agora divulgadas em Washington, o presidente Nasser deslocou-se secretamente a Moscovo quando os israelitas atacaram aquela ilha do Golfo de Suez

Um Banco já paga mais do que pede o Sindicato

O Banco Totta & Açores, que já dá a todo o seu pessoal o 14.º mês, e que faz parte da direcção do Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias, acaba de anunciar um aumento substancial de vencimentos, que se reveste de grande importância, neste momento em que, como temos largamente noticiado, se encontra na Comissão Arbitral a resolução do litígio quanto ao novo contrato colectivo de trabalho entre aquele Grémio e o Sindicato Nacional dos Empregados Bancários. Com efeito os aumentos agora anunciados por aquela importante instituição bancária (e que entram em vigor, com efeito retroactivo, já a partir do corrente mês) ultrapassa em quase todas as classes os que o Sindicato propõe para o novo contrato colectivo.

A medida tomada pelo Totta & Açores causou muita satisfação nos meios ligados aos bancários, entendendo-se geralmente que constitui um bom índice no sentido de que o novo contrato colectivo de trabalho corresponderá aquilo que o Sindicato legitimamente pretende. Lembra-se, entretanto, que desde Dezembro já tinha havido aumentos, embora muito menores, em al-Montepio Geral e Agustine guns bancos ou casas bancárias (Banco de Portugal, Reis) parecendo encontrar-se iminentes, e tendo até sido já prometidos, em diversos outros.

Indicamos a seguir a nova tabela de vencimentos praticada pelo Banco Totta & Açores, referindo a seguir, entre parêntesis, pri-

(Continua na ultima página)

HOJE 36 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

VISITA SECRETA DE NASSER A MOSCOVO
—segundo fontes de Washington

WASHINGTON, 30 — (R.) — Nasser fez uma viagem secreta e urgente a Moscovo, a semana passada, quando as tropas israelitas invadiram e ocuparam a ilha de Shadwan no golfo do Suez, segundo informações aqui recebidas hoje sem confirmação oficial.

Essas notícias dizem que o dirigente egípcio passou apenas três dias em Moscovo deslocando-se alí num avião especial soviético, aparentemente para que a viagem fosse mantida em segredo.

Entretanto, o «New York Times» através do seu correspondente em Beirute diz que a ida de Nasser a Moscovo foi motivada pelo seu desejo de recapturar aquela ilha custasse o que custasse.

Para isso precisaria de apoio militar directo da União Soviética, pois, caso contrário, um contra-ataque egípcio poderia desencadear nova guerra no Médio-Oriente.

Os israelitas acabaram por abandonar a ilha ao fim de 29 horas levando consigo equipamento de radar que capturaram sem fazerem qualquer tentativa para permanecer naquela posição conquistada.

DESMENTIDO EGIPCIO

MOSCOVO, 30 — (F. P.) — A informação de origem americana de que o presidente Nasser teria efectuado a semana passada uma viagem secreta a Moscovo é categòricamente desmentida pela Embaixada da R.A.U. na capital soviética.

A N.B.C. anunciara ontem á noite em Nova York que o chefe do Estado do Egipto, acompanhado de vários conselheiros, tinha ido a Moscovo assegurar o fornecimento de novos Mig-23 para reforçar as defesas egípcias contra os «raids» israelitas.

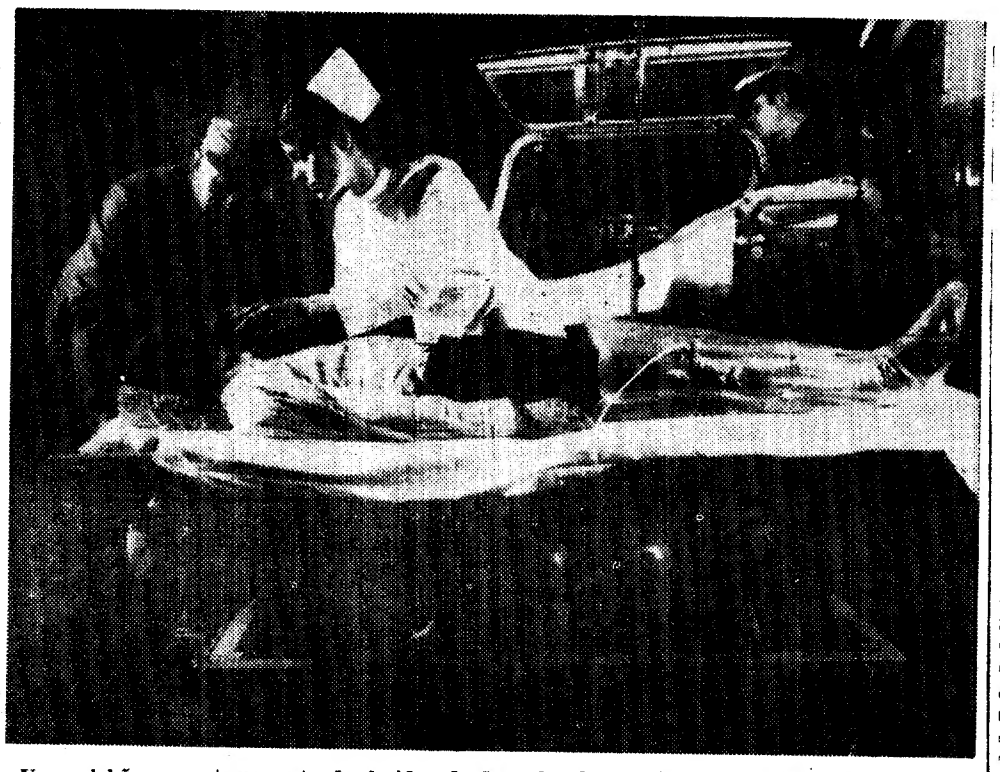
A Embaixada desmente «categòricamente» esta notícia.

PROIBIDAS MÁSCARAS NO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, 30 — (F. P.) — O uso de máscaras, ou mesmo de simples mascarilhas, foi proibido este ano durante o Carnaval no Rio de Janeiro. As autoridades policiais dizem que as máscaras ou outros disfarces podem favorecer a acção dos agentes subversivos.

Para evitar qualquer agitação desse tipo, as autoridades exigem que, tanto nos bailes como nas ruas todos os cariocas se apresentem com a cara descoberta, de maneira a poderem ser prontamente identificados.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS (pág. 16)



Um colchão para transporte de feridos desde o local do acidente até ao hospital, capaz de assegurar que o sinistrado não mude de posição, está a ser estudado na Alemanha. O colchão sobre o qual será colocado o ferido é premcável aos raios X e isso poderá facilitar muito a tarefa dos médicos e enfermeiros

HÁ TRANSPORTES EM ACTUAÇÃO DISSOCIADA
—segundo o secretário das comunicações

Na sessão de encerramento do II Colóquio Nacional de Transportes, o secretário de Estado das Comunicações, engº Oliveira Martins, referindo-se á «multiplicidade de actuações dissociadas», indicou ser necessária a coordenação e o desenvolvimento do sistema de transportes nas regiões de Lisboa e Porto. Sobre este tema, deduziu que este «complexo de operadores, utilizando vias camarárias ou estaduais, só por acaso conduz a resultados satisfatórios», constituindo a solução deste problema o mais importante caso dos transportes no decénio de 70. *«Ler reportagem na pág. 11).*

A recepção de cadernetas nos «stands» Gazcidla, promovida para comodidade dos leitores de Lisboa que participaram na nossa iniciativa, decorre com entusiasmo. Concorrentes de todas as idades têm entregue as suas cadernetas, recebendo o boletim de identificação numerado que os habilitará ao sorteio de óptimos prémios

«ÁLBUM DE LISBOA»

PROSSEGUE A RECEPÇÃO DE CADERNETAS NOS BAIRROS DE LISBOA

Largas centenas de concorrentes ao «Album de Lisboa» entregaram já as suas cadernetas nos «stands» Gazcidla de Alfama, Madragoa, Bairro Alto, Graça. Hoje, a recepção verificou-se no bairro de Campolide. Amanhã, será a vez de Campo de Ourique. Depois, na próxima segunda-feira, a entrega das cadernetas será feita no Lumiar. Recordamos que os concorrentes de qualquer das zonas da cidade poderão fazer a entrega das suas cadernetas no «stand» Gazcidla que mais lhes convenha ou lhes ofereça maior conveniência em relação ao local do trabalho. Não é, pois, necessário ser residente da zona onde se localiza o «stand» Gazcidla.

Por ser feriado na terça-feira de Carnaval, a recepção de cadernetas marcada no «stand» Gazcidla da Praça Marquês de Pombal, é transferida de 10 para 11 de Fevereiro. A ordem de recepção ficou a ser a seguinte:

A recepção pelo correio

Continuamos a receber pelo correio as cadernetas dos concorrentes da província. Recordamos a conveniência de franquia de 2$00 por cada caderneta remetida, para evitar multas e consequentes demoras de resposta. Quem pretender possuir o boletim de identificação com o numero que o habilitará ao sorteio, deverá juntar mais um selo de 1$00. Toda a correspondência relativa ao concurso «Album de Lisboa» deve ser remetida para os nossos serviços da Rua Castilho, 185, Lisboa-1.

STANDS GAZCIDLA

Localização e datas da recepção de cadernetas

JANEIRO

31 — Rua Infantaria, 16, 57-A — C. DE OURIQUE

FEVEREIRO

2 — Praça Alexandre Ferreira, 32 — LUMIAR
3 — Rua Emília das Neves, 4-B — BENFICA
4 — Rua Cidade de João Belo, lote 88-Lj. B — OLIVAIS
5 — Av. Miguel Bombarda, 56-A — AVEN. NOVAS
6 — Rua José Duro, 27-C — ALVALADE
7 — Avenida 24 de Julho, 94-A
9 — Rua do Alecrim, 77
11 — Praça Marquês de Pombal, 1
12 — Largo do Calvário, 12-C — ALCANTARA
13 — Largo Mendonça e Costa, 9-C — ARROIOS

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

LICEU
CICLO LICEAL COMPLETO
CICLO PREPARATÓRIO — LÍNGUAS
CURSO COMERCIAL — INSTITUTOS
Nocturno: das 19 às 24 h.
Diurno: das 9 às 19 h.
• ESCOLA SÃO VICENTE:
Rua do Paraíso, 28 — Telef. 86 59 04
• EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL:
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 82 02 21
• EXTERNATO ÁLVARES CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (fte. á Igreja de Benfica)—Tel. 706974
MODERNOS LABORATÓRIOS

Vendedores de automóveis

Os secretário e subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência receberam em audiência o sr. Vítor Garcia, da comissão representativa da classe dos vendedores de automóveis.

Pelos mesmos membros do Governo foram também recebidos o presidente do Sindicato dos Caixeiros d oDistrito de Lisboa, o vice-presidente da secção de Praça e Viajantes do mesmo Sindicato.

O dr. Silva Pinto teve ainda, esta manhã, uma reunião de trabalho com o presidente do Grémio dos Industriais de Borracha.

VIDA POLÍTICA

● Ministro das Corporações e Saúde

O ministro das Corporações e Saude recebeu o governador civil de Coimbra, acompanhado dos deputados pelo círculo e dos presidentes das camaras do distrito.

● Ministro dos Negócios Estrangeiros

O ministro dos Negócios Estrangeiros dr. Rui Patrício, recebeu em audiência os vencedores do concurso «Brasil-Portugal: duas Pátrias, uma só Família», que é organizado entre os estudantes brasileiros dos estabelecimentos de ensino médio dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina

Os galardoados receberam como prémio uma viagem ao nosso País com estadia de um mês.

● Ministro das Obras Públicas

Foi exonerado, a seu pedido, do cargo de secretário do sr. ministro das Obras Públicas o sr. dr. Vítor Manuel Ruivo, e nomeado para exercer as mesmas funções, em comissão de serviço, como jurista de 2.ª classe da Junta Autónoma de Estradas, para que fora contratado.

● Secretário de Estado da Saúde e Assistência

O secretário de Estado da Saude e Assistência recebeu, em audiência, o governador civil de Coimbra, os srs. dr. Alberto Veiga de Macedo, dr. Paiva Brandão, deputado Santos Bessa, dr. Assunção Teixeira e general Aníbal Vaz; uma comissão de cirurgiões do Banco dos Hospitais Civis de Lisboa, e, ainda, uma comissão da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral.

Empossados os Conselhos da Imprensa Nacional

No gabinete do ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, foram conferidas posses, esta manhã, aos novos conselhos de administração e fiscal da Imprensa Nacional, tornada, recentemente, empresa publica.

Preside ao primeiro daqueles conselhos, o dr. Higino Borges Menenses, e dele fazem parte, como administradores, o dr. Guedes Brasão e o sr. Ramiro Farinha; e ao segundo, o dr. José Gaspar da Cruz Filipe, sendo vogais os drs. José Carlos Pereira de Melo e Luís Filipe Demony.

No decorrer da cerimónia, á qual assistiu o dr. Pires de Lima, secretário-geral do Ministério do Interior, usaram da palavra os drs. Borges Meneses, Cruz Filipe e Gonçalves Rapazote.

Professores e proprietários de colégios discutem o novo Contrato Colectivo

Em prosseguimento das negociações em curso para a revisão do contrato colectivo de trabalho, efectua-se hoje uma reunião entre membros do Sindicato Nacional dos Professores e do Grémio Nacional dos Proprietários dos Estabelecimentos do Ensino Primário. A reunião, a primeira desde a posse da actual direcção do Sidicato, realiza-se na sede do Grémio. Recorda-se que o contrato em vigor foi celebrado em Abril de 1961.

Metalúrgicos

A classe dos operários metalurgicos destes distrito enviaram ao novo ministro das Corporações um pedido de audiência, para exporem a esse membro do Governo, de viva voz, a anormalidade da vida sindical.

CÂMARA DE CASCAIS

Pelo Ministério do Interior foi enviada para o «Diário do Governo» uma portaria que exonera, a seu pedido, o vice-presidente da Camara Municipal de Cascais, D. António Castelo Branco. Em sua substituição é nomeado o eng. Tomás da Costa França, actual chefe da repartição de Urbanização da Camara Municipal de Lisboa.

RIBATEJO: a situação melhora

SANTARÉM, 30 — Em todo o seu curso, o Tejo está gradualmente a normalizar-se. Hoje, já se encontravam livres ao trânsito todas as estradas e diques. Assinala-se a satisfação que causou em toda a zona ribatejana o comunicado proveniente da Presidência do Conselho em que se preconiza a tomada de medidas oficiais, tendentes a socorrer a lavoura desta área, tão abalada pela cheia de maior duração deste século.

O sr. Virgílio Arruda, presidente da Junta Distrital, enviou um telegrama ao sr. Presidente do Conselho, no qual se manifesta a gratidão daquele corpo administrativo pelas resoluções que o Governo lestamente tomou no sentido de reparar os prejuízos das cheias. Igualmente se dá relevo á satisfação com que se encara a efectivação do plano de regularização do rio Tejo.

Recepção aos «caloiros» do I.S.P.A.

A partir de domingo, decorre a semana de recepção aos novos alunos do Instituto Superior de Psicologia Aplicada. O programa inicia-se, depois de amanhã, ás 21 e 30, com um convívio na Associação dos Estudantes do Técnico, em que serão interpretadas canções e lidos poemas.

Na segunda-feira, á mesma hora, haverá um colóquio, na Casa da Imprensa, sobre «Cinema», sendo exibido o filme «Belarmino».

De terça a sexta-feira, sempre ás 18 e 30, decorrerão, na sede do I. S. P. A., na Rua da Emenda, 40, mesas-redondas subordinadas aos temas «Economia (subdesenvolvimento)», no dia 3; «Ciências Humanas e opções ideológicas, no dia 4; «Sociedade de consumo e publicidade», no dia 5; e «A violência na sociedade actual», no dia 6. Para estes debates, foram convidados especialistas.

A recepção aos «caloiros» terminará no dia 7, com um «psicostrómico» baile de confraternização, na sede do I. S. P. A., a partir das 18 horas (e até ás 8 do dia seguinte).

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FANHÕES

Na respectiva sede social, ao Largo José António Simões Fernandes, em Fanhões, realiza-se amanhã, ás 21 e 30, o sorteio anual promovido pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Fanhões.

53.ª EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL DE LISBOA

SIMULTÂNEAMENTE COM A

EXPOSIÇÃO MUNDIAL DE AVES

AMANHÃ: Classificação e provas de obediência

DOMINGO: Classificação, provas de obediência; distribuição de prémios; concurso «A criança e o cão»

DAS 15 ÀS 20 HORAS NA

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

Entrada 10$00

AS RELIGIOSAS QUE ABANDONAM O CONVENTO

A REVOLTADA E A REFUGIADA (conclusão)

Vai sendo cada vez mais raro que um abandono do convento seja considerado uma deserção, e, muito menos, uma coisa vergonhosa. Materialmente é fácil cair e seríamos tentados a dizer que se trata de uma moda, porque há uma onda de abandonos, ou de contágio, porque o mal está a espalhar-se. Afirmá-lo seria negar a existência de um problema; seria igualmente recusar-se a ver as coisas de frente explicar estes abandonos simplesmente como decorrentes da crise geral da Igreja, e, mais especialmente, da crise da vida religiosa. Contudo, é impossível isolar o fenómeno «abandonos» da contestação de que é alvo o estado religioso e que não deixa insensíveis «as irmãzinhas» como dantes se lhes chamava.

Por ROBERT SOLÉ

(Exclusivo «Le Monde» - «Diário de Lisboa»)

Cada dia que passa, a religiosa vai-se apercebendo cada vez mais de que a vida cristã já não é uma vida de dois «andares», que a moral já não tem dois níveis. Ontem sobre um pedestal, hoje colocada ao mesmo nível que um leigo. A via que escolheu já não é «sobrenatural»: limitam-se a dizê-la «privilegiada», ou, muito simplesmente, «original». O seu estilo de vida é contestado, as vocações rareiam. Ela própria é posta em causa como religiosa.

A isto vem juntar-se, nas menos jovens, um certo pânico. A superiora já não representa o refugio e a segurança de outrora. Já não tem resposta para tudo. Em muitos casos, também ela se sente um tanto perdida e não sabe muito bem em que irá dar a vida religiosa. Os abandonos, que ela, por vezes, interpreta, muito naturalmente como falências pessoais, angustiam-na. E ela não pode impedir-se de deixar transparecer essa angustia. Em tempos, um caso difícil tinha a sua solução natural: uma religiosa em dificuldades era geralmente transferida, com alguns encorajamentos. Esqueciam-na e ela acabava talvez por esquecer as suas dificuldades e por se acomodar. Hoje a superiora prefere ligar o telefone e chamar um psicólogo. Aliás, formou-se um departamento de auxílio para religiosas em dificuldades, cujos membros não têm, de modo nenhum, o objectivo de reter, a todo o custo, uma religiosa no convento.

Dificuldades que vêm sempre à superfície

Nem todas as religiosas em dificuldades são enviadas a um psicólogo pelas superioras. Algumas dirigem-se directamente a um especialista, por diversos motivos, que escondem, ás vezes, a verdadeira razão da sua inadaptação ou das suas dificuldades. «*Nós não examinamos a décima parte daquelas que deveriam lógicamente dirigir-se a nós*», afirma um desses especialistas. E, no entanto, os pedidos de consultas têm-se multiplicado há alguns anos. Teriam passado, proporcionalmente, de duas ou três por ano a uma por semana.

Uma religiosa «em dificuldade» é seguida durante vários meses e geralmente convidada a aceitar o princípio de uma psicoterapia, salvo se já passou dos 40 anos. No fim do tratamento, nenhuma solução lhe é sugerida. Ela toma, por si mesma, uma decisão — regresso puro e simples á comunidade, mudança de congregação, partida provisória ou definitiva.

Um psicoterapeuta, que actualmente segue o caso de 12 religiosas, na sua maioria enviadas pela superiora, fez o seguinte prognóstico: dentro de cinco anos, seis terão saído e três delas tentarão casar. Das seis restantes, uma terá mudado de congregação, a seu pedido, outra porá problemas de vocação, uma terceira ficará, mas só porque seria criminoso mandá-la embora. Das seis que voltarão para o convento, só duas têm uma vocação séria e atravessam dificuldades passageiras.

Uma primeira série de abandonos parece ter sido provocada por crises psicológicas ou psicopatológicas. Um consultor sublinha a propósito o caso «*de mulheres bastante passivas, imaturas, escrupulosas, fúteis, com uma preocupação exagerada de aperfeiçoamento espiritual, subalimentadas, afectivas, depresstvas, com atitudes nevróticas de regressão infantil*».

A vida em comunidade, sobretudo a partir do momento em que se decide passar de uma passividade submissa para uma vida individualmente responsável, funciona como revelador. Se o sujeito nem sempre toma consciência da sua própria evolução, os membros da comunidade que sofrem essa influência durante os sete dias da semana depressa se apercebem do fenómeno.

Outro motivo de crise que não é o menos grave: a tomada de consciência — geralmente bastante tardia — da sexualidade. Esta tomada de consciência perfeitamente natural —«*não serei feita para me casar? Deverei abafar este instinto de maternidade?*» — só representa uma dificuldade e um ponto de interrogação quando a sexualidade foi, não só incompreendida, mas literalmente banida de toda a reflexão. Infelizmente foi esse o caso durante muitos anos. E até data recente, as regras de numerosas congregações reduziam o capítulo *castidade* a estas simples linhas: «*A matéria que respeita ao voto de castidade não tem necessidade de explicação, porque se sabe perfeitamente como ela deve ser mantida, fazendo-se todos os esforços para imitar a pureza dos anjos, pela pureza do nosso corpo e da nossa alma*».

As crises psicológicas ou psicopatológicas existiram desde sempre. Hoje dá-se muito mais por elas. Talvez devido ao sentimento de insegurança que muitas religiosas experimentam. Talvez também porque o quadro é menos rígido e, portanto, mais sensível áquilo que o abala. É de notar que numerosos casos destes escondem, muitas vezes, uma ausência de vocação.

Mulheres piedosas, sem vocação

Os abandonos são provocados, em grande parte, por pseudovocações incon-

(Continua na página seguinte)

ECOS

A candidatura de Jorge Amado ao Prémio Nobel, com autênticas probabilidades de êxito, suscita decerto em muitos intelectuais portugueses uma reacção de orgulho e satisfação. Trata-se de um grande escritor de língua portuguesa, que soube, numa linguagem poética e intensa, viva, tumultuosa, exprimir a realidade social do nordeste brasileiro em inolvidáveis romances de épica, erótica e picaresca como «Terras do Sem Fim», «São Jorge dos Ilhéus». Haverá quem possa achar desfalecimentos ou alheamentos discutíveis na vida civil de Jorge Amado, o que não afecta, de toda a maneira, o julgamento crítico que pronunciamos e que o futuro há-de pronunciar sobre a sua obra. A candidatura do autor de «Gabriela Cravo e Canela» faz-nos, todavia pensar que, a seu lado, bem mereciam aparecer como candidatos de obra porventura menos vasta e tentacular, mas de qualidade não inferior, duas figuras extraordinárias da nossa literatura, que são, por sinal, um e outro prosadores e poetas: Miguel Torga e Jorge de Sena. Aqui deixamos o alvitre.

★

UM muito belo livro de poemas, com tudo o que é puro na identificação da palavra e da memória, da linguagem e da invenção do dia novo. Versos como os de «Homem de Palavra(s)», de Ruy Belo, onde há tudo, mas tudo, o versilibrismo e o bronze dos sonetos mais perfeitos, a ironia e a saudade, a fantasia desatada e a ferroada enérgica, o realismo à Cesário e a irrealização do quotidiano, versos como estes ficam para o futuro, tanto os que compõem a doçura de «A minha tarde», como os dessa viril e comovida canção (que há-de ser cantada) «Os Estivadores», que assim termina: «Ode marítima é que chamo à ode / escrita ali sobre a pedra do cais / A natureza é certo muito pode / mas um homem pode bem mais.»

ANTI-ROTEIRO

Uma coisa: a noite não deve ser escolhida. Tem de haver «happening» mais ou menos verdadeiro na descoberta de uma cidade. Primeiro é preciso seguir no cacilheiro até à Outra Banda, de costas voltadas para Lisboa, sempre, resistindo a todas as tentações de olhar para trás. Desembarcar, dar duas voltas curtas pelo largo onde param as camionetas em Cacilhas, e entrar num outro ou no mesmo cacilheiro, tanto importa. Escolhe-se um lugar na proa, ignora-se o frio (ou arranja-se maneira de o não sentir) e encara-se Lisboa, ao longe, quando o barco começa a embicar para o amontoado de luzes. Não, nada disto se pode fazer sòzinho. A cidade vai ser «revisitada»; convém levar o «Atlântico» connosco, o «além-Atlântico», que também quer saber a idade das pedras que sustentam, ao longe, as luzes coloridas. À medida que as formas se começam a distinguir, os nomes dos locais, dos monumentos surgem nos lábios — com erros, claro, com erros, para que tudo acabe por estar certo. O português rude, de sílabas marcadas, cortando ou respondendo ao português «doce», que pergunta, que quer saber, que exige o nome certo dos monumentos e graceja com a confusão das luzes e dos sítios. A cidade vai chegando ao barco — é essa, pelo menos, a sensação. Os pormenores avolumam-se e já se avistam pessoas no cais. Numa visita destas nunca se espera que o barco tenha a ponte. Dá-se um salto e ajuda-se quem vai connosco a saltar. Sobe-se o Alecrim, cumprimenta-se o Eça e chega-se ao Chiado, onde já não há quase gente. Um grupo de marinheiros desemboca de uma das muitas ruas que cortam a da Misericórdia: vêm contentes (ou não), aproveitam os sinais de trânsito para fazer elevações a pulso, em paralelo com o chão. A chegada à Cervejaria da Trindade marca uma pausa. Através dos copos de cerveja olham-se os azulejos e, quando o criado diz que aquilo vai fechar, sai-se à deriva, à procura de pedras fixas, das pedras que prendem as cidades velhas. Uma volta pelo Bairro Alto. Na Rua Luz Soriano, uma paragem no portão fechado do «Diário de Lisboa». Através dos vidros, quatro pares de olhos admiram os azulejos, vivos, irreverentes, de Stuart Carvalhais. Pouco depois, as escadinhas do elevador da Bica são pisadas por botas gaúchas (por mim, Lúcia, mesmo que sejas de Juiz de Fora, não me conformo que o não sejam!). Voltas e voltas. Miradouro de Santa Catarina, onde se lê perigo, perigo, perigo — como devia estar escrito em todos os locais de solidão. E o velho Adamastor, solitário de vocação, impõe o silêncio. Os arcos, as ruas, as perspectivas e a consolação de quem pergunta, apenas com os olhos, o que está a acontecer. A descoberta dos enquadramentos, os azulejos, as portas (velhas ou novas), as escadinhas, a raiva que haja automóveis estacionados e um lampião de rua que alguém sugere levar para longe, para Brasília. Quando se volta ao Largo de Camões, os «almeidas» lavam conscienciosamente a papelada do dia. A Rua Garrett e a do Carmo só interessam por contraste. Um táxi rápido — e aparece Alfama. O táxi foi uma velhacaria necessária. O ideal seria prescindir-se dele, pura e simplesmente. Mas quando surgem as primeiras ruelas do bairro semeado ao acaso, os primeiros becos, os primeiros recantos, onde não se vê um turista americano, onde de mãos dadas só murmuram lábios palavras portuguesas (rudes e doces), tudo se esquece. Entrar numa casa de fados seria o delírio. Que só se lide com o bom-gosto fabricado de quem não teve a sensação de ter bom-gosto. Que se olhem os traços rudes da gente triste (pouca) que por ali anda, e se fixe nos olhos o que nenhum «slide» pode dar. Depois dos becos e das escadas, de se subir e de se descer, surge o miradouro de Santa Luzia. Assim, sem mais nem menos. A beleza é tanta. Sufoca-se. Há novamente fome de becos, e, numa espécie de largo, simétrico e com roupa estendida, a enxugar, a enxugar por pura necessidade de quem ali mora, as cabeças aproximam-se, enquanto, longe, chega uma voz que, sem imposto de turismo (para nós), canta o «Embuçado». Murmura-se num português doce e rude, onde cada palavra é um crime ao silêncio, um atentado a quem se encontra e sente que Lisboa — daquém e dalém mar — vive solitária e despida, na árvore raquítica, mas firme, que não estiola no coração do bairro antigo.

PEDRO RAFAEL

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sábado, dia 31, a nossa Sala «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO» se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se no entanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Agradecemos que as reservas de mesas para os Jantares sejam feitas até ás 19 horas.

O prefácio do bispo do Porto aos «Contos Exemplares»

de Sophia de Mello Breyner Andresen

Está na terceira edição o volume de «*Contos Exemplares*» de Sophia de Mello Breyner Andresen. A crítica ao volume está feita e o nome da sua autora, com relevo tanto na vida intelectual como cívica do País, consagrado.

Inédita nos parece a consagração desta terceira edição no livro com o largo prefácio do sr. bispo do Porto. Um bispo a apresentar ao público um livro de ficção e mais ainda um volume em que o primeiro conto se intitula «o Jantar do Bispo» e o último «Os três Reis do Oriente»?

E não se trata de contos apologéticos, mas de obra literária válida em que a vida, a poesia, e o esforço do homem em busca de uma dignidade mais alta sobressaem como em toda a obra de Sophia de Mello Breyner Andresen.

E se a literatura de Sophia de Mello Breyner Andresen tem vigor e coragem, o prefácio que o eminente prelado marca lugar àparte no plaino charro da nossa caminhada colectiva. Pois não começa D. António Ferreira Gomes por perguntar:

— «*Fazer* exemplares *estes contos, quando certa literatura* up to date *se quer situar fora da moral e dos valores — a moral que é tida como a defesa, a máscara embelezante dum tipo de sociedade inutilmente opressiva e repressiva — fora também da coerência e do bom-senso, para instalar-se còmodamente (ou angustiada e nauseadamente, tanto vale!) na dispersão, na confusão, no Absurdo, Angústia e Náusea?!*»

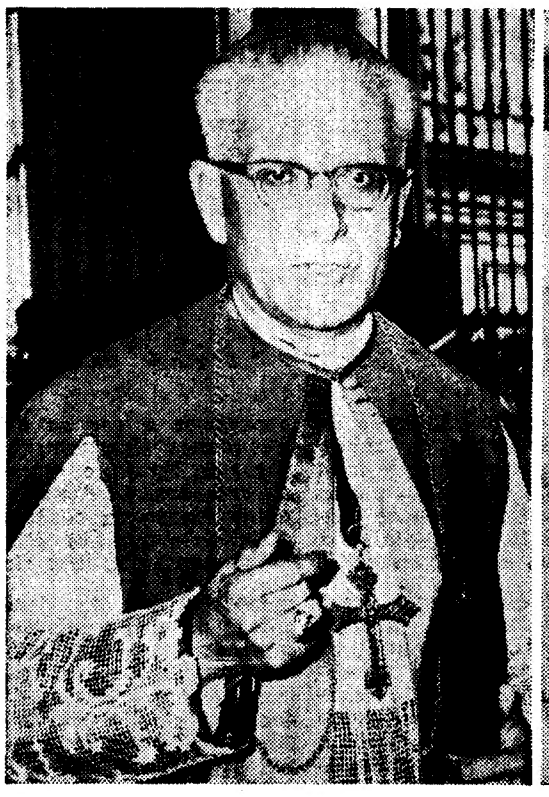
E não vai o prelado, no seu ensaio de meia centena de páginas até aventar:

«*Talvez algum dia se venha a reconhecer que o maior provocador, e por isso instaurador, no nosso tempo, da Teologia cristã foi Nietzsche ao proclamar, e ainda assim só pela voz dum louco, o louco do grande drama da busca de Deus (que é preciso ser-se louco para ter a coragem de buscar Deus, de verdade, e de o dizer): «Deus morreu... Nós outros, tu e eu, o matámos!... Como pudémos nós fazê-lo... beber todo o horizonte... desencatodo o horizonte desencadear do sol esta nossa terra!!*»

E ainda:

«*Que a poesia de hoje, ao contrário dos meros jogos malabares de engenho da idade barroca, quer ser e é religiosa nos seus melhores expoentes, não carece de qualquer demonstração nem sequer mostração. O que ficará em problema e constitui um grande e interessantíssimo problema para o filósofo e para o teólogo, é se será cristã ou aliás se é como poderá ser cristã. Rainer Maria Rilke, o «puro poeta», o poeta do nosso século (ainda não substituido e que talvez bem tarde o venha a ser) não só é e se quer religioso, mas mais do que isso* sacerdotal: *e sacerdotal não no mero sentido sacrificial dos pagãos, mas no amplo sentido cristão (que ele teria por pós-cristão) do pastor, do celebrante do culto e do mediador para com Deus. E sendo assim, não apenas geralmente cristão, mas pròpriamente católico.*»

Na exposição do valor ontológico da poesia de hoje, encontramos uma erudição e uma profunda reflexão, pensamento amadurecido a denotarem até onde foram as leituras e as exegeses poéticas e filosóficas do prelado. Será isso revelação para muitos? Talvez, mas não são os poetas, nem os ensaistas, os mais distanciados da Teologia. Não são. E há pormenores de crítica e valoração como este: «*O maior poeta português da primeira metade deste século, e nosso unico poeta de projecção internacional depois de Camões, sabe-se que viveu na dispersão da personalidade própria, na sensação como que física de não ser uma pessoa (em contraste com o nome de família) e de se exprimir portanto numa legião de heterónimos, como actor ou «fingidor»* — larvatus prodeo, *como de si mesmo dizia o pai da filosofia moderna, Descartes.*»



O prefaciador da terceira edição do livro «Contos Exemplares» e a autora, respectivamente, D. António Ferreira Gomes e Sophia de Mello Breyner Andresen

E bem longe de se afastar do livro que prefacia D. António Ferreira Gomes com a imaginativa temática do volume entrelaça o seu ensaio. E termina:

«*Ao bispo amàvelmente forçado a abrir estes «Contos», só resta agradecer a Sophia a generosidade de, tendo mostrado o pobre Jerarca ilaqueado nos jogos humanos até vender o seu Padre «pelo telhado duma Igreja», da igreja da Senhora da Esperança, o mostrar depois capaz de remorso, de resgate e redenção: que o Bispo volte a ser, mais que o construtor de igrejas, o construtor da Esperança. Até mesmo da Esperança de que a prática e a «fé» do nosso bom povo deixe de ter, no momento da tentação, a voz sobrerrealista da cozinheira Gertrudes: — «Nos tempos que correm, já não há Deus nem Diabo. Há só pobres e ricos. E salve-se quem puder...*»

Há novidade nos *Contos Exemplares* de Sophia de Mello Breyner Andresen e há mais novidade ainda nesta linguagem sólida, corrente, franca, de um bispo que fala como as demais pessoas e que emparceira com a demais gente. Se a linguagem do poeta de hoje é diferente «dos meros jogos de engenho da idade barroca», também esta língua de prata de um bispo está longe das tão características palavras glicodoces de algum dia. Não se lhe sente nem a cera nem o incenso. Ressumam só Humanidade e Esperança.

RAUL RÊGO

AS RELIGIOSAS QUE ABANDONAM O CONVENTO

(Continuação da pág. anterior)

fessadas, arrastadas e camufladas durante anos e anos e que se revelam, pouco a pouco, quando surge uma dificuldade. Os anos do após-guerra, durante os quais as pessoas faziam bicha á porta dos conventos são responsáveis em parte pelos actuais abandonos. Vocações «sociológicas» que eram sustentadas e desenvolvidas por um dado meio, vocações-evasões que tinham tendência para transformar certos conventos em campos de refugiados, estão a morrer.

Por agora, numerosas religiosas de idade, manifestamente sem vocação, «estão a mais» nos conventos. Sentem-se infelizes ali e tornam as «irmãs» infelizes. Bem entendido, não se põe o problema de as convidar a sair. A dificuldade é provisòriamente insolvel. E assim, ao problema que levantam as que partem vêm somar-se outro, talvez tão doloroso como o anterior: o das que ficam.

A terceira causa de abandono afecta certas religiosas que não conseguiram adaptar-se ás primeiras consequências do *aggiornamento* empreendido, há quatro anos, pelo decreto *Perfectae caritatis*. Uma religiosa escreve a este respeito no ultimo numero da revista *Gchanges*, conhecida pela sua abertura: «*As mudanças actuais da vida religiosa, a conversão das antigas estruturas, a dificuldade de encontrar um terreno de diálogo para forjar novas estruturas, a ausência das que eram garantias da sua vida para as religiosas, deixam-nos desamparadas, incapazes de se situarem...*»

As desamparadas pelo «aggiornamento»

Tem-se a impressão de que estas religiosas ficaram durante anos metidas numa redoma contra cujas paredes podiam chocar-se mas nas quais se apoiavam também. A redoma foi progressivamente retirada e agora vêem-se ao ar livre, desamparadas.

Algumas pensam partir. Outras, muito mais numerosas agarram-se desesperadamente ás antigas estruturas, recusando e bloqueando a evolução da sua comunidade. E muitas vezes conseguem-no porque estão em maioria, o que desencoraja as mais jovens, desejosas, pelo contrário, de apressarem a evolução.

A esclerose das estruturas e a timidez na aplicação do renovamento são portanto uma quarta causa de abandonos. Deste modo os conventos perdem alguns dos seus elementos mais dinâmicos, que, por vezes, tentam, depois de sair, novas experiências de vida comunitária.

Outras, revoltadas, batem com a porta. Finalmente, algumas tentam «*preparar primeiro as coisas*» — encontrar trabalho ou ter mais ou menos a garantia de que serão aceites noutro instituto. Daí as muitas visitas clandestinas a pessoas conhecidas por receberem religiosas em vésperas de ruptura. Uma vez em duas, o diálogo começa pela palavra: «*Sufoco*».

Religiosas que estão longe de serem contestatárias sistemáticas, fazem notar que, se a mudança de espírito nascida do *aggiornamento* se opera por todo o lado, ainda não se aplica.

Seria, aliás, interessante ver em que medida os leigos são responsáveis pela imobilidade—ou antes pela evolução demasiado lenta — das estruturas e pela sua inadaptação ao mundo moderno, como a situação da mulher de hoje. Leigos, demasiado presos, afinal de contas, ás «irmãzinhas» entravam a evolução, porque não as compreendem.

Observava uma religiosa: «*Se tivesse que esperar pela luz verde do meu bairro para poder circular sem hábito*.»

A locomotiva da Igreja?

Não é com numeros sem grande significado que se conseguirá discernir tudo o que provoca os abandonos dos conventos de mulheres. Que mais não fosse, porque há diferentes formas de abandonos — incluindo os disfarçados — e um numero importante de «candidatas ao abandono» que não ousam partir, ou, pelo menos, não têm a consciência de que deveriam fazê-lo.

Como os abandonos se somam á baixa muito sensível das vocações, são muitas as religiosas que afirmam hoje que a sua congregação vai diminuindo ao máximo. «*Agora somos 1500, dentro de 10 anos, seremos apenas 300*», dizem elas, acrescentando com certo ar de desafio: «*E então?*»

A situação actual, agravada por uma pirâmide desfavorável das idades — 67 % das religiosas da França tinham mais de 46 anos em 1963 — inquieta-as? «*Uma nova religiosa está a nascer*», afirmam muitas delas. «*A sua gestação é, por vezes, confusa, dolorosa. A imagem dessa nova religiosa é ainda vaga, mas vai-se desenhando, pouco a pouco.* E um padre francamente optimista acrescenta: «*Daqui a cinco ou 10 anos, elas irão muito além de nós. As religiosas são a ponta de lança, a locomotiva da Igreja*». Não é o unico a pensar assim.

Os capítulos da renovação

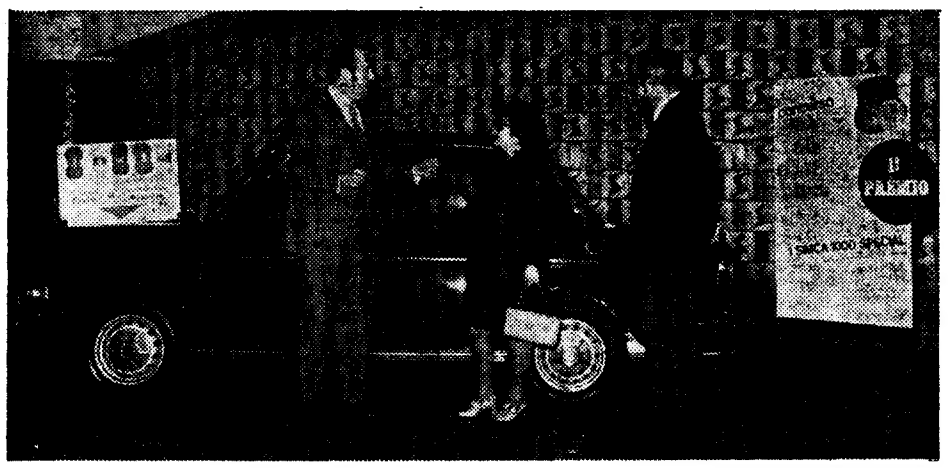
Promulgado a 28 de Outubro de 1965, o decreto «Perfectae Caritatis» provocou práticamente a evolução da vida religiosa. Abriu portas e sugeriu em que sentido positivo devia ser repensada a concepção tradicional dos três votos.

Sobretudo convidava as congregações a renovarem-se e a adaptarem-se ao mundo moderno, e, para isso, a reverem as suas estruturas e as suas constituições. Um «motu proprio» vinha pouco depois tornar obrigatória, para as congregações e ordens religiosas, do mundo inteiro, a reunião de um capitulo geral especial para apressar a renovação. Fixava-se um prazo de três anos, o qual expirará em 1970.

Para preparar esse capítulo, deviam ser consultados todos os religiosos e isso era um facto novo: pela primeira vez era convocada a «base» não já apenas para eleger os seus representantes, mas também para exprimir livremente a sua opinião. Na maioria das vezes, isso fez-se sob a forma de questionários e suscitou numerosas discussões no seio das comunidades e mesmo nos carmelos.

Durante o período transitório e até á promulgação de um novo direito canónico dos religiosos e de novas constituições para as congregações religiosas são autorizadas experiências, no que toca á formação e modalidade de governo da vida comunitária.

CONCURSO FIO TRICOT CRYLOR



Realizou-se, no passado dia 17, no stand da Sidial, a entrega de um Simca 1000 S á Ex.ma Sr.ª D. Maria Isabel Marques Coelho, 1.ª premiada no concurso Fio Tricot Crylor. Estiveram presentes o Sr. Bernard Des Georges, director do Departamento Têxtil da Soc. Portuguesa La Cellophane, Ld.ª, agente em Portugal da Rhône-Poulenc Textiles e promotora do referido concurso, e o Sr. Gerard Bernatets, gerente da Sidial, concessionária da Chrysler Portuguesa.

ESTA SEMANA NA CINEMATECA

«PÁGINAS DO LIVRO DE SATANÁS», de Carl Th. Dreyer

TÍTULO ORIGINAL — «Blade ad Satans Bog».
REALIZAÇÃO — Carl Theodor Dreyer, 1920 (Dinamarca).
ARGUMENTO — Edgar Hoyer e Carl Theodor Dreyer, segundo uma novela de Marie Corelli.
FOTOGRAFIA — George Schneevoigt.
MONTAGEM — Carl Th. Dreyer.
INTÉRPRETES — Helge Nissen, Jacob Texiere, Hallander Helleman, Tenna Kraft, Carlo Wieth, etc.

O segundo programa do ciclo retrospectivo da obra do grande cineasta dinamarquês Carl Theodor Dreyer foi preenchido com a exibição de «*Páginas do Livro de Satanás*», obra realizada em 1920 sob a nítida influência da «*Intolerância*» do norte-americano Griffith.

Tal como em Griffith, também Dreyer opta pela construção de um filme em episódios, onde se relatam quatro histórias de fanatismo e intolerância que demonstram como tem sido constante a acção de Satanás sobre a existência do homem na terra. O primeiro episódio localiza-se na Palestina, durante a vida de Cristo, e fala-nos de Judas e da maneira como ele foi levado a trair Jesus. Na segunda história a acção vai passar-se em Espanha, na época da Inquisição, e, desta feita, é um astrónomo a vítima escolhida pela superstição e intolerância que o levam à morte. O *Sketch* seguinte situa-se durante a Revolução Francesa e descreve a perseguição de alguns aristocratas pelos desapiedados jacobinos de rostos patibulares. Finalmente, o último episódio fica-se pelos ambientes nórdicos, confrontando nos novas desventuras de indefesas vítimas: na Finlândia, após a Revolução russa, os P. P. K. entretêm-se a pregar à força o «catecismo vermelho». Mas agora Satanás perde o encontro, porque uma jovem mulher prefere morrer a trair a pátria, pelo que, no final, tudo resulta em glória de Deus e do Bem.

Este filme de Dreyer é francamente inferior e (contrariamente a Jean Sémolué, que o considera bem mais próximo do verdadeiro estilo de Dreyer do que «O Presidente»), parece-nos uma obra pouco representativa no contexto da sua filosofia. Ainda que não totalmente irrelevante. De um ponto de vista de mobilidade de câmara, de iluminação de rostos e grupos humanos, de montagem, «Páginas do Livro de Satanás» representa uma etapa a considerar na carreira do autor. Até de uma perspectiva estritamente temática a obra encerra curiosas referências do universo particular de Dreyer: intolerancia, sacrifício, opressão, violência nas relações humanas, a presença constante do sobrenatural, novamente o tribunal, os juízes, a falência da justiça humana, tudo isto é visível na obra de 1920. Falta-lhe, porém, o rigor do discurso de uma secura imperturbável que se adivinha já em «O Presidente». Falta-lhe o insólito aproveitamento do «décor». Falta-lhe a luminosidade (externa e interna) que «O Presidente» ostentava com generosidade. Para além disso, a referência a Griffith é constante e não há duvida de que nesse paralelo Dreyer perde a partida em favor da complexa escrita desse outro cineasta genial.

De todos os episódios, o único que consegue uma certa consistência interna é talvez o da Inquisição, pela força que dele se liberta. Magníficos são alguns planos (que prenunciam «Joana d'Arc») numa cela de um convento, na qual um frade violenta a filha do astrónomo. Aí sim, aí Dreyer atinge um vigor exemplar na construção, espaços que se suportam em paredes nuas e ameaçadoras.

*

Na próxima quinta-feira o ciclo prossegue com a projecção de «O quarto matrimónio da senhora Margarido» (1920).

LAURO ANTÓNIO

Tony de Matos (vedeta do filme «O destino marca a hora», que estreia no próximo dia 11 de Fevereiro) gravou mais quatro composições em disco para a «Estúdio». Títulos e autores das interpretações: «Falando mal de você» (David Nasser-Moacir Franco), «Contigo aprendi» (Armando Manzaneiro-versão de Nazareno Brito), «É só mentira» (Júlia Sofia Santos) e «Amor para nós dois» (M. Remiges-A. Testa).

A PEÇA DE BECKETT «OS DIAS FELIZES» VOLTA À CASA DA COMÉDIA

A Casa da Comédia, a fim de prestar homenagem a Samuel Beckett, Prémio Nobel de Literatura, levará de novo á cena do seu teatro de bolso das Janelas Verdes, a peça deste dramaturgo irlandês e universal, «Os Dias Felizes», que tanto êxito alcançou entre nós aquando da sua estreia em Lisboa, com a interpretação de Glicínia Quartin, o que lhe valeu o Prémio da Melhor Interpretação Feminina.

Esta decisão da Casa da Comédia corresponde, também, aos inúmeros pedidos feitos pelo público que aprecia bom teatro. Assim, a empresa do Teatro Nacional de Dona Maria II, cederá, apenas por alguns dias, a artista Glicínia Quartin, para representar aquele difícil papel.

A reposição de «Os Dias Felizes», está prevista para os primeiros dias do próximo mês de Fevereiro, enquanto a direcção da Casa da Comédia estuda o repertório de autores de teatro nacionais que serão representados, ainda este ano, no seu pequeno palco da Rua de São Francisco de Borja, 22.

A marcação de lugares poderá, no entanto, ser feita já, a partir das 18 e 30, pelo telefone 677299 ou directamente na sede da Casa da Comédia.

Espectáculo para maiores de 17 anos, subsidiado pelo Fundo de Teatro.

«Esperteza Saloia» —o êxito tem quatro meses

Só muito raramente um espectáculo de revista alcança o extraordinário êxito obtido pela revista «Esperteza Saloia» que os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam, em quarto mês de representações, no Teatro Maria Vitória.

De facto, desde a graça da peça á beleza da música e bom gosto dos cenários e guarda-roupa, á excepcional interpretação, «Esperteza Saloia» é uma revista ímpar e recheada de motivos de atracção.

À frente do elenco do Maria Vitória estão os artistas Salvador, José Viana, Mariema, Barroso Lopes e Dora Leal, com as atracções Helena Tavares e «The Melodies», os artistas Vítor Mendes, Dina Maria e Cristina Cassoda, um gentil grupo de jovens actrizes e um grande «ballet» internacional.

Todas as noites o público ri como nunca riu num espectáculo do género e aplaude, com entusiasmo, muitas passagens da revista.

O GERIFALTO NO CARNAVAL DO EDEN

Sob a direcção de António Manuel Couto Viana, o Teatro do Gerifalto (subsidiado pelo Fundo de Teatro), prepara activamente os seus espectáculos de Carnaval. Está em ensaios uma peça — «O Gato de Botas» — que vai manter o prestígio da companhia, não só pela direcção artística, como pelos artistas que a interpretam, com uma larga experiência em representações para a criança, como ainda pelos cenários e guarda-roupa de autoria de Juan Soutullho.

Haverá espectáculo ás 15 e ás 18 horas de domingo, segunda e terça-feira, seguindo-se a cada sessão um Concurso de Máscaras com prémios para todos os concorrentes. Ainda em cada espectáculo, será sorteada uma bicicleta.

Tudo se conjuga, portanto, para, mais uma vez, ser o Carnaval do Gerifalto o Carnaval da criança.

CAPITÓLIO
HOJE, AS 21.45 HORAS
«O CRAVO ESPANHOL»
de Romeu Correia
M/ 17 anos Tel. 320379
AMANHÃ, ás 16 horas:
Tarde a preços reduzidos

SE UMA PULGA
incomoda muita gente...
SÓ HÁ UM PROCESSO
OUVIR MAX
MALDITA DA PULGA
Maria
Que me importa morrer
É assim a Madeira
Disco DECCA PEP 1305
A VENDA EM
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.
E NOS REVENDEDORES HABITUAIS

UMA AVENTURA A ALTAS VELOCIDADES NUM FILME SURPREENDENTE PELO RITMO, PELA BELEZA PLÁSTICA E PELA SUA HISTÓRIA ORIGINAL E EXCITANTE.

com FRANKIE AVALON · ANNETTE FUNICELLO · FABIAN · CHILL WILLS · HARVEY LEMBECK · JULIE PARRISH
HOJE NO EUROPA
ESTREIA ÀS 21,30

PORQUE SÓ VENDO SE ACREDITA
Venha hoje, às 21 h., ou às 23 horas ao
TEATRO VILLARET
RIR COM
«O Vison Voador»
comédia que só pode ser vista por maiores de 17 anos

COLISEU
HOJE, ÀS 21.30
(Maiores 12 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO DE 1970
NÚMEROS DE SENSAÇÃO
AMANHÃ:
À TARDE entrada gratuita ás crianças até 10 anos
À NOITE podem assistir crianças a partir dos 6 anos
O GRANDE CARNAVAL DE LISBOA É O CARNAVAL DO COLISEU
BILHETES À VENDA

A HILARIDADE TRANSFORMADA EM GRANDE VELOCIDADE!

As saias, então, subiram, os decotes, esses, desceram e o mundo ficou louco com o rali de **Monte Carlo!**

Com um elenco fabuloso (por ordem alfabética)

BOURVIL / LANDO BUZZANCA / WALTER CHIARI / PETER COOK / TONY CURTIS / MIREILLE DARC / MARIE DUBOIS / GERT FROBE / SUSAN HAMPSHIRE / JACK HAWKINS / NICOLETTA MACHIAVELLI / DUDLEY MOORE / PEER SCHMIDT / ERIC SYKES / TERRY-THOMAS

PROD. REALIZ. DE JACK DAVIES AND KEN ANNAKIN

PROD. DE KEN ANNAKIN / TECHNICOLOR / PANAVISION / A PARAMOUNT PICTURE

UM FILME PARAMOUNT

TITLE SONG, MUSIC AND LYRICS BY RON GOODWIN — SUNG BY JIMMY DURANTE, AND OTHER MUSIC FROM THE MOTION PICTURE SCORE AVAILABLE ON PARAMOUNT RECORDS.

HOJE — ESTREIA NO

SÃO LUIZ e ALVALADE

NO SALÃO DE FESTAS DO SÃO LUIZ — Sensacional e extraordinária exposição de automóveis antigos miniatura, gentilmente cedidos pelos Ex.mos Senhores António Saraiva Lobo, João Arboez Moreira e Eduardo Arboez Moreira.

TEATRO VARIEDADES T 32 60 37

HOJE e todas as noites ás 20.45 e 23 h.

DOMINGO: «matinée» ás 16 horas

ADULTOS

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO 2.º MÊS

PEÇO A PALAVRA!

ELOINA em «Telefone de luxo»

RIA COM

AIDA BATISTA ● CARLOS COELHO
ELOINA ● SPINA
MAX ● ANITA GUERREIRO
V. ESPADINHA ● M. FRANCO
e a atracção nacional
ANTÓNIO CALVÁRIO
á frente de um grande elenco
Um sensacional «BALLET» internacional

Uma produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

CARNAVAL

Informamos todos os sócios, e interessados, de que o nosso tradicional Carnaval se realiza nas Belas Artes

(R. BARATA SALGUEIRO)

Marcações de Mesa e outras informações na secretaria do Ateneu ou pelo tleef. 320807

O FADO JÁ SE CANTA NA «A KAVERNA»

(RESTAURANTE TÍPICO)

Nas vozes dos consagrados Artistas:

Mariana Silva - Beatriz da Conceição
Tina Santos ● Fernando Maurício

Acompanhamentos de:

João Alberto - Manuel Martins

Travessa dos Fléis de Deus, 34 — Telefs. 35591/2/3 — LISBOA — M/17 anos

TEATRO MARIA MATOS

COSTA FERREIRA INTERPRETA DE NOVO A FIGURA DE UM PADRE

Mais uma vez Costa Ferreira revelará, em «A Relíquia», as suas excepcionais capacidades de actor, aliadas a uma perfeita consciência dos personagens que lhe são entregues.

Nesta obra de Eça de Queirós, que Sttau Monteiro e Artur Ramos teatralizaram, Costa Ferreira interpreta a figura de um padre, tipo de personagem que, aliás, já lhe fora distribuído em «Tombo no Inferno». Todavia, este padre de Eça de Queirós é bem diferente do de Aquilino Ribeiro. Embora ambos enverguem sotaina, as respectivas características permitirão a Costa Ferreira revelar uma extraordinária maleabilidade, correspondente não só á sua versatilidade de actor mas, ainda, á sua personalidade de homem culto que tem oferecido ao teatro obras importantes da dramaturgia portuguesa contemporanea e, ainda, encenado alguns dos espectáculos teatrais de qualidade apresentados nos ultimos anos nos palcos do nosso País.

O padre Casimiro, vivendo «na órbita» da sr.ª D. Patrocínio, a tia de Raposão, será mais uma das criações de Costa Ferreira que o publico jamais esquecerá, tanto mais que virá integrada em «A Relíquia», o segundo espectáculo apresentado por Igrejas Caeiro no Teatro Maria Matos e que estreará brevemente.

«A RAPARIGA QUE QUERIA SER AMADA» — êxito no Mundial e Vox

A Rapariga Que Queria Ser Amada» (Sweet Charity), considerado como o «super-espectáculo» de 1970, exibe-se agora nas salas dos cinemas Mundial e Vox, num rigoroso exclusivo apresentado pela Sonoro Filme.

Fotografado em «cinemascope» e «technicolor», dirigido e coreografado por Bob Fosse, que se inspirou na obra de Frederico Fellini «As Noites de Cabiria», e musicado por Cy Coleman, com supervisão do veterano Joseph Gershenson, «Swueet Charity» resulta num filme «fora de série», alucinante de ritmo, de luz e de bailados, com todas as condições — e mais uma — para ser visto e aplaudido pelo publico mais exigente.

A história foca a odisseia de uma rapariga com passado em busca de um futuro. Essa rapariga pode considerar-se, hoje, como das maiores actrizes do mundo: Shirley MacLaine. A seu lado, os prestigiosos nomes de Sammy Davis Jnr., num numero de sensação, Ricardo Montalban, Chita Rivera e o novo galã John McMartin.

Boas canções, bailados com uma marcação dificilmente ultrapassável, e todo o optimismo de um conflito amargo e contundente, fazem deste extraordinário espectáculo o actual motivo de atenção de todos os cinéfilos da capital.

TEATRO INFANTIL NO BAIRRO DA ENCARNAÇÃO

A colectividade escolhida, esta semana, para a representação da peça infantil «Uma velha ferrunfunfelha» foi o Centro de Recreio Popular Desporto e Alegria, do Bairro da Encarnação. O Teatrinho Tico-Tico, sob a direcção de Rosa Mateus, leva alli á cena, amanhã, á tarde, aquela peça de Eduardo Damas, com música de Manuel Paião. O espectáculo faz parte da programação cultural do Município dedicada ás crianças dos bairros populares e da periferia da cidade.

MARIA VITÓRIA

● HOJE, às 20.45 e 23 h.

EM SENSACIONAL 4.º MÊS

● A COLOSSAL REVISTA

Um espectáculo de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

ESPERTEZA SALOIA

ADULTOS

UM ÓPTIMO ELENCO COM:

● SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA
● BARROSO ● DORA LEAL

AS ATRACÇÕES

● HELENA TAVARES
● «THE MELODIES»

À frente de uma grande Companhia!

● Domingo «matinée» às 16 h.

MARIEMA na «Fadista Russa»

DISCOS Estab. MELODIA

LISBOA — R. DO CARMO, 23
PORTO — R. DE S.TA CATARINA, 360
R. DE S.TO ANTÓNIO, 35

Salvador Dali apadrinhou a estreia da cançonetista Maruja Garrido no palco do Olympia. Segundo se lê na Imprensa francesa, o famoso pintor afirmou em publico que esta intérprete de flamenco é «tão genial como El Cordobés ou Picasso, porque tem em si todo o misticismo da personalidade espanhola». Maruja interpretou «Adoro», «El bardo», «Estraños en la noche», «Quiero» e dez outras composições, o que é considerado caso notável na história da popular sala de espectáculos de Paris

EM 14 DE FEVEREIRO NO AUDITÓRIO DA GULBENKIAN

ANTON DOLIN ENSAIA «GISELLE»

A convite da Fundação Gulbenkian, encontra-se em Lisboa o bailarino e coreógrafo Anton Dolin, que vem dirigir os ensaios do bailado «Giselle», com que se inaugurará a temporada do Grupo Gulbenkian de Bailado, no próximo dia 14 de Fevereiro, no grande auditório da Fundação.

Anton Dolin é considerado o maior bailarino inglês da primeira metade deste século. Fez parte da Companhia de Bailados Russos de Diaghilev, do «Vic-Wells Ballet» e do «American Ballet Theater». Foi um dos principais «partenaires» de Alicia Markova, com quem constituiu (em 1949) uma companhia que, no ano seguinte, se transformaria no «London's Festival Ballet».

Sob a direcção de Anton Dolin, «Giselle» será apresentada pelo Grupo Gulbenkian nos dias 14 e 15 (á noite), 17, 19 e 20 (á tarde), tendo como principais intérpretes os bailarinos convidados: Lucette Aldous (do «Royal Ballet») e John Gilpin (do «London's Festival Ballet»). Nos dias 15 e 16 (á tarde), o bailado é desempenhado pela artista convidada Janine Monin (da ópera de Marselha) e pelo solista Armando Jorge.

CASA DA COVILHÃ

Está convocada para esta noite, às 21 horas, na respectiva sede, à Rua do Benformoso, 150, 1.º, a assembleia geral ordinária da Casa da Covilhã que procederá à eleição dos novos corpos gerentes.

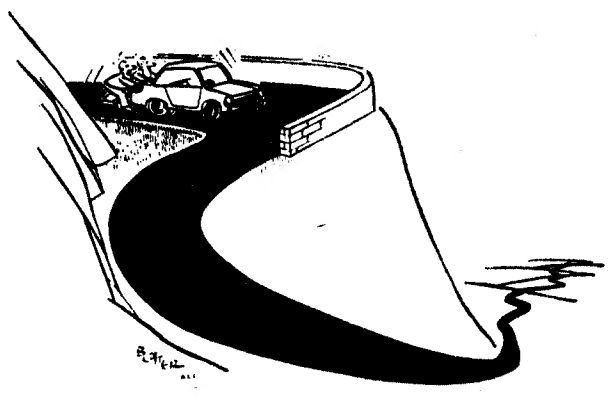
Teatro Maria Matos

BREVEMENTE — Em teatralização de **Sttau Monteiro** e **Artur Ramos**

A RELÍQUIA

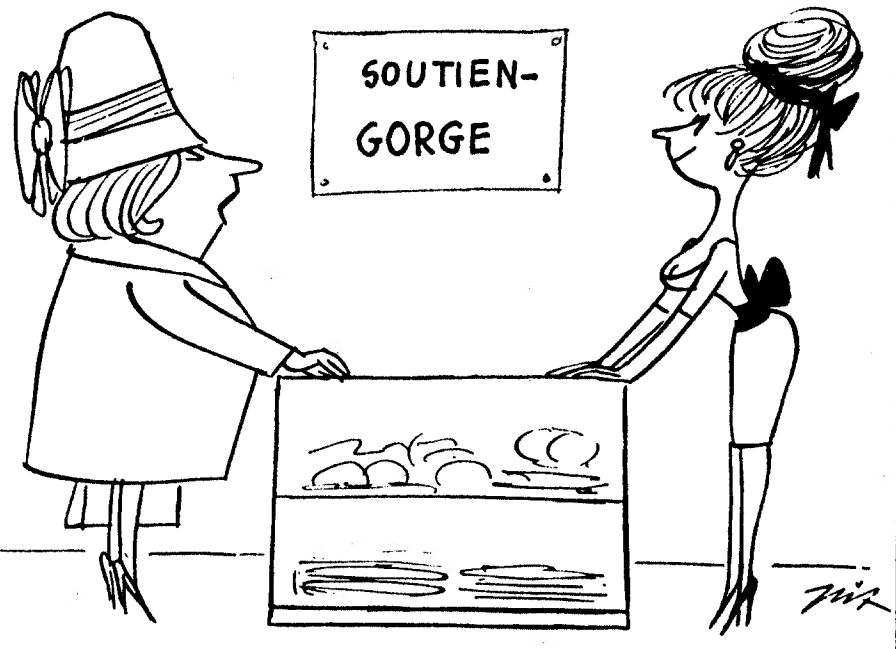
EÇA DE QUEIROZ

Uma nova produção de IGREJAS CAEIRO



— Até que enfim chegámos a uma descida...

— Vamos embora! Depois lês o resto no jornal.



— Tem alguma coisa capaz de concorrer com uma bola de futebol?

LOPES RIBEIRO FALA NO I. A. D. E.

No prosseguimento do ciclo de conferências-colóquios que se vem realizando no I A.D.E. o crítico e realizador António Lopes Ribeiro falará esta noite, ácerca da arte cinematográfica. A palestra, que decorre na Escola Internacional de Decoradores no Palácio Quintela, Rua do Alecrim, 70, intitular-se-á «7.ª arte» e, como habitualmente, será seguida de colóquio.

MISSÃO COMERCIAL AO JAPÃO
ORGANIZADA PELO
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Em seguimento ao III ENCONTRO — RELAÇÕES ECONÓMICAS COM O JAPÃO e conforme oportunamente foi comunicado, o BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO está a organizar uma Missão Comercial ao Japão.

As firmas interessadas que, por lapso, não tenham recebido para preenchimento, o respectivo boletim de inscrição devem dirigir-se ao Serviço de Relações Públicas da Sede Central do Banco, na Rua do Ouro, em Lisboa, ou à Secretaria Geral da Sede Social, Palácio Atlântico, no Porto, onde lhes serão prestados todos os esclarecimentos.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO 1919

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

MAIS UMA «RAINHA» — O Sport Lisboa e Amoreiras elegeu para o representar no Concurso da Rainha dos Clubes Desportivos e Recreativos a jovem Maria Amélia Rodrigues, de 18 anos. Para suas «damas de honor» foram escolhidas Maria de Lurdes Cruz e Ludovina da Silva Santos, de

A SESSÃO COMEMORATIVA DO 31 DE JANEIRO NO COLISEU DO PORTO

A sessão comemorativa da data histórica do 31 de Janeiro, no Coliseu do Porto, preside a grande figura de democrata e combatente da República que é o antigo ministro coronel Hélder Ribeiro.

Oradores da sessão são os srs. eng.º Lino Neto e dr. Francisco Salgado Zenha, de Lisboa, drs. Carlos Candal, de Aveiro, e Cunha Coelho, de Braga, os jovens drs. Miguel Veiga e José Luís Nunes, do Porto, e o quintanista de Medicina da Universidade de Coimbra José Baptista Geraldes. Foram, ainda, convidados a usar da palavra os srs. profs. Paulo Quintela, Henrique de Barros e Pereira de Moura, o almirante Ramos Pereira, os drs. Óscar Lopes, Vítor de Sá, Mário Brochado Coelho e Almor Viegas.

Os bilhetes para a sessão podem ser solicitados, esta noite e amanhã, na Rua de Sampaio Bruno, 169 1.º, e na Rua Formosa 189 no Porto.

O turismo no País

Foram nomeados representantes dos Serviços de Turismo nas Comissões Municipais de Turismo de Abrantes, Castelo Branco e Alcobaça, respectivamente, os srs. eng.º Luís Fernandes de Almeida Velho Bairrão, José de Paiva Morão e António Ascenso de Magalhães.

— Foi declarado de utilidade turística prévia o hotel que o sr. Luís Augusto Ribeiro da Silva pretende construir na Avenida de Badajoz, em Elvas.

Reabertura do ROYAL
AMANHÃ
COM A ESTREIA DE
CHAPEUS DE SOL
Real. DINO RISI
com
ENRICO MARIA SALERMO ★ SANDRA MILO
JEAN SOREL ★ DANIELLA BIANCHI

Agora completamente remodelado

TODA A LOUCURA...
A FANTASIA DE
ENCANTO DE
UMAS FÉRIAS

EM
EASTMANCOLOR

M/ 17 anos

EXC.
MUNDIAL
FILMES

Artes plásticas

Exposição de Barrett

Na Junta de Turismo da Costa do Sol, é inaugurada amanhã uma exposição de pintura do artista Michael Barrett.

HOMENAGEM A UM TRANSMONTANO

A Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro vai homenegear, com um almoço, o presidente do seu conselho fiscal, sr. António Manuel Esteves que, por ter atingido o limite de idade, deixa de exercer as funções de chefe de repartição da J. A. E.

O almoço realiza-se amanhã, ás 13 e 30, na sede daquela casa regional, á Rua da Misericórdia, 20-2.º (telefone 324093) onde podem ser feitas as inscrições.

A ementa, como não podia deixar de ser, é típicamente trasmontana: de couve de penca de Chaves, cozido à trasmontana, centeio e trigo de Bragança, doce regional e vinhos de Trás-os-Montes.

O PRETO NO BRANCO ATRAVÉS DO SEU BANCO

Realize os seus projectos, através do CRÉDITO INDIVIDUAL do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

VIDA MUSICAL

Friedrich Pleyer dirige no São Carlos a ópera «Tannhäuser»

A temporada de ópera de 1970 do Teatro Nacional de São Carlos prossegue hoje, ás 21 e 15, com a célebre ópera «Tannhäuser», de Richard Wagner, que será dirigida pelo maestro Friedrich Pleyer, uma das principais figuras do actual panorama internacional da musica, regente de orquestra de carreira internacional que tantos êxitos tem alcançado em todos os grandes teatros líricos da Europa e nas Américas. Os principais papeis foram disrtibuídos a artistas igualmente de carreira internacional: Helga Dernesch, Regina Dinis da Fonseca, Ernst Kozub, Wolfang Anheisser e Arnold van Mill. Os maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali ensaiaram o Coro do Teatro de S. Carlos e Margarida de Abreu coreografou as danças, a cargo dos alunos finalistas do Centro de Estudos de Bailado do I. A. C. O maestro Friedrich conduzirá a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. A encenação é de Karlheinz Haberland. Cenários de Alfredo Furiga. O espectáculo repete-se no domingo, em tarde cultural.

Wolfgang Schneiderhan de novo em Portugal para os sócios do Circulo

No domingo, ás 22 horas, apresenta-se no Teatro Nacional de São Carlos, para os sócios do Círculo de Cultura Musical, o violinista Wolfgang Schneiderhan, acompanhado do pianista Walter Klien.

Embora Schneiderhan já tenha actuado algumas vezes em Portugal, essas actuações têm sido sempre com orquestra. Com efeito, só agora foi possível apresentar o duo Schneiderhan-Klien. Além do recital previsto para o Teatro Nacional de São Carlos, os artistas actuarão na terça-feira, no Tivoli, ás 18 e 30, e, dois dias depois, para os sócios da delegação do Círculo no Porto, no Rivoli, ás 21 e 30.

Prestam-se todos os esclarecimentos na sede do Círculo, na Avenida Sidónio Pais, 8, telef. 535332.

Actividades do Circulo de Cultura Musical

Conforme já foi anunciado, o famoso duo de violino e piano Wolfgang Schneiderhan-Walter Klien apresenta-se, dentro de dias, em três recitais (dois em Lisboa e um no Porto) para os sócios do Círculo de Cultura Musical.

O primeiro destes recitais realiza-se depois de amanhã, ás 22 horas, no Teatro Nacional de S. Carlos, com um programa inteiramente dedicado a Ludwig van Beethoven, cujo bicentenário se comemora no corrente ano.

Prestam-se todos os esclarecimentos na sede do Círculo, á Avenida Sidónio Pais, 8, com o telefone 535332.

Aniversário da Casa da Comarca da Sertã

Para comemorar o 24.º aniversário da sua fundação, a Casa da Comarca da Sertã promove depois de amanhã, no restaurante de Montes Claros, um almoço de confraternização.

Entre as individualidades presentes ao almoço, a que preside o governador civil de Castelo Branco, contam-se os presidentes dos quatro municípios que constituem a comarca: Oleiros, Proença-a-Nova, Sertã e Vila de Rei.

COMETAL-MOMETAL, S.A.R.L.

COMPLEXO INDUSTRIAL: MACHAVA-LOURENÇO MARQUES

EM 7 ANOS DE ACTIVIDADE DA LINHA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL CIRCULANTE DE CAMINHOS DE FERRO, FOMOS DISTINGUIDOS COM ENCOMENDAS DE CERCA DE 3000 VEÍCULOS:

- **vagões «drop-side» para carga diversa**
- **vagões de bordas altas para minério ou carga diversa**
- **vagões especiais para minério**
- **vagões fechados para transporte de gado, frescos e tabaco**
- **vagões fechados, metálicos, para carga diversa**
- **vagões especiais para açúcar**
- **outros vagões especiais**
- **vagões cisterna para combustíveis líquidos**
- **vagões cisterna para gases liquefeitos, etc.**

para as seguintes ADMINISTRAÇÕES:

- **CAMINHOS DE FERRO DE ANGOLA**
- **CAMINHOS DE FERRO DA BEIRA**
- **CAMINHOS DE FERRO DE MOÇAMBIQUE**
- **SWAZILAND RAILWAYS**
- **TRANS-ZAMBÉZIA RAILWAY**

A INDÚSTRIA DE MOÇAMBIQUE AO SERVIÇO DA ECONOMIA DO PAÍS

TRIBUNAIS

Terminaram as alegações no julgamento do assalto ao Banco da Figueira da Foz

● Sentença no dia 13 de Fevereiro

No 2.º Juízo Criminal da Boa Hora, sob a presidência do sr. corregedor Lopes de Melo, tendo como assessores os juízes drs. Augusto Pais de Almeida e Silva e Angélico de Carvalho, terminaram, ontem, as alegações dos advogados de defesa no caso do assalto á filial da Figueira da Foz do Banco de Portugal, em que há 21 incriminados, estando ausentes do País os quatro principais. A sessão terminou com a leitura dos quesitos, sendo marcado o dia 4 de Fevereiro para a sentença.

Na sessão de ontem usou primeiro da palavra o dr. Luís de Melo Biscaia, da Figueira da Foz, patrono do réu Castor Manuel Ferreira e de sua esposa Natália Augusta Fernandes Cardoso (irmã do arguido Angelo Cardoso), que salientou que os seus constituintes desconheciam por completo a proveniência do saco com dinheiro que lhes tinha sido entregue pelo ultimo, e apenas as ligações familiares os levaram áquela posição. Citou depois legislação, doutrina e jurisprudência sobre o encobrimento, salientando que o encobrimento pessoal estava justificado pelo parentesco e que a ser real, não podiam ser condenados por ele, dado isso não constar da acusação, e não pode haver convolação.

E terminou pedindo, portanto, a absolvição de ambos.

Fez depois as suas alegações o dr. Pedroso Lima, defensor do réu Angelo Cardoso, que principiou por analisar os problemas levantados pela prisão preventiva, citando a necessidade absoluta de os detidos por suspeita da prática de qualquer delito prestarem declarações com a presença de um advogado, como recentemente foi ventilado na Assembleia Nacional por um deputado, e aliás sempre defendeu a doutrina e a Ordem dos Advogados.

Acentuou que o seu constituinte desconhecia a existência do plano do atentado á agência da Figueira da Foz. Convencera-se sempre que se tratava de uma acção completamente diferente levada a efeito pela organização política, com sede em Paris, a que pertencia...

O dr. Francisco Salgado Zenha, patrono dos arguidos Fernando Manuel de Oliveira e sua esposa Iva Maria Lino Pires de Oliveira, e de Joaquim Manuel Nunes de Freitas e Silva, fez uma detalhada análise da forma como é feita a instrução preparatória. Lembrou que a própria acusação particular foi do parecer que o ultimo réu devia ser absolvido, e quanto aos dois primeiros orientou as suas alegações no sentido de demonstrar que quando deram abrigo em sua casa a dois dos directamente incriminados no assalto, não tinham conhecimento do que se havia passado — pedindo também a absolvição daquele casal.

Também a absolvição dos seus constituintes — Fernando Abel Campina Gandra e António Luís Teixeira — foi reclamada pelo dr. Armando Bacelar, que pôs em relevo as qualidades de ambos e defendeu que nenhum deles havia cometido qualquer crime.

Por sua vez o dr. Correia do Amaral, defensor dos acusados Aníbal do Carmo Oliveira Queiroga Pires e António Norberto de Sousa Cunha, mio Norberto de Sousa Cunha. Pediu a absolvição de ambos.

Por ultimo alegou o dr. Joaquim Mestre, advogado do réu Domingos Joaquim Amaro Viegas, que afirmou que, de qualquer modo, aquele incriminado não tivera conhecimento do que ocorrera na Figueira da Foz, pelo que devia ser absolvido.

Terminados os debates, o corregedor-presidente perguntou se algum dos réus tinha mais alguma coisa a acrescentar em sua defesa, tendo apenas usado dessa faculdade o Joaquim Ramos. Em seguida, a audiência foi interrompida, sendo reaberta para a leitura dos numerosos e extensos quesitos. O ajudante do Procurador da República, dr. Antero Dinis, pediu o aditamento de mais um, referente ao acusado Castor, ao que o seu advogado se opôs. O tribunal resolveu, porém, acrescentar esse quesito.

A sessão terminou, sendo marcado o próximo dia 13 de Fevereiro para a leitura da sentença.

Lições (na Faculdade de Ciências) para pós-graduados

As lições sobre Métodos de Optimização de Mecanica para pós-graduados, dadas pelo prof. José Francisco Rosa Taborda, começam, esta tarde, na secção de Matemática da Faculdade de Ciências.

A marquesa de Valverde na «Voz do Operário»

Hoje, ás 21 e 30, na «Voz do Operário», decorre um recital promovido pelo Cenáculo Poético Marquesa de Valverde. O sr. Mário Cristino da Silva dissertará sobre o tema «Como nasce um poema». A entrada é livre.

TRÂNSITO RESTABELECIDO

Na E. N. 368, entre Tapada e Alpiarça, e na E. N. 6-3, entre Cartaxo e Valada, foi restabelecido o transito.

Também na E. N. 269, km 38,600, no troço compreendido entre Algos e Ferreiras, e na E. N. 124, km 65,500, foi restabelecido o transito.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2,3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	—	—	530$
Consolidado 3 1/2%	620$	—	620$
Centenários 4%	—	1.480$	—
Obrigs. Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	650$	680$
Externo 1.ª Série c.	—	800$	820$
Externo 3.ª Série	—	—	720$
Externo 3.ª Série c.	—	800$	820$
Cautelas 3.ª Série	155$	155$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5 %	—	470$	—
A. P. T. 5% 56	—	920$	—
A. P. T. 5% 58	—	920$	—
C. P. 4 1/2% 65	—	900$	—
C. P. 5 1/2% 67	—	—	—
C. U. F. 6%	1.000$	—	1.000$
C. U. F. 6% 68	997$	995$	1.000$
Gás Elect. 4% 48	—	800$	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	880$	—
Gás Elect. 5% 52	—	890$	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	—
Gás Elect 5% 59	890$	890$	—
Gás Elect. 5% 62	—	930$	—
Gás Elect. 5% 63	—	925$	—
Gás Elect. 5% 65	—	900$	—
Gás Elect. 5% 67	—	1.010$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	815$	—
H. E. Cávado 5%	—	810$	—
H. E. Cávado 6%	1.000$	—	—
H. E. Douro 5%	810$	805$	810$
H. E. Douro 6%	1.000$	—	1.000$
H. E. Norte Port. 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	1.000$	997$	1.000$
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	—	1.001$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	1.000$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac. Electr. 5%	—	850$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	860$	—
Port. Celul. 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	930$	940$
Sacor 5% 60	—	870$	900$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	820$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	825$	820$	825$
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	84$	—
U. E. P. 4%	—	85$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	80$5	—
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—
AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.300$	2.290$	2.300$
Alentejo	1.180$	1.180$	1.185$
Angola	3.750$	3.720$	3.750$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	—	5.500$	5.600$
E. Santo	21.000$	20.500$	22.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	20.000$	20.500$
Fomento Nacional	2.510$	2.500$	2.520$
L. & Açores p.	7.300$	7.150$	7.350$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.090$	6.085$	6.090$
Portugal n.	3.300$	3.290$	—
Portugal p.	4.360$	4.350$	4.380$
Totta Aliança	6.550$	—	6.550$
Ultramarino n.	3.595$	3.580$	3.600$
Ultramarino p.	3.920$	3.900$	3.920$
Seguros			
Alentejo	121$	121$	122$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	870$	860$	890$
Sagres	—	1.100$	2.600$
Tranquilidade	—	60.000$	65.000$
Ultramarina	—	18.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	840$	840$	845$
Ag. Cosequel	800$	800$	805$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	330$	360$
Boror	—	—	—
Buzi	88$5	88$	89$
Cabinda	237$	235$	237$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.950$	2.920$	2.980$
H. E. Revué	—	—	675$
Ilha do Príncipe	—	—	850$
Moçambique	191$	190$	192$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	462$	462$	465$
Zambézia	—	89$	90$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	7.800$	1.750$	1.850$
Cim. Leiria	—	5.900$	5.950$
Cim. Tejo	7.450$	7.400$	7.500$
Co. Navegação	1.490$	1.480$	—
C. U. F.	1.580$	1.570$	1.590$
Ind. Aliança	—	650$	800$
Nac. Navegação	—	4.150$	4.200$
Petroquímica	2.100$	2.100$	2.120$
Port. e Colónias	1.490$	1.490$	1.500$
Port. Celulose	—	4.500$	4.900$
Port. Pesca	—	1.100$	1.150$
Port. Tabacos	786$	785$	787$
Sacor	4.770$	4.740$	4.800$
Siderurgia Nac.	1.950$	1.950$	—
Socel	3.755$	3.750$	3.770$
Tabacos de Portugal	—	1.920$	2.000$
Tabaqueira	8.000$	8.000$	8.100$
U. F. Azoto	940$	940$	945$
Água, Elect. e Gás			
Águas Lisboa p.	—	420$	—
Águas Lisboa 34	—	420$	—
Águas Lisboa 36	—	385$	—
Eléct. Beiras	1.720$	1.710$	1.730$
Gás Electr.	460$	459$	465$
H. E. Alto Alentejo	183$	183$	184$
H. E. Cávado	1.280$	1.279$	1.285$
H. E. Douro	1.280$	1.279$	1.285$
H. E. Norte Portugal	316$	315$	320$
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	—	1.280$	1.290$
Nac. Electricidade	1.285$	1.280$	1.285$
Termoeléctr. Port.	1.280$	1.275$	1.280$
U. E. P.	200$	199$5	201$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	—	—
F. I. D. E.	—	129$5	133$4

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	23/1/70	29/1/70	30/1/70
GERAL	156,4	161,4	**162,2**
METROPOL.	146,9	149,7	**150,9**
ULTRAM.	225,8	247,1	**244,9**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$10	28$60
— Dollars de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$55	7$85
Áustria — Schilling	$05	$08
Argentina — Peso	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,2	$40,7
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Libra	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$75	5$15
Suíço — Franco	6$55	6$75
Marrocos — Dirham	4$80	5$30
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	33$70	35$70

J. BURNAY, L.DA RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

REUNIÃO DO LIONS CLUBE DE LISBOA

Foi dedicada ao convívio a ultima reunião do Lions Clube de Lisboa a que presidiu o dr. Manuel Pereira de Oliveira e em que a bandeira nacional foi hasteada pelo «lion» brasileiro, dr. Dario Lascala.

Feita a invocação pelo dr. Nuno de Medeiros, a assembleia homenageou os drs. Mário Cardia e Azevedo Rua, pela sua actividade a favor da Liga Portuguesa dos Deficientes Motores. Em seguida, o sr Humberto Albarraque historiou a fundação da Prevenção Rodoviária Portuguesa, e expôs a nova fase de desenvolvimento que a mesma atravessa, terminando com um apelo aos sócios do Clube para que inscrevam as suas firmas nesta organização. Também o eng João De Korth se pronunciou sobre o assunto e o eng Pereira Marques e o dr. Arraiano Tavares cimentaram o papel desempenhado por esta organização Foram ultimados os preparativos para a campanha da venda do selo a favor da Liga Portuguesa dos Deficientes Motores, tendo sido lida uma carta do Lions Clube de Matosinhos, propondo a sua colaboração.

O dr. Loris Bellero apresentou o programa para as cerimónias de geminagem a efectuar em Roma com o Clube de Roma-Palatinum daquela cidade e, a terminar, o eng.º Coelho Gil comentou a reunião.

PRÉMIO PARA ESTUDANTES BRASILEIROS

O ministro dos Negócios Estrangeiros recebeu em audiência os vencedores do concurso «Brasil-oPrtugal: duas Pátrias, uma só Família», que é organizado entre os estudantes brasileiros dos estabelecimentos de ensino médio dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Os galardoados receberam como prémio uma viagem ao nosso País com estadia de um mês.

Emissão de acções da TAP

O Governo autorizou a TAP — Transportes Aéreos Portugueses, S. A. R. L., *com sede em Lisboa, a emitir 300 000, acções, do valor, nominal de 1000$00 cada uma representativas do aumento do seu capital social de 250 000 000$00 para 550 000 000$00.*

As referidas acções serão oferecidas á subscrição publica ao preço de 1250$00 cada uma, gozando os accionistas do direito de preferência apenas na proporção das suas actuais posições.

Assistentes da Faculdade de Ciências

Recebem-se na Secretaria da Faculdade de Ciências de Lisboa, até ao próximo dia 16, declarações de candidaturas para o lugar de Segundo-Assistente, além do quadro, do Grupo de Física.

Os candidatos devem ser licenciados em Ciências Físico-Químicas ou possuir um curso superior que inclua as disciplinas do referido grupo.

Domingos Ferreira Mesquita

MISSA DO 7.º DIA

Maria Adelina Mesquita e filhos, participam que amanhã, dia 31, ás 9 horas, na Igreja da Encarnação será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

Também agradecem por este meio, por impossibilidade de o fazer directamente, a quem lhe expressou o seu pesar e cujas moradas desconhece.

FRANQUEIA — CEBREIRO
ESPANHA

D. OLÍMPIA DOVAL ALVAREZ

Missa do 30.º Dia

Secundino Dominguez Doval, sua mulher e filha; Carmen Dominguez Doval, seu marido e filho e mais família participam que amanhã, dia 31, pelas 11 horas, na Igreja de S. Domingos, será rezada missa pelo eterno descanso da alma de sua saudosa mãe, sogra, avó e irmã, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem comparecer a este piedoso acto.

R. I. P.

AGÊNCIA SALGADO

COLÓQUIO NACIONAL DE TRANSPORTES

OS ACIDENTES RODOVIÁRIOS TÊM AUMENTADO EM PORTUGAL

— afirmou-se na última sessão

Nas instalações da Feira Internacional de Lisboa terminou, hoje, o II Colóquio Nacional de Transportes, promovido pela Corporação de Transportes e Turismo. Das comunicações apresentadas damos a seguir algumas breves notas.

«O PROBLEMA DA MÃO-DE-OBRA NOS TRANSPORTES MARÍTIMOS» — O autor, comandante Mário da Fonseca Dias, da Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes, S. A. R. L., tratou do problema do recrutamento, formação e fixação de pessoal qualificado, nas profissões de mar.

«AS TELECOMUNICAÇÕES COMO FACTOR NO DESENVOLVIMENTO DOS TRANSPORTES NO FUTURO» — Sobre este tema, o sr. Hermogénio António de Oliveira, do Sindicato Nacional dos Profissionais de Telecomunicações e Radiodifusão, referiu a necessidade de que ao pessoal a utilizar nas Telecomunicações seja atribuída a indispensável formação, através dos cursos existentes ou a criar.

«O ENSINO DA CONDUÇÃO COMO FACTOR NA EVOLUÇÃO DOS TRANSPORTES TERRESTRES» — Com este título, o dr. Domingos Menéres Pimentel, do Grémio Nacional dos Industriais do Ensino de Condução Automóvel, apresentou uma comunicação com as seguintes conclusões:

«Remodele-se o ensino da condução, dando-lhe uma maior duração e extensão; Estabeleça-se o Estatuto Jurídico da Concessão de Alvarás, terminando-se com o poder discricionário; Estabeleça-se o regime do condicionalismo para a indústria do ensino da condução; Remodele-se o pessoal instrutor; Regulamente-se a fiscalização das relações das escolas com os seus alunos, para que todas elas fiquem no mesmo pé de igualdade e as mais sérias não sejam prejudicadas; Estabeleça-se uma remuneração capaz, a bom nível económico, para as escolas de condução, para que se lhes possa exigir, nunca se esquecendo que só com uma boa remuneração económica para elas, elas poderão viver, os alunos poderão ter um bom ensino, o público poderá ter bons transportes e poderá haver segurança nas estradas.

«ASPECTOS SOCIAIS DOS TRANSPORTES. RELAÇÕES HUMANAS E RELAÇÕES PÚBLICAS» — Com este título apresentou uma comunicação o sr. Gentil Marques.

Apetrechamento de terminais marítimos e criação de terminais terrestres — sugestão do eng.º Espregueira Mendes

O sr. eng.º Espregueira Mendes, director-geral da Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses, apresentou uma tese subordinada ao tema «Coordenação técnica entre os caminhos-de-ferro e os outros meios de transporte».

«A questão do transporte — disse — *é a resultante de duas actividades estreitamente ligadas: por um lado, uma transferência ou deslocação propriamente dita, por outro as manutenções com a carga e a descarga. Ora, verifica-se que, analisando a composição do custo directo do transporte, a quota-parte da deslocação propriamente dita é, de uma maneira geral, relativamente reduzida. Reciprocamente a parte das manutenções é relativamente importante e, de um modo geral, mais do que proporcional ao tempo que elas exigem. No caso de serem necessárias manutenções intermédias, isto é, sempre que a realização de um determinado transporte dê lugar a uma ruptura de carga, a um transbordo, evidente se torna que o custo total se agrava. Comparando o custo das manutenções com o custo dos transportes poderemos exprimi-lo em distancias de transporte equivalentes. É evidente que o valor numérico desta equivalência é função do grau de desenvolvimento económico do País, em geral, e dos custos relativos dos factores de produção, do estado de técnica e de organização da empresa, em particular».*

Depois de ter analisado todas as características da nova técnica de transportes, o sr. eng.º Espregueira Mendes sugeriu: 1) o rápido escoamento do tráfego proveniente ou destinado aos portos; 2) a promoção do tráfego nacional e também do internacional de transcontentores, realizada no que se refere a este último, em colaboração com a Intercontainer e a Interprigo, quer através da via ferroviária, quer através da estrada; 3) o estabelecimento de ligações directas e rápidas entre os terminais através de comboios completos, sempre que o movimento de transcontentores o justifique.

«Mas — sublinhou o eng.º Espregueira Mendes — *para alcançar estes objectivos é indispensável: 1) o apetrechamento dos terminais marítimos, muito especialmente o de Lisboa; 2) a criação dos terminais terrestres que forem julgados convenientes, a localizar, de preferência, em estações-centro; 3) a ampliação adequada do parque de vagões com unidades que permitam a formação de comboios directos».*

Aumentam os acidentes rodoviários em Portugal

A sr.ª dr.ª Iolanda Wahnon, do Gabinete de Estudos e Planeamento dos Transportes Terrestres, falou sobre «A problemática da informação e análise estatística dos acidentes rodoviários».

Assim, mostrou que em 1961 tinham sido vítimas, mortais, em Portugal, de acidentes de viação, 738 pessoas. Feridos: 17 197. Em 1967, o numero de mortos ascendeu a 1087 e o de feridos a 22 901.

«Em Portugal — sublinhou — *apenas se tem praticado o regime temporário de limitação de velocidades e seria óptimo que se conhecessem, publicassem e estudassem, no contexto socioeconómico do País, os resultados de tal limitação. Tais estudos permitiriam verificar qual a operacionalidade de uma limitação permanente de velocidades, expressa em termos de custo-benefício para a colectividade».*

Outras comunicações

Durante a manhã, ainda Durante a manhã, ainda foram apresentadas as seguintes comunicações:

O PAPEL DO CAMINHO-DE-FERRO NOS TRANSPORTES URBANOS — O sr. eng.º Almeida Fernandes limitou-se á análise dos aspectos característicos do tráfego urbano e de como o Caminho-de-Ferro procura corresponder ás solicitações do tráfego suburbano de passageiros.

A PRODUTIVIDADE E OS TRANSPORTES TERRESTRES — *«Chegou a hora de se querer fazer ascender a produtividade em Portugal ao lugar cimeiro a que tem direito»*

CUSTOS DE EXPLORAÇÃO NOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS — Foi o título da comunicação apresentada pelo dr. José Silva Martins, do Gabinete de Estudos e Planeamento de Transportes Terrestres.

A RACIONALIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO FERROVIÁRIA — Sobre este tema falou o eng.º Eduardo Ferrugento Gonçalves, que, a dada altura, disse: *«A racionalização* pressupõe, com efeito, uma *actualização* de processos, de equipamentos, de *pensamento ferroviário*. Tem incidência total».

Dr. António Gabriel da Silva St. Aubyn

Novo doutor em Matemática pela Faculdade de Ciências de Coimbra

COIMBRA, 30 — Terminaram hoje, na Sala Grande dos Actos da Universidade, as provas de doutoramento, pela Faculdade de Ciências, do sr. dr. António Gabriel da Silva St. Aubyn, que foi aluno distinto daquele estabelecimento de ensino superior.

A prova constou da apreciação e discussão da dissertação, que versava o tema «Perturbações de equações diferenciais não lineares». Foram arguentes os srs. profs. drs. Jaime Rios de Sousa, do Porto e Fernandes de Carvalho, de Coimbra. O candidato prestou provas muito brilhantes.

Presidiu o director da Faculdade de Ciências, sr. prof. dr. Cotelo Neiva e o juri era constituído pelos srs. profs. drs. Jaime Rios de Sousa, da Faculdade de Ciências do Porto e Almeida Costa, José Sebastião Silva e Dias Agudo, da mesma Faculdade de Lisboa.

Antes de começarem as provas, o sr. prof. dr. Rios de Sousa saudou o sr. prof. dr. Cotelo Neiva e os seus colegas de Lisboa e de Coimbra; e, no final, o presidente agradeceu aos professores de Lisboa e Porto a sua colaboração naquele acto académico.

Depois, reuniu-se o juri que aprovou, com dezoito valores, o novo doutor em Matemática, o qual recebeu cumprimentos dos seus muitos amigos e admiradores.

ora diga-nos...

— Gosta de aves?

Um homem vai passando na rua. De repente, sente qualquer coisa húmida sobre a luzidia calva. Puxa do lenço e diz: «Estes passarões...».

● *O sr. Sebastião Fernandes, ajudante de operador de cinema, respondeu-nos:*
— Oh, se gosto...
— Mas quais prefere?
— Os frangos. Assados, evidentemente.

● *A sr.ª D. Maria Helena Sequeira, economista, disse-nos, por sua vez:*
— Gosto bastante.
— E tem predilecção especial por alguma?
— Olhe, a andorinha, por exemplo.

● *Finalmente, a sr.ª D. Maria Matos, secretária, respondeu:*
— Gosto, sim.
— E de qual gosta mais.
— Não sei. Talvez o canário.

Regulamentação de trabalho nos transportes rodoviários

Prosseguem, esta noite, no Centro de Selecção e Formação Profissional do G. I. T. A. (Grémio dos Industriais de Transportes Automóveis), as jornadas sobre «a regulamentação e os problemas de trabalho nas indústrias de transportes rodoviários».

Na sessão de hoje, que será dirigida pelo dr. Ferraz de Oliveira, vão ser abordados os seguintes temas: legislação nacional (contratos individual e colectivo de trabalho expressos nos Decretos-Lei n.º 49 408 e 47032), legislação internacional e aspectos prospectivos da regulamentação do trabalho na indústria de transportes rodoviários.

Participam no debate destes problemas os srs. Amândio Santa Cruz Domingues Basto Oliveira (Auto-Rodoviária do Minho), Daniel Lúcio da Silva Pereira (Camionagem Vilela, Ld.ª), Feliciano Carlos de Oliveira (Cabanelas & Irmão, Ld.ª), António Ferreira Madeira Cacho, José Manuel Ferreira Roque Dias, José Manuel Patrício da Silva e Herculano Lopes Veloso (Camionagem Ribatejana, Lda.), Rui Manuel Ribeiro de Carvalho (Câmara, Marques & Afonso, Lda.), Manuel das Neves (Auto-Viação do Tâmega, Lda.), Álvaro Figueiredo e João Humberto Ferreira de Assunção (Transportes Figueiredo & C.ª, Lda.), António Luís Leitão Queirós e Américo Dinis Correia (Transul — Empresa de Transportes, Lda.), António Antunes Pião e Alberto Gonçalves de Almeida (Auto-Transportes do Fundão, Lda.), Manuel Martins do Nascimento Lino (Transportes José Neves, Lda.) e Francisco Costa Ramos pelo G. I. T. A.

«DIÁRIO DE LISBOA»

O nosso prezado colega «Notícias», de Lourenço Marques, reproduziu na íntegra, fazendo-a preceder de expressões amáveis, a crónica que publicámos sob o título «Sexploração — A década da indústria erótica», da autoria do nosso camarada Silva Costa, chefe da Redacção-adjunto do «Diário de Lisboa».

HOJE NA ASSEMBLEIA:
DEBATE NA GENERALIDADE DA PROPOSTA DE LEI SOBRE O SERVIÇO MILITAR

Com o início do debate, na generalidade, da proposta de lei sobre o Serviço Militar, no período da ordem do dia, prosseguiram, esta tarde, os trabalhos da Assembleia Nacional.

No período de antes da ordem do dia verificou-se a intervenção dos deputados, já inscritos para a sessão de ontem, Carvalho da Conceição (situação dos professores liceais), António Lacerda (Tesourarias da Fazenda Pública) e Almeida e Sousa (Exportação de capitais estrangeiros).

Inscreveram-se, ainda, para este período os deputados Carlos Ivo (para falar sobre Pagamentos inter-territoriais), Eleutério Aguiar (o Ensino Especial em Portugal), Silva Mendes (Arborização de Portalegre), Oliveira Dias (Finanças administrativas), Braz Gomes (Problemas do Ensino Liceal), Luzia Beija (Escolaridade obrigatória), Alberto Alarcão (Problemas da Costa da Caparica), Sinclética Torres (Saúde no Ultramar), e Correia da Cunha (Situação estudantil universitária).

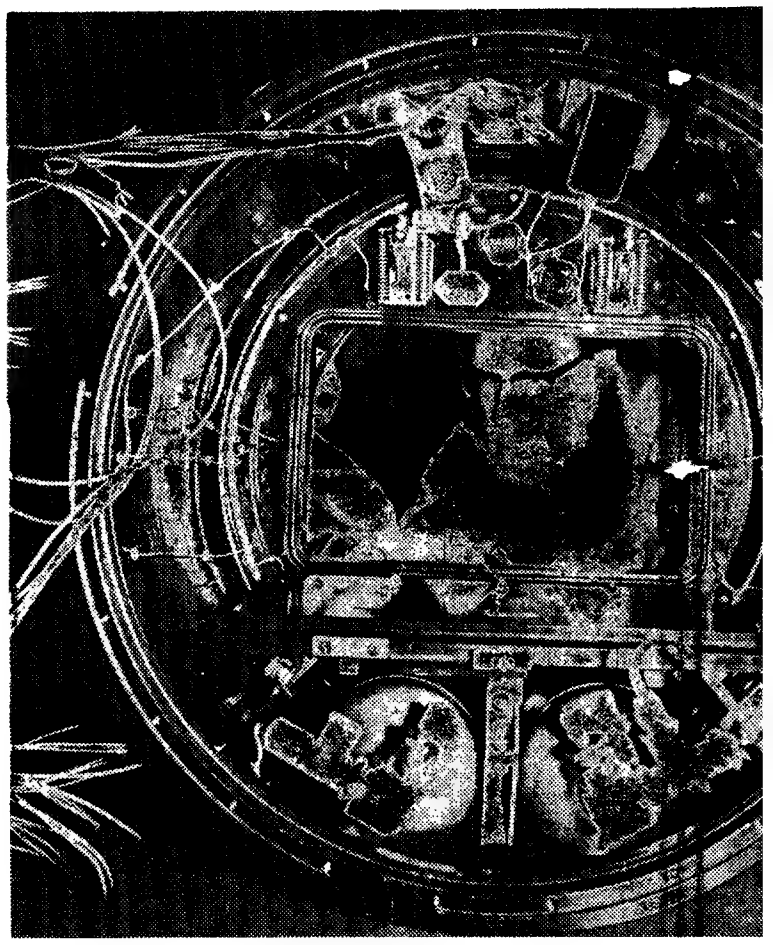
Para o debate na generalidade, na ordem do dia, da proposta de lei sobre o serviço militar inscreveram-se os deputados almirante Roboredo e Silva e coronel dr. Ricardo Horta.

INQUÉRITO AOS UTENTES NA LINHA DE CASCAIS

Entre os utentes da linha ferroviária Lisboa-Cascais-Lisboa, que são assinantes da Sociedade Estoril, iniciou-se um inquérito sobre horários.

Mediante o pagamento da assinatura referente ao mês de Fevereiro, cada assinante recebeu dois impressos em que se solicita a indicação do horário preferido: o que vigorou até 28 de Dezembro de 1969 ou o que foi instituído a 19 de Janeiro, após uma verdadeira torrente de reclamações, muitas vezes apresentadas em tons agressivos.

A opinião dos assinantes vai agora decidir sobre os futuros horários: em talões azul ou rosa, grande parte dos utentes da «linha» vão pronunciar-se até ao próximo dia 10 de Fevereiro. Segundo uma prospecção efectuada já esta manhã, enorme maioria está a optar pelo horário que vigorou até 28 de Dezembro ultimo.



A cápsula que encerra os astronautas e fica a bolar no Pacífico até ao mon poderá, de futuro, manter-se na água, sem perigo, durante um período de 2 sistema de calor contínuo que está a ser aperfeiçoado por técnic

CORPOS ADMINISTRATIVOS DA IMPRENSA NACIONAL

O sr. dr. Hígino Borges de Meneses, administrador da Imprensa Nacional, foi nomeado presidente do conselho de administração da referida empresa pública.

O lugar de administrador será desempenhado pelo sr. dr. Eduardo José Correia Guedes Brasão; e o chefe do armazém de materiais, sr. Ramiro Farinha, passa a exercer o cargo de administrador.

Foram, também, nomeados presidente e vogais do conselho fiscal, respectivamente, os srs. drs. José Gaspar da Cruz Filipe, João Carlos de Assis de Meneses e Castro Pereira de Melo e Luís Filipe da Cunha de Noronha Demony.

CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

Foi nomeado vogal do Conselho Nacional de Estatística, como representante da Associação Comercial de Lisboa, o sr. dr. José Manuel Macedo Pereira, em substituição da sr.ª dr.ª Manuela Cabrita Carvalho Lima Vilela.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ O primeiro aviso prévio desta X legislatura, como já aqui havíamos noticiado, será efectivado pelo prof. Miller Guerra e incidirá sobre problemas universitários. Aquele deputado, que desempenha presentemente o alto cargo de bastonário da Ordem dos Médicos, a abrir o período antes da ordem do dia, leu o anuncio do seu aviso prévio, denominado «As Universidades tradicionais e a sociedade moderna».

★ *O articulado do aviso prévio é composto por cinco capítulos, a saber:*

I — As causas da crise universitária.
II — A necessidade e urgência da reforma universitária.
III — As principais resistências á reforma
a) resistências intrínsecas ou institucionais;
b) resistências extrínsecas ou sócio-políticas.
IV — Os factores favoráveis á reforma
a) o progresso científico-tecnológico;
b) o desenvolvimento sócio-económico;
c) a investigação científica;
d) os movimentos estudantis.
V — Linhas gerais de um projecto de reforma
a) reorganização do Ministério da Educação Nacional;
b) fundação de novas Universidades dedicadas ás ciências e á tecnologia;
c) ligação das Universidades com a vida nacional (agricultura, industria, serviços);
d) desenvolvimento da investigação;
e) intercambio com as Universidades e centros científicos europeus;
f) educação pós-graduada.

★ A importancia que a Assembleia Nacional, e muito compreensívelmente, tem dado aos problemas da Universidade vai culminar com o aviso prévio do prof. Miller Guerra, estando já assegurada a generalização do debate, a requerer oportunamente por alguns professores universitários com assento na Camara. Tudo leva a crer que a efectivação do aviso prévio se realizará por todo o mês deFevereiro.

★ *O professor Pinto Machado, que há dias havia pronunciado um excelente discurso sobre a actual crise universitária, prestou ontem homenagem ao prof. Amândio Tavares, antigo reitor da Universidade do Porto, «reitor por excelência», agora atingido pelo limite de idade.*

★ O deputado Amílcar Mesquita, ao falar do diploma que actualizou os vencimentos dos servidores do Estado e trouxe a revisão de algumas categorias, acentuou: «Esta revisão parcial trouxe ou acentuou desequilíbrios e, nessa medida, criou maiores injustiças sociais relativas».

★ *Ao falar de aspectos da situação económico-social do distrito autónomo de Ponta Delgada, o deputado Mota Amaral dizia: «Um estado de coisas de tão premente gravidade requer a adopção imediata de providências enérgicas, audazes, profundas. Não é possível travá-lo, nem sequer iludi-lo, com meros paliativos: chegou a hora de enfrentar com seriedade os problemas reais».*

Interrupção do deputado Casal-Ribeiro:

— Então até aqui as coisas não eram feitas com seriedade?

★ Ainda antes da ordem do dia, o deputado Casal-Ribeiro voltaria a usar da palavra, desta vez para se ocupar da Estrada Marginal e das dificuldades em se transitar ali. Discordou da construção de um arranha-céus previsto para Caxias, que viria agravar o problema e apelou para as entidades competentes para que não aprovassem tal projecto, que considerou «um verdadeiro desastre».

★ *O orador terminou com as seguintes palavras:*

«Nós, os da extrema direita, *temos também o* direito *e até o dever de* contestar... *certas* evoluções, *sobretudo quando elas são um evidente prejuízo do bom-senso, e, neste caso, do sentido estético de um local onde friamente se pretende perpetrar um verdadeiro disparate, para não dizer pior. Talvez, neste aspecto, consiga algum apoio, pelo menos daqueles que têm como denominador comum, nesta Assembleia, servir os supremos interesses nacionais...»*

VEM AÍ O CARN
FOLGUEDOS MAS COM
—recorda o Gove

O Governo Civil de Lisboa pede-nos para recordar que continua em vigor o seu regulamento sobre folguedos carnavalescos, publicado no «Diário do Governo» em 26 de Janeiro de 1948.

Segundo o referido regulamento é expressamente proibido:

a) arremessar ou por qualquer forma utilizar, nos locais a que se refere o artigo anterior ruas ou outros lugares publicos líquidos, pós ou quaisquer objectos que incomodem ou prejudiquem, ou de natureza fácilmente inflamável designadamente cloreto de etilo, éter ou produtos similares e pós esternutatórios; b) alterar a ordem ou, de qualquer modo, perturbar os espectáculos publicos; c) o uso, na via publica, de máscaras ou ou-

tros di
ou des
res, de
tir o s
ciment
rados
da mo
tumes,
vativos
mada,
rança
Nacion
Guard
Mocida
usados
Bombe
Saude.

O re
ainda
cença
em Lis
tantes
to, pa
qualqu
le ou
publico

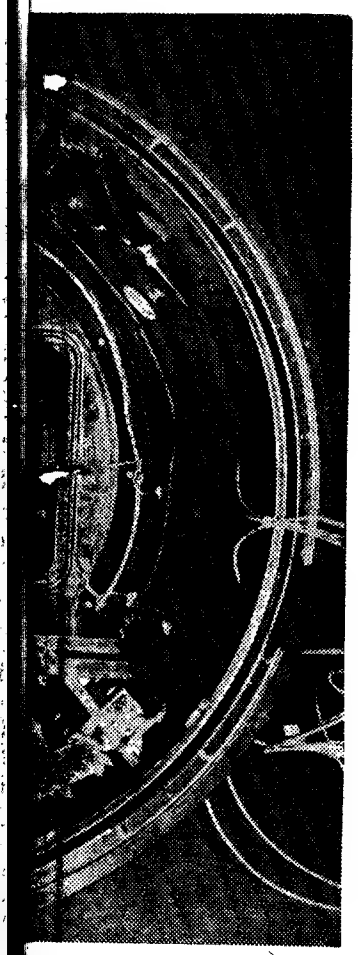
Conta I
BANCO DO ALEN

SNA
HOTEL
ANTES E DEPOIS DE IR
O REPOUSANTE E CON
ABERTO DAS 9 HORAS DA
AVENIDA FREI MIGUE
Telefone

MÉDICO

De clínica geral, precisa-se, para grande empresa em Angola. Resposta com «curriculum vitae», e indicação de agregado familiar, a este jornal, ao n.º 421.

Couto, L.da
PORTO
COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇAO
PEÇA LITERATURA



é ao momento da recuperação, todo de 24 horas, graças a um por técnicos ingleses

CARNAVAL
OS, SIM
M LIMITE
Governo Civil

tros disfarces que ocultem ou desfigurem os portadores, de forma a não permitir o seu rápido reconhecimento; d) a exibição de trajos ofensivos da religião, da moral e dos bons costumes, ou que sejam privativos do Exército, da Armada, da Polícia de Segurança Publica da Guarda Nacional Republicana, da Guarda Fiscal, Legião e Mocidade Portuguesa e dos usados pelos Corpos de Bombeiros e Serviços de Saude.

O regulamento refere-se ainda á necessidade da licença do Governador Civil, em Lisboa, e dos presidentes das Câmaras, nos restantes concelhos do distrito, para a realização de qualquer espectáculo, baile ou diversão, em lugar publico ou particular.

Infantil

ALENTEJO

Sindicato dos Jornalistas

Em duas sessões (ordinária e extraordinária), reuniu-se, ontem, a assembleia geral do Sindicato Nacional dos Jornalistas. Na primeira, foi discutido e votado, capítulo por capítulo, o relatório da gerência de 1969. Foi suprimido do texto em discussão o capítulo relativo a «Colaboradores» e rectificado o capítulo referente á admissão de novos sócios.

No que se refere ás carteiras profissionais, a direcção ficou incumbida de diligenciar obter autorização para que passem a ser emitidas as que se encontram ao abrigo da legislação anterior ao ultimo decreto-lei publicado sobre o exercício da profissão, uma vez que este tem sido considerado como não estando em vigor por não se encontrar regulamentado. Há, efectivamente, cerca de uma centena de profissionais sem documento que os identifique e lhes dê a possibilidade de usufruirem as regalias concedidas aos jornalistas.

A sessão extraordinária destinava-se a deliberar sobre uma proposta da direcção no sentido de ser elevado, de cinco para nove, o numero de directores.

Foi apresentada uma moção segundo a qual a assembleia decidiria não conhecer por enquanto da matéria de fundo a que se referia a proposta em apreciação e confiar á direcção em exercício e á que vier a ser eleita para o triénio 1970-1972 o encargo de proceder ao estudo completo da reforma dos Estatutos, tendo em atenção o eventual aumento do numero de membros daquele órgão sindical. A moção foi aprovada por 63 votos a favor e 3 contra e uma abstenção (a do sócio proponente). Como a votação foi nominal, verificou-se terem saído entretanto da sala — dado o adiantado da hora — catorze sócios cujos nomes constavam do livro de presenças.

«Jornal do Fundão»

Acaba de completar 24 anos de existência o «Jornal do Fundão», semanário que prestigia, pela sua independência e qualidade dos seus colaboradores, a Imprensa portuguesa. Ao seu director, António Paulouro, e a quantos nele trabalham, apresenta o «Diário de Lisboa» as melhores saudações.

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

ACK-BAR
DO
L LUTÉCIA

E IR AO CINEMA OU AO TEATRO VISITE
CONFORTÁVEL SNACK-BAR LUTÉCIA

S DA MANHÃ ÀS 2 HORAS DA MADRUGADA

GUEL CONTREIRAS (à Av. de Roma)
fone 71 70 20/12 linhas

O ESPELHO POLIÉDRICO

José Rodrigues Miguéis

O FERIADO

O DIA (DE SEMANA) tépido e tranquilo, o sítio deserto, o sol coado de um céu uniforme e cor de prata, a água espelhenta e quase imóvel: «Damos uma volta de barco?» Apearam-se do «Olds» (dez anos de uso, duzentos dólares em terceira mão), ele dirigiu-se à barraca — *Alugam-se botes* — e pediu um. O homem, sem falar, entregou-lhe a senha com a hora marcada, onze e vinte da manhã. Ele escolheu uma chata esguia e comprida, de boa aparência, com quatro remos: «Bastam-me dois». O homem recolheu o segundo par. A mulher e a filha sentaram-se à popa. Em mangas de camisa, curtas, tomou lugar quase à proa, firmou os pés na travessa e encaixou os remos nas forquetas giratórias, de aço. Agachado na ponte, o homem empurrou o bote para fora da doca, voltou à barraca, sempre calado, e sumiu-se. Ficaram sós

Por cima da barraca, virado à terra, havia um letreiro montado em duas estacas. Não tinha feito reparo nele, que diria? Algum anúncio de coisas de pesca.

Remou devagar e com firmeza em direcção ao eixo do lago. A água, muito lisa, reflectia o céu incolor, a luz do sol invisível. Olhou em volta as margens: baixas, sem relevo nem interesse, apenas com alguns maciços de arvoredo aqui e além. A meio do lago hesitou um momento, depois dirigiu-se para a cabeceira, umas centenas de metros a norte. Chegados ali, ficaràm algum tempo debaixo das ramarias, junto do regato límpido e vagaroso que, por entre musgos e relvas, alimentava o lago.

Era bom estar ali a escutar o arrulho das águas. Fora dele, o silêncio escorria do céu, através das folhagens, parecia espraiar-se na superfície do lago. De vez em quando uma truta pulava no ar, para apanhar alguma libélula que sobrevoava o regato como um minúsculo avião de patrulha, e retombava com um leve «ploc», sempre o mesmo, na água. Ele não era pescador, gostava delas vivas, ou então grelhadas, com molho de limão, manteiga e salsa, no prato. Isto fê-lo pensar no almoço, lá para a uma, algures. Os estorninhos e os melros pretos restolhavam no arvoredo, pulavam ou batiam-se na relva, disputando vermes e minhocas: empinavam-se no esforço de as arrancar, elásticas, da terra, e alguns chegavam a cair de costas. A mãe falava brandamente à menina, que fazia perguntas apontando coisas. Ele olhou-as e sorriu. Há quanto tempo não gosavam nada assim. A atmosfera do feriado, há muito desejado e duramente ganho.

Andou depois coisa de uma hora ziguezagueando devagar ou manobrando jeitosamente os remos em sentidos opostos para fazer girar o bote como um pião — elas riam-se, estonteadas. Era ocioso, monótono e repousante. A felicidade era esta paz, este interregno entre dissabores e lutas, o ganha-pão. Sentia-se vigoroso na magreza, um feixe de nervos às vezes doridos como se expostos; respirava a fundo o ar imóvel, fresco para um dia de Verão. O ritmo, o esforço, o exercício, o ambiente acalmavam-lhe as inquietações. Experimentou velocidades. A chata, equilibrada e leve, acelerava bem, deslizava como um patim, roçando a água e mal deixando uma esteira, logo diluída ou ressorvida.

«Vamos até ao outro extremo?» Voltou em linha recta ao meio do lago e desceu. A barraca ia-lhes ficando para trás, à esquerda. Olhando à retaguarda, por cima do ombro, avistou pela direita da proa, ainda distante, um edifício baixo e escuro, assente nas rochas, com uma pequena torre: alguma residência abandonada. Ou seria uma fábrica ou moinho? O lugar tinha pouco de industrial. Uma brisa leve ergueu-se, arripiando o lago de pequenas ondas que desciam com eles, apressadas. Havia uma corrente, só agora o notava, que os ajudava a avançar. O lago devia ser mais fundo ali. Ou seria a maré? Um laguinho de água doce, interior, longe do mar, não tem marés. Ou terá? Continuou a remar rápido e sem esforço.

Olhou de novo, agora sobre o ombro esquerdo. Do lado oposto à torre enxergou um barracão que mal se erguia a cima do nível do terreno. Entre os dois edifícios havia apenas a linha de água como um limite: calculou uns duzentos metros de largura. O lago parecia findar ali. Mas não se lhe via a margem, nem rochas nem quaisquer obstáculos. Longe, para lá dessa linha, arvoredos e verduras. Remou mais depressa, como se quisesse alcançar a meta. A chata glissou, trémula de leve, com um gluglu abafado, de atrito no fundo. A corrente puxava-a para diante. A brisa caiu, a água ficou de novo lisa e espelhenta, mas parecia mover-se em massa, uniformemente. Tornou a olhar a casa da torre, mais próxima: tinha todo o ar de uma fábrica. «É uma fábrica (disse) talvez de lanifícios, abandonada. Tudo nesta terra cresce, passa e desaparece.» Boa para passar umas férias... A chata parecia correr sem peso, quase voar rente à superfície. Parou de remar e ergueu os remos, ligeiramente alarmado, com a sensação de que a água se adensava e como que subia de nível, com um brilho metálico, eléctrico, do sol mais vivo agora. Talvez ilusão minha? Não via razão para aquela correnteza: uma força oculta, insólita, insidiosa, que os arrastava.

De repente a mulher soltou um grito abafado no silêncio, agarrou e apertou ao peito a filha, que tinha um terror nos olhos redondos. Ele virou a cabeça de relance: estavam a curta distância do limite, e a água desaparecia sùbitamente, com uma cintilação perversa no dorso. Percebeu que ela se adensava e subia para galgar a invisível barreira... Corriam para um precipício. Consciente do perigo, sem falar, procurou afrouxar, entravar o avanço retesando os remos imóveis contra a corrente: mas esta impelia-os irresistivelmente, encurvando-os, ameaçava arrancar-lhos das mãos. Não havia tempo a perder Manobrou-os então em sentidos opostos, com uma energia inesperada, e pensando no risco de que o bote se voltasse. Mesmo assim teimou — não tinha outro recurso senão virar de bordo. Estavam a poucos metros da queda, talvez da... Ouviu o estrondo da água caindo algures, e visionou o resto

Fez um esforço desesperado (*salvá-las!*): soerguendo-se nos pés fincados na travessa, firme nos remos, conseguiu por fim obrigar a chata a descrever um arco de cento e oitenta graus, proa à cabeceira distante, dali invisível. A mulher, calada, abraçava a menina tapando-lhe os olhos. Não havia um rumor na placidez do ar, além do estrépito próximo do açude. Vencido o arranque, concentrou todas as forças nos pulsos e remou no silêncio como um condenado, para se arrancar à sucção do desastre: contra a corrente nitidamente hostil, espumante de raiva ou despeito na roda da proa, que lhe oferecia menos presa do que há pouco a popa. A água tinha aquele brilho duro do céu, algo de animal e consciente, de obstinado e homicida. Mas havia um gosto de felicidade em parar assim o assalto do inimigo...

Em poucos minutos estavam fora da zona de perigo. Arquejante e suado, remou em direcção à margem. Virou-se a olhar a linha do açude que se ia distanciando, e respirou. A água, serena e como que descontraída, humanizada e submissa, perdera aquele brilho de agouro, clapejava na proa, martelava a ritmo as tábuas do fundo Nem uma gota dela entrara no bote. Relaxou o esforço e remou compassadamente ao longo da margem, rente aos juncos.

De volta à ponte de embarque, atracou, ajudou-as a desembarcar, saltou em terra. O homem, de cachimbo apagado, veio ao encontro deles. «Porque é que não nos avisou? Quem é que vai adivinhar que há um açude? Íamos dando um tombo.» O homem encolheu os ombros e apontou o letreiro com o cachimbo: *Boating at your own risk* * — nem uma palavra de precaução. Pagou-lhe a hora-e-três-quartos do passeio, e ele voltou a meter-se na barraca. Bob-o-Taciturno! Usos da terra. Não há remédio. Quando não falam demais! Imagina tu, se há um acidente.. Oh, o mais certo era fecharem logo a barraca. Depois de casa roubada!

Irritado — aquilo estragava-lhe o feriado, o passeio, a felicidade — conduziu algum tempo pela estrada de macadame que acompanhava a pouca distância a margem do lago. Perto do extremo inferior deste deteve o «Olds» e apeou-se para observar o sítio. O lago, de facto, findava ali. De margem a margem, o açude, meio desmantelado, massa de enormes penedos desiguais, tinha uma altura variável de entre quatro a cinco metros. A água, dividida em cascatas como madeixas, embora pouco abundante, precipitava-se nas poças da plataforma de rocha, em baixo, espumando e redemoinhando, para formar depois diversos braços que se iam reunir, mais longe, num rápido ribeiro semeado de pedregulhos, o escoadouro do lago. O açude tinha servido em tempos (via agora) uma pequena central eléctrica, depois abandonada. Voltou ao carro. «À velocidade a que íamos, e com o peso morto do bote em cima, tinha sido um tombo equivalente a dois ou três andares, ou mais. Nos poços. Nem os ossos se nos aproveitavam! Vamos almoçar aí na estrada?»

A pequena tinha adormecido, deitada no assento do fundo. O sol, a descoberto entre nuvens desgarradas, queimava. Pôs o carro em marcha. Quase meia hora após o incidente, só agora o coração lhe desatava a bater com violência. De medo retroactivo. Ou de raiva impotente! A boas horas. Ainda não tinha os nervos em bom estado. — J.R.M

* Navegue por sua conta e risco

Actualidade internacional

MOEDA ÚNICA PARA OS PAÍSES DO COMECON

O mundo Ocidental parece não ser o único a ter problemas de natureza monetária. A vasta operação de reajustamento monetário para os países do COMECON, agora anunciada em Moscovo, está no seguimento de recentes artigos aparecidos na Imprensa soviética, reclamando a criação de um verdadeiro sistema multilateral de pagamentos.

A este respeito chegou mesmo a falar-se numa importante operação que consistiria na revalorização do rublo em relação ás outras moedas da Europa Oriental, acompanhada de uma desvalorização das paridades oficiais de todas as moedas comunistas — incluindo o rublo — em relação ao dólar. Segundo os especialistas, seria este o único meio de tornar o rublo internacionalmente convertível, dado o facto de a paridade oficial da moeda soviética não corresponder á realidade e o seu valor real ser de facto inferior.

Constitui já um lugar comum falar da situação de inconvertibilidade das moedas dos países da Europa Oriental. Da mesma maneira que detêm o monopólio do comércio com o exterior, os Estados socialistas reservaram para si a exclusividade do direito das operações com divisas, proibindo a exportação da sua moeda. Apesar de terem estabelecido uma taxa de câmbio relativamente ás moedas livremente convertíveis, a verdade é que essa taxa, mantendo apenas um valor de conta, dificilmente poderia assegurar a realização de operações económicas com o estrangeiro.

O sistema das moedas-«divisas», ou, o mesmo é dizer, de uma taxa câmbio especialmente estabelecida com vista ás relações com o estrangeiro, além de ter criado um desajustamento entre preços interiores e exteriores, determinou que o comércio de um país com o exterior tivesse valores diferentes consoante a moeda por que fosse encarado. Estes inconvenientes eram agravados pelo facto de as próprias moedas-«divisas» dos diversos países socialistas diferirem de valor.

Embora algumas das dificuldades mencionadas fossem válidas, quer nas relações dos Estados socialistas entre si, quer nos contactos que estes mantêm com os países ocidentais, a reforma monetária anunciada em Moscovo respeita apenas ao intercâmbio entre os membros do COMECON.

As diversas operações concêntricas de convertibilidade serão levadas a cabo tendo em conta, simultâneamente, a cobertura-ouro do rublo e das outras moedas nacionais, e o peso económico representado por cada uma dessas moedas. Por outro lado, será criada uma moeda única que, ao contrário das diversas moedas-«divisas» existentes até agora, poderá ser trocada com as moedas de qualquer dos países membros do COMECON, conferindo ao bloco de Leste a maleabilidade necessária á passagem a um comércio realmente multilateral.

MANIFESTAÇÃO EM CARDIFF — Seis raparigas, com máscaras brancas, camisolas brancas e calças brancas, estavam integradas num grupo de 3000 manifestantes que, em Cardiff, participaram numa demonstração anti-«apartheid», por ocasião da visita da equipa sul-africana Springboks áquela cidade britânica. Mas porquê o branco? Os manifestantes explicaram que era a cor da liberdade

As cidades de Israel ao alcance de aparelhos árabes

TEL-AVIV, 30 — (F. P.) — «Não foi uma esquadrilha, mas um Mig-21 que sobrevoou Haifa», afirmou o comentador militar da Rádio Israelita, acrescentando: «O aparelho voava muito baixo, tendo surgido do mar e partido na mesma direcção».

O inesperado aparecimento do jacto sírio sobre Haifa, a velocidade supersónica, é interpretado como uma réplica ao facto de há quinze dias dois aviões israelitas terem sobrevoado Damasco a idêntica velocidade, estilhaçando os vidros de centenas de janelas com os seus «bangs».

Ao mesmo tempo, os israelitas verificam que, se não têm a recear um ataque aéreo egípcio contra as suas cidades, devido ás distancias o mesmo já não acontece com a aviação síria. Além disso, parece confirmar-se que os pilotos árabes, tanto sírios como egípcios, começam a dominar a técnica do voo a baixa altitude, como aliás já tinha mostrado o recente ataque nocturno egípcio contra Al Arish, no Sinai. Isto não deixará de colocar as cidades israelitas dentro do campo de acção e consequentemente de provocar réplicas israelitas cada vez mais violentas.

DEMONSTRAÇÃO DE FORÇA

AVIÕES ISRAELITAS SOBREVOARAM CINCO CIDADES SÍRIAS

TEL-AVIV, 30 — (R.) — Jactos israelitas sobrevoaram, ás primeiras horas de hoje, a baixa altitude, Damasco, pela segunda vez em dois dias, e voaram, também, sobre mais quatro cidades sírias.

Os voos foram aparentemente uma represália por voo idêntico de um caça a jacto sírio Mig-21, de fabrico soviético, efectuado, ontem á tarde, sobre Haifa, o principal porto de Israel, sendo o primeiro avião árabe visto sobre uma cidade israelita desde a guerra dos seis dias em Junho de 1967.

A retaliação israelita, de ruídos supersónicos, foi considerada por observadores desta cidade como uma demonstração de força e um aviso a Damasco contra qualquer aventura semelhante.

Os jactos israelitas ultrapassaram a barreira do som ao sobrevoar Damasco, Alepo, Lakakia, Homs e Hamah entre as 0 e 30 e 0 e 50 locais desta madrugada (22 e 30 e 22 e 50 T.M.G. de quinta-feira), revelou um informador militar israelita.

E, como se pretendesse sublinhar a vulnerabilidade da Síria a este novo género de guerra psicológica, o informador indicou a distância exacta entre cada uma das cinco cidades sírias e Haifa: 140 a 440 quilómetros.

O voo sobre Damasco foi o segundo realizado por jactos israelitas no espaço de algumas horas. Pouco depois do avião sírio passar ruidosamente sobre Haifa, jactos israelitas sobrevoaram a capital síria.

O Mig sírio fez com que centenas de pessoas corressem para as ruas de Haifa visto ter produzido um ruído supersónico que estilhaçou dezenas de janelas. Contudo, não se registaram notícias de pânico e a maioria dos habitantes julgou, até ser informada posteriormente, tratar-se de um avião israelita.

O jacto sírio afastou-se em direcção á Síria, sem abrir fogo ou largar bombas.

O incidente ocorreu após outro dia de intensa actividade aérea israelita, durante o qual jactos judaicos atacaram posições de guerrilheiros árabes na Jordânia e também alvos militares egípcios na área do Suez.

No Cairo, os egípcios foram avisados pelo conhecido comentador político Mohammed Hassanein Heykal que Israel poderia aumentar os seus ataques aéreos.

Heykal, amigo íntimo do presidente Nasser, afirmou no seu artigo semanal de sexta-feira no autorizado «Al Ahram» que os recentes ataques aéreos israelitas contra os arrabaldes do Cairo eram apenas o começo.

De prevenção as forças armadas das Honduras

TEGUCIPALGA, 30 — (F. P.) — As forças armadas das Honduras entraram de prevenção, tendo ordem para repelir energicamente qualquer ataque do Exército do Salvador — anuncia um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros hondurenho.

Referindo-se aos incidentes de ontem na fronteira entre os dois países, o comunicado afirma que as Honduras «declinam qualquer responsabilidade quanto ás consequências possíveis de uma agressão por parte do Salvador».

MÉXICO: 24 MORTOS NUMA BATALHA COM PRESOS EVADIDOS

CIDADE DO MÉXICO, 30 — (R.) — Morreram, pelo menos, 24 pessoas durante uma batalha entre tropas e polícias e um grupo de presos evadidos, que ocorreu anteontem perto de Puebla, a 128 km a oeste desta capital, segundo revelava a noite passada um comunicado do Ministério da Defesa.

Os evadidos têm aterrorizado aquela área nos últimos três meses.

Notícias da Imprensa diziam, porém, que o numero de mortos em consequência do combate se elevava a 40.

A comunicação do Ministério revelava que os presos se tinham evadido há três meses de uma cadeia próxima e desde então tinham morto 26 pessoas, incluindo dois presidentes de municípios.

Acrescentava que mais 60 indivíduos estavam a ser procurados e que se julgava que os soldados e a Polícia mataram mais tarde alguns que conseguiram escapar á batalha a tiro.

O importante jornal «Excelsior» citava, todavia, o chefe da Polícia local, Cirilo Villanueva como declarando que os presos não estiveram envolvidos na luta e que o combate se travara com camponeses, que pretendem terras, do «Grupo Independente dos Camponeses».

É OU NÃO É?
é êxito!
é um novo disco de
AMÁLIA RODRIGUES
é de novo Alberto Janes
o autor de «Vou dar de beber à dor»
É OU NÃO É? • A RITA YÉ YÉ
VAI DE RODA AGORA • LÁ NA MINHA ALDEIA
DISCO COLUMBIA 8 E 016 - 40 038 M
À venda nos revendedores habituais e em
VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Egipto

Civil morto num ataque

CAIRO, 30 — (R.) — Morreu um civil e onze ficaram feridos quando jactos israelitas atacaram ontem a área do Suez e bombardearam as instalações da companhia petrolífera Misr, segundo anunciou um informador militar nesta capital.

Este disse ainda que os aviões israelitas realizaram o ataque ás 11 e 20 T.M.G. e todos os feridos são operários das instalações, que pertenciam antes á Shell.

O astronauta Borman vai deixar a NASA

WASHINGTON, 30 — (R.) — O astronauta Frank Borman, que comandou a primeira missão tripulada da Apolo-8 em redor da Lua, vai abandonar a agência espacial em 1 de Julho próximo, segundo revelou a noite passada a N. A. S. A.

O astronauta, actualmente com 41 anos de idade, trabalha na N. A. S. A. desde 1962 e juntar-se-á ao industrial texano de computadores H. Ross Perot, para criar a Fundação dos Horizontes Americanos, que tentará informar o povo americano acerca dos problemas nacionais e das oportunidades mais prementes.

Borman, após o voo da Apolo-8, em Dezembro de 1968, efectuou uma viagem de boa vontade á Europa, tendo visitado Lisboa.

Perot, de 39 anos, um dos homens mais ricos dos Estados Unidos, realizou recentemente uma tentativa sem êxito de enviar um Boeing-707 a Hanói, carregado com presentes e mensagens de Natal para prisioneiros de guerra americanos.

REUNIÃO CIMEIRA FRANCO-ALEMÃ

PARIS, 30 — (R.) — A reunião cimeira franco-alemã, que começa hoje nesta capital, tem por objectivo abrir caminho a uma colaboração mais estreita entre os Governos de Bonn e Paris.

Um dos temas principais da agenda desta reunião bianual, no âmbito do tratado de amizade franco-alemão, é o Mercado Comum, seguindo-se em importância as relações entre o Ocidente e o Oriente e a colaboração nuclear.

ACORDO COMERCIAL COM A R.D.A.

Entretanto, segundo revelaram, a noite passada, círculos oficiais franceses, nesta capital, a França e a Alemanha Oriental assinaram um acordo comercial de cinco anos, destinado a duplicar a permuta entre os dois países.

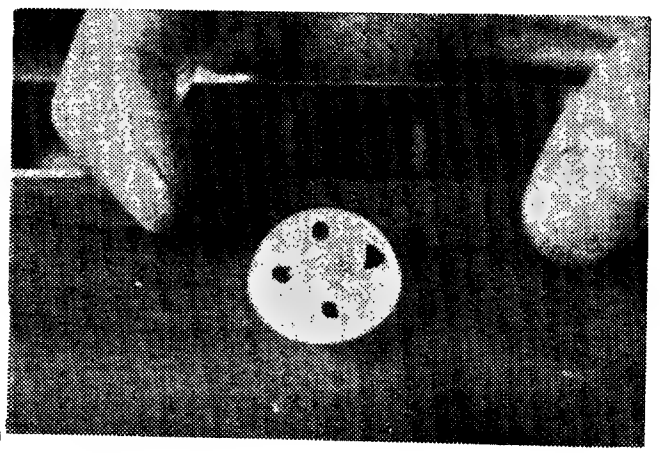
Essas fontes, segundo as quais o acordo fora assinado ontem em Paris, acrescentaram que não se tratava de um pacto de comércio formal, visto os dois países não terem relações diplomáticas.

NIXON DECIDIU ALARGAR A REDE ANTIMÍSSIL

—REVELA O «NEW YORK TIMES»

NOVA YORK, 30 — (R.) — O presidente Nixon decidiu alargar a rede americana de mísseis antimísseis balísticos e para isso vai propor no próximo orçamento um aumento da verba, informa hoje o «New York Times».

No entanto, numa recente reunião do Conselho de Segurança Nacional foram levantadas fortes objecções á construção da rede A.B.M., nesta altura, devido ao início das conversações russo-americanas sobre a limitação do armamento.



PEDRAS LUNARES PARA POMPIDOU — O presidente Nixon ofereceu, ao Chefe de Estado francês, Georges Pompidou, quatro fragmentos de pedra lunar trazidas pelos astronautas da Apolo-11. Na foto, as amostras fotografadas no Eliseu

Vietnam do Norte

O mais grave incidente desde a suspensão dos bombardeamentos

SAIGÃO, 3' — (R.) — O comando americano em Saigão admitiu hoje pela primeira vez que um caça bombardeiro F-105 foi abatido no Vietnam do Norte esta semana quando bombardeava uma base de mísseis a 60 quilómetros ao norte da zona desmilitarizada.

Um helicóptero com quatro tripulantes que procurava recolher os dois pilotos do avião abatido foi por seu turno atingido por um Mig-21 norte-vietnamiano duas horas mais tarde. Os seis americanos foram dados como desaparecidos.

Este incidente é o mais grave que se regista desde que o presidente Johnson suspendeu os bombardeamentos contra o Vietnam do Norte a 1 de Novembro de 1968. Porém, Washington negou imediatamente terem recomeçado os ataques aéreos americanos a norte da zona desmilitarizada.

O caça bombardeiro abatido era um dos vários que escoltavam um avião desarmado de reconhecimento, o qual tinha sido alvejado pelos mísseis antiaéreos norte-vietnamianos.

Um comunicado distribuído pela Casa Branca ontem á noite salienta que os voos de reconhecimento sobre o Vietnam do Norte continuarão como até agora apesar da perda dos dois aparelhos na quarta-feira.

O F-105 foi o oitavo avião derrubado durante missões de reconhecimento no Norte desde que os bombardeamentos terminaram. O helicóptero foi o 11.º perdido em operações de recolha de pilotos.

O historiador Lidell Hart morreu em Londres

LONDRES, 30 — (R.) — «Sir» Basil Lidell Hart, geralmente considerado como um dos mais categorizados peritos mundiais em estratégia militar, faleceu a noite passada, com 74 anos.

Paladino da mecanização, «sir» Basil ajudou a criar as tácticas dos tanques Panzer empregadas pelos alemães na segunda guerra mundial para ultrapassarem a Linha Maginot e ocuparem a França.

A sua teoria sobre a guerra futura foi traduzida em alemão durante o período que precedeu a guerra e foi distribuída em todo o Exército nazi.

«Sir» Basil, que era o mais famoso historiador, comentador militar e jornalista sobre assuntos militares da Grã-Bretanha, foi distinguido com o grau de cavaleiro em 1966.

Combateu na primeira guerra mundial, onde foi ferido.

Condenado à morte pela segunda vez

CHAPPELL (Nebraska), 30 — (R.) — Dwayne Pope, um trabalhador rural de 25 anos, foi condenado ontem, pela segunda vez, a morrer na cadeira eléctrica, pelo assassínio de três pessoas, durante um assalto a um banco, em 1965.

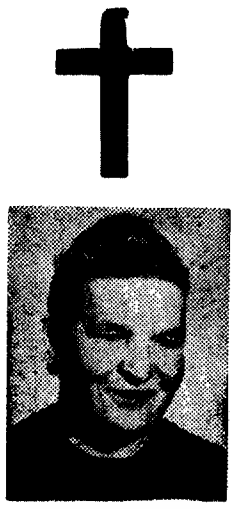
A sua primeira condenação foi anulada pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos

Submarino atómico encalhado

CHARLESTON (Carolina do Sul), 30 — (R.)—O submarino nuclear americano «Nathanael Greene» encalhou ontem, devido ao denso nevoeiro, quando entrava neste porto.

A Marinha comunicou que não se registaram feridos nem estragos no submersível, de 129 metros de comprimento.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO



D. Amélia Maria Xavier de Lima

Missa do 5.º mês de eterna saudade

ANTÓNIO XAVIER DE LIMA e mais família participam que mandam celebrar missa do 5.º mês, dia 31, pelas 18,30 horas na Igreja de Vila Nogueira de Azeitão pelo seu eterno descanso. Agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

NOVA

SIEMENS

MÁQUINA DE LAVAR ROUPA SUPERAUTOMATICA

SIEMENS

GLÓRIA SIWAMAT

MODELO DE LUXO

A máquina de lavar da Nobreza Europeia

detergente que recomendamos

skip

QUALIDADE ALEMÃ VEM DA SIEMENS

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

RUMOR DEMITIR-SE-À NA PRÓXIMA SEMANA

—afirma-se em Roma

ROMA, 30 — (A. N. I.) — Os políticos italianos iniciam na próxima semana as suas diligências para a formação de um Governo de coligação centro-esquerda — afirma-se em círculos políticos fidedignos de Roma.

Segundo os mesmos informadores, o primeiro-ministro, Mariano Rumor, pedirá a demissão na próxima semana, provàvelmente na terça-feira, sendo possível que venha a ser ele o encarregado de constituir o novo gabinete.

O directório dos democratas-cristãos — que têm 42 por cento dos lugares do Parlamento e que formam o Governo minoritário agora no Poder — anunciou ontem à noite que está pronto a formar a coligação.

A decisão de formar um novo Governo é o resultado de semanas de negociações em que participaram democratas-cristãos, socialistas-unitários e republicanos.

Segundo os observadores políticos, a aprovação da proposta de lei para o estabelecimento de governos regionais na Câmara dos Deputados é um indício de que as conversações sobre a formação do novo Governo tiveram algum êxito.

Tal proposta, apresentada pela primeira vez há quatro anos, não tem tido o apoio dos democratas-cristãos, que temem que os comunistas passem a controlar pelo menos três dos vinte governos regionais.

As eleições para os governos regionais devem realizar-se na próxima Primavera

Ministério do Ultramar

Sob a presidência do prof. Silva Cunha e com a presença dos subsecretários comandante Sacramento Monteiro e dr. Martins dos Santos, reuniu-se, hoje, de manhã, no Ministério do Ultramar, o Conselho dos Directores-Gerais daquele departamento que apreciou a actuação do Ministério no ano findo, tendo os seus componentes apresentado, por cada um dos respectivos sectores, os principais assuntos e projectos de diplomas em preparação.

Na reunião, focaram-se, também, matérias relativas á Economia, Justiça e ao Planeamento Económico do Ultramar e aspectos da Administração-Geral e da Organica interna do Ministério.

Foram, ainda, examinados vários diplomas já aplicados ás províncias ultramarinas dentro do espírito da reforma administrativa.

O Conselho volta a reunir segunda-feira, de manhã.

Estado de sítio no Lesotho

MASERU (Lesotho), 30 — (F. P.) — Leabua Jonathan, primeiro-ministro do Lesotho, decretou o estado de emergência em todo o país e suspendeu a Constituição.

Escola Industrial Fonseca Benevides

Por iniciativa de um grupo de antigos alunos, está em organização a Associação dos Antigos Alunos da Escola Industrial Fonseca Benevides. Os interessados deverão dirigir-se á respectiva sede, no edifício da Escola.

Compre a melhor vista de mar

Comprando APARTAMENTOS MOBILADOS ou moradias a J. PIMENTA, S. A. R. L. em Cascais (Pampilheira)

A 1000 metros da praia e caminho-de-ferro, mercê duma situação privilegiada desfrutará duma vista panorâmica sobre o mar e Serra de Sintra.
Rendimento de 6 a 10 % garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente.

Visite o apartamento-tipo em exposição na Rua Regimento Infantaria, 19, n.º 38, em Cascais

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43 e 4 78 43
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

■ CORRESPONDENTE EXPULSO

MOSCOVO, 30 — (R.) — O correspondente do jornal italiano «La Stampa», nesta cidade, Ennio Carretto, foi hoje intimado a abandonar a União Soviética no prazo de uma semana.

Carretto é o quarto jornalista ocidental expulso da União Soviética nos ultimos 15 meses.

■ AVALANCHA DE NEVE EM TEERÃO

TEERÃO, 30 — (R.) — Brigadas de socorro do Exército e da Polícia salvaram, da crítica situação em que se encontravam, 750 pessoas surpreendidas por uma grande avalancha de neve na estrada que liga Teerão ao Mar Cáspio.

Vários automóveis e autocarros apanhados pela avalancha despenharam-se por uma ribanceira e já foram encontrados 39 cadáveres de pessoas que morreram na queda ou mais tarde devido ao frio.

Alguns dos sobreviventes encontram-se feridos e foram levados para os hospitais da região do Cáspio.

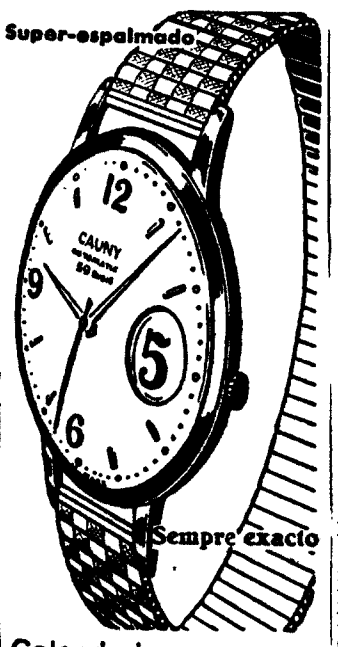
■ ELEIÇÕES NA COSTA RICA

MÉXICO, 30 — (F. P.) — A Republica da Costa Rica irá ás urnas no domingo, dia 1 de Fevereiro, para eleger um novo presidente, dois vice-presidentes e 57 deputados, representando as sete provincias do país.

Lutam pela presidência cinco candidatos, entre os quais: Mário Echandi Jimenez, 55 anos, do Partido da Unificação Nacional, actualmente no Poder; José Joaquim Trejos e José Figueres Ferrer, 64 anos, do Partido de Libertação Nacional, que reune os principais membros da oposição.

■ ACORDO ENTRE A ESPANHA E O MERCADO COMUM

BRUXELAS, 30 — (F. P.) — Após três dias de discussões, a delegação espanhola e a comissão europeia, em nome dos «seis», assentaram ontem á noite num projecto de acordo preferencial, sabe-se de boa fonte.



Calendario Automático
relógios suíços
CAUNY

MARIA DA PIEDADE CAVACO GOMES

FALECEU

Maria José Gomes Paula Fonseca e Silva, Carlos Pedro da Fonseca e Silva e mais família, participam que foi Deus Servido Chamar á Sua Divina Presença, a sua muito querida Avó, Bisavó e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10.30 horas, da Igreja Santo Condestável, para o Cemitério de Ajuda.

AGÊNCIA BARATA

O estilo de vida, a forma de vestir, as leituras preferidas e os objectos de que cada um se rodeia são manifestações de personalidade!...
Entre os homens de personalidade vincada muitos preferem o AUSTIN 1300 porque corresponde ao seu tipo, à sua maneira de ser, ao seu modo de encarar a vida...
São homens de bom gosto.

AUSTIN 1300

50 ANOS AUSTIN

DIST. GERAIS: J. J. GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L. LISBOA, PORTO, ÉVORA, BRAGA, SANTARÉM, MATOSINHOS-AG. EM TODOS OS DISTRITOS
Stands em Lisboa: rua Alex. Herculano n.º 4 — av. da República n.º 36-A — rua Tomás Ribeiro n.º 50-A

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

CASEI COM UMA FEITICEIRA

Hoje é apresentada a segunda parte do episódio da série «Casei com uma feiticeira» cuja primeira, foi exibida há oito dias.

Desta vez, «Samantha dá ao detective as coisas que este lhe exige: mobílias de luxo, roupas elegantes e um carro novo. Porém, Darrin opõe-se a tal chantagem Sam resolve, então, dar ao desonesto detective uma lição que jamais esquecerá...» São intérpretes Elizabeth Montgomery, Agnes Moorchead e Dick York. Realização de William Asher.

Uma cena do episódio, «Bilhete sem destino» a exibir esta noite, na série «Departamento S», com Alan Wheatley e Joel Fabiani

«DEPARTAMENTO S»

«BILHETE SEM DESTINO»

«Numa das pistas do aeroporto de Londres aparece um homem morto. Ninguém sabe como ele ali foi parar.

«Jason King e a sua equipa vão desvendar o mistério...»

É este o tema do episódio «Bilhete sem destino» («Ticket to nowhere») da série «Departamento S», com Peter Wyngarde, Joel Fabiani e Rosemary Nicols.

Realização de Cyril Frankel.

TV JAZZ

Manuel Jorge Veloso apresenta, esta noite, pelas 23 e 15, o 5.º Programa dedicado ao Festival de Jazz de Molde, realizado pela Televisão da Noruega, para a Eurovisão. Participa o Quarteto de Jan Garborek,, com Jan Garborek, sax-tenor; Terge Reydal, guitarra; Arild Andersen, contrabaixo; e Jon Christensen na bateria.

ACTUALIDADE DESPORTIVA

FRANÇA-PORTUGAL

Pelas 23 horas, é apresentada, na rubrica «Actualidade Desportiva», um resumo do jogo de futebol, disputado ontem, em Paris, entre as selecções de juniores da França e de Portugal.

II Programa

Noite de Cinema: «KOROSHI»

A rubrica «Noite de Cinema» preenche a emissão do II Programa. É apresentado o filme «Koroshi», já exibido na Rede Nacional em 18 de Março de 1968.

Realizado por Michael Truman e Peter Yates, o filme «Koroshi» tem como intérpretes Patrick McGoohan, Amanda Barrie, Ronald Howard e Yoko Turi.

TV Juvenil

«OS HOMENS, OS LIVROS E AS COISAS»

O programa TV Juvenil inclui, além do magazine de actualidades: «Juventude no Mundo», a rubrica «Os homens, os livros e as coisas», na qual o prof. Joaquim Manuel Magalhães se debruçará sobre a figura e obra do escritor Thomas Mann.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 10: Cartaz TV; 20 e 30: Escolas Primárias e Cantinas; 20 e 55: «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Série Policial; 23: Eurovisão — TV Jaz; 23 e 40: Marcha do Mundo; 23 e 50: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «Koroshi»; 23 e 30: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

Amanhã — I PROGRAMA — Às 15 Telejornal; 15 e 10: Nós as mulheres; 15 e 40: TV Infantil; 16 e 15: TV Educativa; 16 e 30: Noite de ópera — «A Força do Destino»; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Os Vigilantes da Floresta; 20 e 15: Estudio sem marcação; 20 e 40: Teledesporto; 21 e 10: «... E a vida continua...»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Estudio C; 22 e 55: «A Caminho do Oeste»; 23 e 55: A Marcha do Mundo e Fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: TV Mundo — «Fellini»; 23 e 25: Fecho.

TUDOR
pilhas para iluminação

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Orfeão de Braga; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma Gota de Sangue e Renasce uma Vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 40: No mundo da Canção; 19 e 45: Rádio Rural; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 4.º Episódio do Folhetim «O Capitão dos Mares», original de Oliiva Guerra; 21 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos da ópera em 3 actos «Tannhauser», de Wagner; 1 e 59: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Folclore do Mundo; 16 e 15: A Orquestra Sinfónica de Londres, dirigida pelo maestro Pierre Monteux — Rondo da Primavera — da suite «Imagens» (Debussy); 17 e 25: Curiosidades musicais; 17 e 10: Musica da Câmara; 18: Musica Portuguesa (obras de Luís de Freitas Branco); 18 e 50: O pianista Carl Seeman — Variações sobre «Dir-vos-ei, Mamã» K. 105 (Mozart); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O Canto e seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O pianista Abbey Simon — Capricho em sol menor op. 1116 n.º 3 e Rapsódia em mi bemol maior, op 1119 (Brahms); 20 e 30: Musica de câmara; 21: De tudo um pouco; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, pelo dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Flora Pereira e Manuel Dias; 22 e 50: Musica Ligeira — com o conjunto de Marino Silva (musica Popular de Cabo Verde); 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3, mc/s. — Às 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 10: 1.º Disco; 19 e 25: Panorama das ideias contemporâneas; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em Foco...; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e pastoris religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—288,2 m — 1.286 kc/s. — Radiorama; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 28.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s.—Radiorama; 18: Melodias; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 28.ª hora; 2: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 10: 1.º Disco; 19 e 25: Panorama das ideias contemporâneas; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em Foco...; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e pastoris religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—288,2 m — 1.286 kc/s. — Radiorama; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 28.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s.—Radiorama; 18: Melodias; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 28.ª hora; 2: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3, mc/s. — Às 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 10: 1.º Disco; 19 e 25: Panorama das ideias contemporâneas; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em Foco...; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e pastoris religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—288,2 m — 1.286 kc/s. — Radiorama; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 28.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s.—Radiorama; 18: Melodias; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 28.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8, das 8 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 19 e 30 ás 19 e 30.

canal da crítica

INÚTIL CORRER: A LEBRE É UMA FICÇÃO

Agora que terminou mais um episódio do Jogo da vida», desta vida que é o nosso jogo (perdido...) de quase todas as noites. Agora que me encontro face a face comigo, sem a vertigem aldrabona das imagens. Agora que me esforço por reconstituir o crime, talvez sem perdão, do meu tempo mal vivido. Agora — agora não sei nada...

(Reparo que talvez a safa de hoje fosse escrever em verso. Na poesia tudo acontece sem necessidade de motivação. A poesia encontra em si própria todas as razões necessárias e ainda mais algumas. Com ela, nem talvez me fosse obrigatório falar da inconsistência do episódio. Com ela, criava... como é que vou dizer... criava assim uma espécie de ambiente, de atmosfera, impressionista á brava. E até poderia ser (era, com certeza) um êxito de bilheteira).

Não sei nada. Porquê? Não sei nada, já disse. Estou muito naquela situação dos galgos que, no episódio de ontem, corriam atrás da lebre. A lebre não existia. Era uma ficção de lebre. Um projecto de lebre. Latão e feltro. Por mais que os galgos corressem, não a apanhavam nun-

(Continua na pág. seguinte)

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

Oferta excepcional

15 VOLUMES À ESCOLHA, ENCADERNADOS EM BALACUIR PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 52$50

Entrega das obras contra o primeiro pagamento

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMILO CASTELO BRANCO
CHARLES DICKENS
JÚLIO DINIS
STEFAN ZWEIG

e mais de uma centena de autores — cerca de 300 volumes — constam de uma lista que remeteremos a quem a solicitar à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Recortar este cupão e remeter a
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires de Gouveia, 21
PORTO

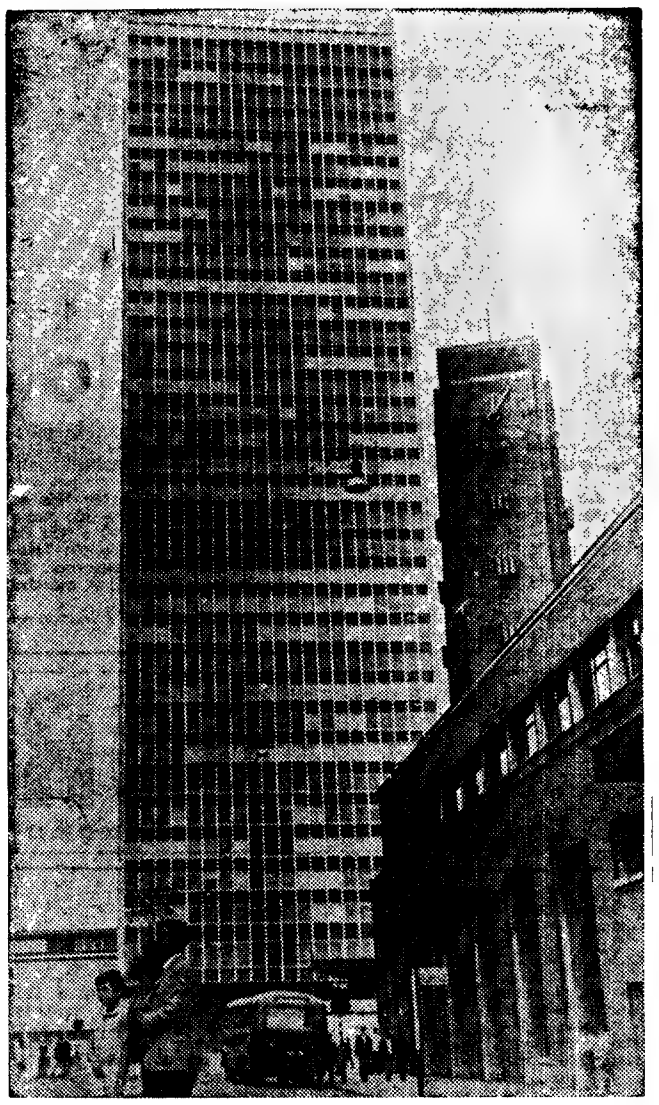
D. L. — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição.

Nome .....
Morada .....
.....

F. RAMADA
AÇOS E INDÚSTRIAS, S. A. R. L.

Comunica a todos os seus estimados clientes, que efectua em Ovar a sua reunião geral de vendas, de 29 a 31 de Janeiro.

Por essa razão, as suas dependências de Lisboa e Porto funcionam, nesses dias, com um número reduzido de pessoal, pedindo antecipadamente desculpa de qualquer falta que possa vir a verificar-se.



O edifício de Bruxelas, com 36 pisos acima do solo, considerado o mais alto da Europa

Edifícios modernos

A propósito da notícia que publicámos relativa á construção do edifício-torre em Aveiro, de onde informavam tratar-se do mais alto do mundo português, «superado na Europa apenas pelo Palácio da Cultura e da Ciência em Varsóvia (33 pisos) e pela Universidade de Moscovo (28)», escreve-nos o sr. Joaquim Alves de Abreu, de Lisboa, prestando-nos alguns esclarecimentos de interesse, que actualizam aquela notícia.

«Por informação colhida no próprio local — diz o nosso leitor —, creio ser o edifício implantado na Av. Paul Henri Spaak, em Bruxelas, o mais alto da Europa, pois que tem acima do solo 36 andares, como se poderá verificar na foto que envio e obtida por mim no passado Verão.»

Concurso de Poesia «Flor de Almendro»

A Câmara Municipal de Fregeneda (Salamanca) promove o V Concurso de Poesia «Flor de Almendro», destinado a poetas espanhóis e portugueses, que será realizado no próximo mês de Fevereiro.

Os prémios serão os seguintes: 1.º, «Almendro de Oro» e 10 000 pesetas; 2.º, «Almendro de Plata» e 3500 pesetas; 3.º, «Almendro de Plata» e 1500 pesetas; 4.º, prémio especial de 1000 pesetas da região de «El Abadengo»; e 5.º, «Almendro de Brilhantes» instituído por motivo do 5.º aniversário do referido concurso.

O prazo de entrega dos originais termina no próximo dia 1 de Fevereiro. As bases do concurso encontram-se à disposição dos interessados nos serviços de informação da Embaixada de Espanha. Rua Andrade Corvo, 27 5.º, esq., telefone 4 76 73.

Dizem os leitores...

UMA RUA A SAQUE

Do nosso leitor sr. J. Gamboa, de Lisboa, recebemos esta carta:

«A Rua Alexandre Ferreira, ao Lumiar, está a saque. Não venho queixar-me pelo que esta madrugada me roubaram mas tentar prevenir os meus vizinhos.

Em pouco tempo assaltaram um café, roubaram uma loja, desmontaram os pneus de um carro (!) e, ontem, além de toda a gasolina de um carro, um jogo «Cibié» de longo alcance e nevoeiro. E tudo isto em «operações» que levam algum tempo...

E já não falo do roubo de leite e pão das escadas dos prédios.

Uma coisa é certa: a Rua Alexandre Ferreira (pelo menos a praceta) está a ser roubada.

E como o guarda-nocturno, que tem uma área enorme, pouco aparece e polícia nem de noite nem de dia, entendo que «alguém» deve ser alertado.

Quanto mais não seja por descargo de consciência...»

GABINETE DE ANÁLISE PSICOLÓGICA DE ANGOLA

Cap. eng. J. M. Fernandes

O capitão eng.º José Maria Fernandes Marques, tomou posse do cargo de chefe do gabinete de Análise Psicológica da Província de Angola. Licenciado em engenharia militar e civil por frequência na Academia Militar e no Instituto Superior Técnico, o capitão eng. Fernandes Marques tem 30 anos e nasceu em Guimarães. Presidente geral da J. V. C. e director do jornal «Encontro», eng.º Fernandes Marques foi ainda o chefe da secção de Artes Plásticas e director da revista Proelium da Academia Militar.

Em 1967-69 esteve em Angola, em comissão militar, tendo organizado uma exposição documental das actividades das Forças Armadas naquela Província.

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Comércio do Funchal», «Jornal da Huíla», de Sá da Bandeira; «O Comércio», de Luanda e «O Lobito», todos de Angola; «Diário», de Lourenço Marques e «Notícias da Beira», Moçambique; «Diário do Alentejo», de Beja; «Diário do Ribatejo», de Santarém; «Jornal do Fundão», «Gazeta do Sul», do Montijo; «Jornal de Sintra» e «Notícias de Trás-os-Montes», de Lisboa».

SOCIEDADE DE NATURALOGIA

Na sede da Sociedade Portuguesa de Naturalogia, á Rua do Alecrim, 38-3.º, realiza-se esta noite, ás 21 e 15, mais uma sessão de convívio, durante a qual o bibliotecário da colectividade, sr. António Ribeiro Correia, profere uma conferência. A entrada é livre.

PRIMEIRA VIAGEM DO MAIOR TRANSPORTE DE BAUXITE DO MUNDO

Na sua viagem de ensaio pelo Mar do Norte, o maior navio do mundo para o transporte de bauxite foi submetido ás mais duras provas. O colosso de 223 metros de comprimento, com 28 mil toneladas e uma capacidade de carga de 48 970 a 52 450 toneladas foi construído nos estaleiros Howaldt/Deutsche Werft, em Hamburgo, por encomenda do grupo americano Reynolds Metals Co.

O sistema de turbinas instalado pela AEG desenvolve 18 mil CV que conferem ao navio uma velocidade de cruzeiro de 17,8 milhas. O «David P. Reynolds» destina-se a abastecer a usina de alumínio do grupo Reynolds projectada em Hamburgo. A empresa americana já pôs em serviço dois navios especiais menores. A nova unidade arvorou a bandeira liberiana e corresponde ás disposições do America Bureau of Shipping.

Antes de encomendarem o navio em Hamburgo, os técnicos da Reynolds colaboraram com vários escritórios de engenharia para desenvolver um novo sistema de carga e descarga mediante faixas. O navio não deve transportar apenas bauxite mas também alumínio e, caso necessário, cereais.

As faixas de transporte abrangem todo o navio. O material desce pelo peso próprio para o sistema de faixas específicas. Mediante um elevador extrabordo e uma calha o material é transportado para o cais.

A velocidade e a carga das faixas são reguladas e controladas automáticamente. Um sistema de segurança, com 268 pontos de medição, elimina práticamente o perigo de avarias.

Necrologia

FUNERAIS

Mauel da Cruz Coelho

Com 70 anos faleceu ontem o sr. Manuel da Cruz Coelho, que durante muitos anos desempenhou funções no quadro tipográfico do nosso prezado colega «Diário de Notícias», onde era muito estimado pelas provas que sempre deu como homem de carácter e bam profissional.

O extinto deixa viuva a sr.ª D. Graciana Gomes Coelho e era pai da sr.ª D. Maria Manuela Cruz Coelho e avô do menino Paulo Fernando Coelho.

O funeral realizou-se hoje, ao fim da manhã, da igreja de Santa Isabel para o cemitério dos Olivais.

António Mendes

MONTARGIL, 30 — Realizou-se para o cemitério local, com grande acompanhamento, o funeral do sr. António Mendes, de 95 anos, viuvo, proprietário, que gozava de gerais simpatias.

FALECIMENTOS

D. Maria do Carmo de Outeirinho

VISEU, 30 — Faleceu em Calde, a sr. D. Maria do Carmo do Outeirinho, de 48 anos, casada com o sr. Carlos Lourenço Rouxinol, e cunhada do sr. Hernani A. Mões, comerciante nesta cidade.

SUFRAGIOS

D. Carlos e D. Luís Filipe

O conselho administrativo da Fundação da Casa de Bragança, manda celebrar, na segunda-feira, ás 12 horas, no Panteão de São Vicente de Fora missa por alma do rei D. Carlos e do princípe D. Luís Filipe. Será celebrante o rev.º cónego José Corrêa de Sá (Asseca).

— Pela mesma intenção, a Juventude Monárquica Portuguesa, promove um acto de sufrágio no domingo, ás 11 horas, na igreja da Conceição Velha na Rua da Alfândega.

PEDIDO DE CAPTURA

A Polícia Judiciária solicitou a todas as autoridades do País a captura de Frederico Soares Martins Narigão, que também usa o nome de José Martins Mendonça, solteiro, de 44 anos, sem profissão, natural de Lisboa, freguesia de Camões, acusado, em 1969, ter levantado de um estabelecimento comercial de Lisboa, em seu nome e de outros clientes por si angariados, vários televisores, gravadores e rádios, no valor de dezenas de milhares de escudos, que não pagou, descaminhando os mesmos ou vendendo-os por baixos preços e gastando em proveito próprio o dinheiro recebido, após o que se ausentou para parte incerta, embora conste que se encontra em Lisboa.

A Polícia Judiciária solicita a todas as pessoas que saibam do seu paradeiro que informem pelos telefones 533131 ou 535380 ou, ainda, o agente Guerreiro, da 8.ª secção.

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

ca. NUNCA. Uma raiva sem fundo de feltro e latão.

Persigo uma lebre que não existe, é o mais provável: persigo a lógica, o sentido, a razão, tudo o que justificasse a presença daquele negro que é «mayor» em Prescott City, tipo muito bom, muito inteligente e que tem dois grandes sonhos: semear de canteiros floridos a cidade e acabar com os bairros de lata. Porém acusam-no de suborno e corrupção. O próprio Dillon se volta contra ele. Que não, não, senhor. Não havia direito. Que não estava certo que ele recebesse auxílio dos «abutres que enriquecem á custa da miséria». Connie Walkers (o «mayor») diz que tinha de ser: a propaganda eleitoral custa muita massa. Havia que pagar as emissões da televisão e da rádio, havia que custear as despesas da impressão dos cartazes e a papelada, e os jornais, etc., tudo isso custa dinheiro. Precisava de dinheiro, viesse de onde viesse. «A política — diz Connie — é um negócio dos diabos!»

Confessou, pois, a proveniência dos seus fundos para as zaragatoas eleitorais. Admiremos-lhe a coragem que mingua a muitos outros. Fora isso, fora ter recebido massaroca, bagalhuço ou pilim (á escolha) dos «abutres que...», etc., Connie tivera outros pecadilhos mas antigos e, portanto, com direito ao esquecimento e ao perdão. Em novo, fizera parte de um «gang». Mais tarde, já advogado, servira causas não muito recomendáveis. Agora, «mayor», é intocável, honestíssimo paupérrimo, bairros de lata, etc. E por isso as «Publicações Howard» o apoiam.

Os tais «abutres» procuram matá-lo a ele, ao Dillon, á Devlin, a Lyn, a toda a gente. Não conseguem porque a polícia vela, de braço dado com as «Publicações Howard». Os retratos de Luther King e de Kennedy, pendurados no escritório do «mayor» eram a maior prova de que as pessoas honestas na grande democracia americana podem dormir tranquilas.

Fita monótona, cansativa, cheia de imagens-serradura, verbo de encher, títeres, desinteligência em movimento. Assim passou mais uma noite da minha vida. A quem deverei apresentar o recibo?

MARIO CASTRIM

Dr. César Anjo

Na impossibilidade de agradecer directamente a todas as pessoas que lhe manifestaram pesar pelo falecimento de seu marido, dr. César Anjo, a sr.ª D. Carolina Lemos César Anjo pede-nos que tornemos público, por este meio, o seu profundo reconhecimento.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE 69/DSM

Faz-se público que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.º, em Lisboa, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

Concurso N.º	Aquisição de	Caução provisória	Abertura de propostas	
			Data	Hora
1/70-PAE69	ARTIFÍCIOS	30 000$00	09.MAR. 70	15.30 h.
34PAE/69	MATÉRIAS-PRIMAS — MATERIAL PARA OFICINA DE ESTOFADOR	4% do valor da proposta	23.FEV. 70	15.30 h.

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 18 horas e aos sábados das 10 às 12 horas.

As propostas devem ser entregues até às 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

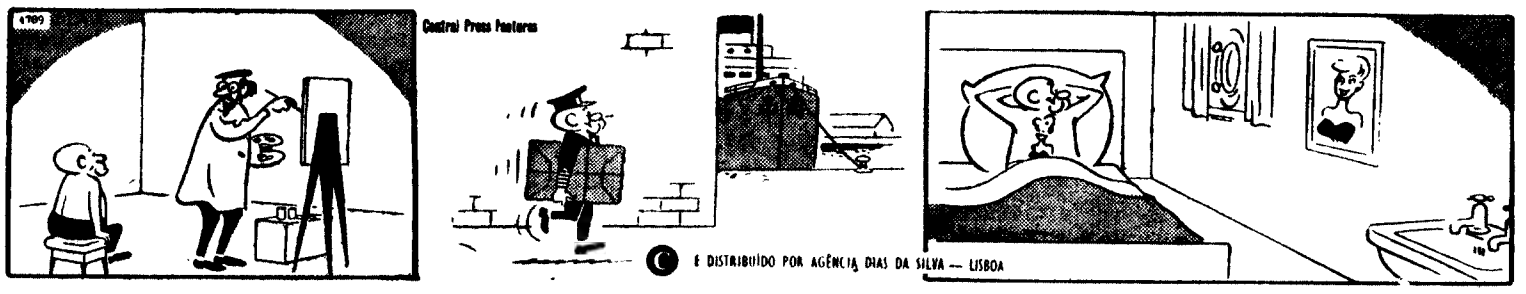
Lisboa, 26 de Janeiro de 1970

O Presidente da COMPAE69/DSM,
Luís Borges Ramos
Ten. Cor. Eng.º SM

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

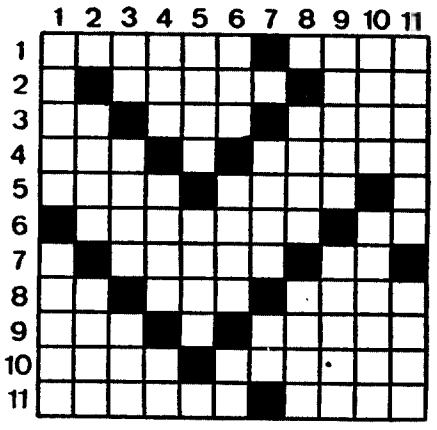
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5432

HORIZONTAIS: 1 — Apelido. Vazias. 2 — Gorgulhos tropicais. Agência. Telegráfica de Imprensa. 3 — Troça. Chefe etíope. Observa. 4 — Fluído aeriforme. Qualquer líquido alcoólico. 5 — Moeda da Grécia antiga. Preposição. 6 — Obrigação. Post Scriptum (abrev.). 7 — Agarra (Fig.). Pronome pessoal. 8 — Oferece. Pedra de altar. Lavras. 9 — Artigo indefinido. Conjunção. Sorte. 10 — Está situado. Árvore conhecida entre nós por samouco. 11 — Tesouro publico. Estavas.

VERTICAIS: 1 — Rio de Portugal. Pandeiro quadrado com guizos dentro. 2 — Pequeno barco de recreio. Emir. 3 — Ruim. Remedeia. Mau cheiro. 4 — Preposição. O mesmo que oare (mineral). Vinação. 5 — Cidade da Angélia. Inra. 6 — Isolados. A parte dianteira do navio. Pedra de moinho. 7 — Represa de água onde se afoga o linho para curar. Nesse lugar. 8 — Metal precioso de cor amarela. Picante. 9 — Pisa aos pés. Atraiçoar. 10 — Cordeiro. Pião pequeno que se joga sem auxílio de baraça (Prov.). 11 — Fecharas as asas para descer mais depressa. Ecoas.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5431

HORIZONTAIS: 1 — Faam. Salalá. 2 — Atuava. Inem. 3 — Ler. Varra. 4 — Alas. Sena. 5 — Rosos. Masca. 6 — Lás. DO. 7 — Canto. Paris. 8 — Adão. Gatia. 9 — Rim. Rosto. 10 — POUPAR. Aper. 11 — Aura. Corara.

VERTICAIS: 1 — Falar. Carpa. 2 — Ateio. Adiou. 3 — Auras. Namur. 4 — Má. Salto. Pá. 5 — Vá. São. Pá. 6 — Sa. Cr. 7 — VEM. Par. O. 8 — Liana. Atoar. 9 — Arrás. Raspa. 10 — Ler. CDI. TIER. 11 — Ema. Aos Ora.

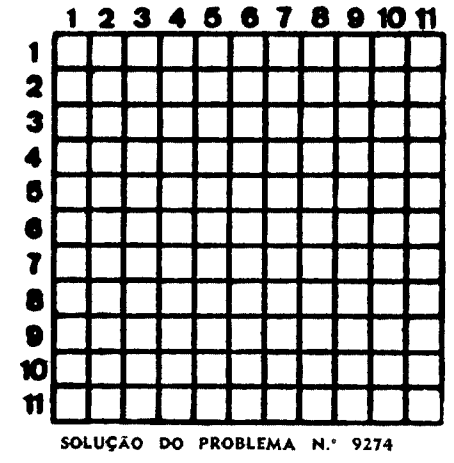
Provérbio: DO POUPAR VEM O TER.

(INOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9275

HORIZONTAIS: 1 — Vilo e sede de concelho de Castelo Branco. 2 — Investigo. 3 — O mais. Bato com o marrão. Doutor. 4 — Seguiam. Mediana. Pronome possessivo. 5 — Arruinaram-se. 6 — Isolado. Letra grega. 7 — Imolada. 8 — Ovário dos peixes. Cabelos brancos. Chefe etíope. 9 — Cério (s. q.). Mulheres notáveis pela beleza, bondade ou graça. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 10 — Olharem atentamente. 11 — Retardaras.

VERTICAIS: 1 — Diplomata e humanista francês que na sua época foi um dos melhores; o seu tratado De Re Navali foi considerado muito tempo como autoridade no assunto. Tamanco. 2 — Pátria. Pássaro. 3 — Érbio (s. q.). Mastiga sem engolir. Pronome pessoal. 4 — Conjunção. Colonido. Termo. 5 — Dispõe em camadas. Asteróide descoberto em 1949 pelo observatório do Monte Wilson. 6 — Habites. Predestinar. 7 — Cidade de França. Rio de França. 8 — Nome de um jogo. Heroína francesa que foi queimada viva. Ente. 9 — O sono dos anjanças. Trovejar. Ruim. 10 — A mais velha das vestais. Rio de Portugal. 11 — O mesmo que arão. Aversão.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9274

HORIZONTAIS: 1 — Fa. Fiães. Só. 2 — Atuar. Sónar. 3 — Tanda. Taipa. 4 — Intar. Assar. 5 — Má. Ramos. Sá. 6 — Ba. Em. 7 — Cá. Coa. Os. 8 — Cargo. Toras. 9 — Ês. An. Or. Ri. 10 — Apela. Lamas. 11 — Ramal. Arrua.

VERTICAIS: 1 — Fátima. Cear. 2 — Atara. 3 — Uri. Bar. Em. 4 — Fadara. Gala. 5 — Irara. Coral. 7 — Estão. Atala. 8 — Soasse. Orar. 9 — Ris. Mor. Mr. 10 — Sopas. Sarau. 11 — Orara. Sisa.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 30 de Janeiro de 1940 publicava:

«Passa amanhã mais um aniversário da revolução de 31 de Janeiro de 1891.

«Os idealistas que, nessa altura, se bateram nas ruas do Porto aspiravam a um regime de conciliação e de redenção nacional que corrigisse os erros do passado e iniciasse uma era nova na vida portuguesa. O seu patriotismo sem mácula e a sua isenção continuam, passados tantos anos, a constituir uma lição que o tempo não atenuou e cuja significação os acontecimentos não diminuiram.»

EXCURSÃO DA C. P. ALGARVE EM FLOR E CARNAVAL DE LOULÉ

8 e 9 de Fevereiro

Comunica-nos a C. P. de que realiza nos dias 8 e 9 de Fevereiro em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Albufeira, Vilamoura, Praia da Quarteira, Loulé, Alvor-Praia, Torralta, Lagos, Cabo de São Vicente, Sagres, Burgau, Praia da Luz, Praia da Rocha e Portimão, incluindo viagens em 1.ª classe, almoço no comboio, á ida, circuito turístico em autocarro, alojamento e refeições no Hotel Júpiter da Praia da Rocha

Preço ..... 560$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuidos programas descritivos.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS

NA GUINÉ

BISSAU, 30. — (A. N. I. e L.) — É do seguinte teor o boletim informativo das Forças Armadas na Guiné, relativo ao período de 18 a 25 de Janeiro:

«As nossas tropas mantiveram intensa fiscalização das fronteiras e bacias hidrográficas, em missão de patrulhamento nos rios e de reconhecimento nas margens, para intercepção dos movimentos de reabastecimento e de infiltração inimigos, feitos a partir da Republica do Senegal e da Republica da Guiné.

Em resultado da actividade das nossas tropas no Norte da província, tendo em vista a segurança das populações e o apoio das tarefas de desenvolvimento socioeconómico, registaram-se contactos nas regiões de Beguingue, Malibolom, Talicó, Sambuiadim, Ansonhe, Biambe, ponte do rio Lamel, Pelundo, Bacar, Gabarel, Balenguerez, Guebaral e Cacoca, em virtude dos quais o inimigo sofreu, além de outras baixas, dois mortos confirmados e dois capturados. Foram recuperados 23 elementos da população.

Foi apreendido ao inimigo importante quantidade de material ligeiro, munições e documentos. Durante as acções foram destruídos ao inimigo meios de transposição nas vias fluviais e acampamentos instalados no interior da província.

Na intenção de alterar o ritmo normal da vida das populações, o inimigo flagelou as povoações de Ingoré, Suzana, Olossato, Imfandre, Bissim, Bubá e Camajabá, praticou actos de terrorismo nas regiões de Ponta Concelho, Simchã, Tumané e Burumtuma, flagelou os aquartelamentos de Cumbima, Cutia, Mansambo e Guilege e implantou engenhos explosivos nos itinerários.

As nossas tropas sofreram dois mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados.»

EM ANGOLA

LUANDA, 30. — (A. N. I. e L.) — No boletim informativo semanal, o comando-chefe das Forças Armadas em Angola comunica:

«De 18 a 24 de Janeiro, as forças da ordem exerceram o seu esforço principal em operações sobre os locais de refugio dos bandoleiros, e em acções de busca, perseguição e aniquilamento dos respectivos grupos.

Nas áreas afectas ao terrorismo, continuaram os trabalhos de beneficiação dos itinerários que, neste período, atingiram valores apreciáveis.

De salientar a apresentação de cerca de duas centenas de pessoas que se encontravam nas matas, retidas coercivamente pelos inimigos do povo e que, esfomeadas e cansadas dos trabalhos forçados exigidos pelos bandoleiros, se acolheram á protecção das nossas autoridades. Por seu turno, a actividade dos terroristas manifestou-se no Norte pela reacção ás nossas tropas e por algumas acções, enquanto no Leste actuou sobre as populações por meio de raptos, acções de intimidação e implantação de engenhos explosivos.

Em Cabinda, verificou-se novamente uma incursão, na região fronteira com a Republica Popular do Congo, de dois grupos de bandoleiros, que efectuaram um ataque sobre o aquartelamento das nossas forças em Miconge, não se registando danos pessoais. Foram repelidos com baixas e acoitando-se, novamente, em território da Republica Popular do Congo.

Na zona afectada do Norte da província, em operações que decorreram nas áreas de Cage, Bela Vista e Ucua, as nossas tropas assaltaram e destruiram locais de refugio dos bandoleiros, causaram baixas e capturaram armamento, entre o qual uma arma automática de origem soviética, munições, granadas e diversos artigos.

Na região da Fazenda Liberato, um grupo de terroristas armou emboscada a uma coluna das nossas tropas, conjugada com a implantação de um engenho explosivo, e causou baixas.

No Leste da província, em operações que decorreram nas áreas de Nova Chaves, Cazoa, Chicala, Luangarico, Alto Cuito, Longa, Lumpre e Fivungo, as nossas tropas interceptaram grupos de bandoleiros, assaltaram e destruiram locais de refugio, causaram baixas e capturaram munições, algumas granadas e artigos de fardamento.

Nas proximidades de Sandando, Cuanavale e Rivungo, os inimigos do povo raptaram elementos da população, alguns dos quais foram já recuperados pelas nossas forças, devido á perseguição que moveram aos fratricidas a quem causaram baixas. Na área de Cazombo e Gago Coutinho, os inimigos do progresso implantaram engenhos explosivos que, accionados por viaturas das nossas forças, provocaram baixas.

As nossas forças tiveram quatro mortos e dezoito feridos. Entre a população civil lamentamos dezoito feridos, igualmente por acções de terrorismo. Por seu lado, os inimigos do povo sofreram 14 mortos confirmados.»

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Critico o fanatismo, a cegueira da cor, o embrutecimento do espírito de competição

– palavras do eng.º Chaves Rosa novo presidente do Belenenses

Na sede da Associação Comercial de Lisboa realizou-se, ontem, o acto de posse dos novos dirigentes do C. F. «Os Belenenses».

Na mesa que presidiu aos trabalhos tomaram lugar o juiz desembargador dr. Fernando Olavo Gouveia da Veiga, agora presidente da assembleia geral do clube, e os srs. dr. Osvaldo Branco, representante da F. P. F., eng.º Alfredo Valverde, pela A. F. L., Justino Pinheiro Machado, pelo Sport Lisboa e Benfica, e Carlos Queiroga Tavares, pelo Sporting Clube de Portugal.

Presentes, também, delegados de muitas colectividades desportivas que se associaram ao acto.

O secretário Pompeu Rocha leu o expediente, em que figuravam telegramas de Casas do Belenenses, Galitos, Beira-Mar, Varzim, Casa Pia, Pedrouços e Samjoanense, além de vários sócios.

Depois dos dirigentes empossados assinarem a respectiva acta, dr. Osvaldo Branco, eng.º Alfredo Valverde, Justino Pinheiro Machado, Carlos Queiroga Tavares, dr. Correia da Silva, vice-presidente do F. C. Porto, dr. Aníbal Pescadinha, presidente do Vitória de Setubal, eng.º João Aranha, director do G. D. da Ouf, e António Nunes, vice-presidente da A. F. Lisboa, endereçaram saudações aos homens que vão dirigir os destinos do Belenenses.

A seguir, tomou a palavra o novo presidente da direcção, eng.º José Álvaro Ubach Chaves Rosa, de cujo discurso extraímos algumas passagens:

— *A responsabilidade que eu e a minha direcção assumimos neste momento é enorme... Herdámos uma obra magnífica, queremos ser os seus continuadores. Os olhos dos que em nós confiam estão postos sobre se saberemos ser dignos da sua confiança e continuadores do autêntico renascer do Belenenses.*

E mais adiante:

— *Atravessa o Desporto Nacional uma hora muito grave. Têm-se avolumado ao longo dos anos uma série de problemas, tem-se agido quase sempre em improvisação, tem-se desvirtuado o valor do que o Desporto deve representar na vida da Nação... Para onde quer que nos viremos encontramos queixumes e desorientação, lamenta-se o tempo perdido, reconhece-se que quase tudo nos falta, que estamos cada vez mais distanciados daqueles cujas façanhas e nível desportivo admiramos como traduzindo capacidade na vida de um povo... Para mim entendo que não é hora de criticar o passado, mas é sim chegada a hora de construir o futuro. E confio. Confio porque acredito nos homens e na sua vontade, porque sinto que nos vários sectores se ouvem já vozes responsáveis no desejo de bem agir, no reconhecimento do muito que há a fazer, e começa-se a saber como se vai construir.*

Outro trecho em que o orador pôs a maior vibração:

— *A todos os clubes desportivos do País faço sentir a homenagem do Clube de*

O eng.º Chaves Rosa, novo presidente da direcção do Belenenses

Futebol «Os Belenenses». É aos clubes, companheiros de luta, que se deve uma grande parte, mesmo muito, do que de bom tem sido feito neste País a bem da educação física. A minha direcção, que o mesmo é dizer este clube, a todos saúda, a todos apresenta o seu muito respeito, a todos oferece a sua leal colaboração e o desejo sincero de com eles viver em clima de muita amizade.

«Muito se critica na hora presente o clubismo... Eu, pessoalmente, no clubismo só encontro virtudes, o meio de activar a emulação válida, o agente motor do querer fazer sempre mais e melhor. Critico sim o fanatismo, a cegueira da cor, o embrutecimento do espírito de competição. No fanatismo só se pode encontrar a causa dos muitos males da nossa vida desportiva, a raiz dos erros profundos que nos desvirtuam o ideal desportivo.

«A todos os clubes peço respeito pela nossa bandeira. A todos os clubes prometo continuar a fazer o que for possível dentro do Belenenses para que, a par de respeito, encontrem, nas horas boas e más, amizade e certeza de compreensão.

E ainda:

— *O Belenenses quer servir o País e entende que se servir a nossa juventude sob o ponto de vista da educação física e do ideal desportivo estará a contribuir para uma valorização e formação básica dos homens de amanhã. Pretendemos levar o desporto a casa de cada jovem e trazer para os campos desportivos todos os jovens. Queremos pensar no futuro, nesse ano 2000 que já não está tão longe, engrossar as nossas fileiras com aquela gente nova, novíssima de agora, que nesse futuro será o nosso juiz e o espelho da nossa acção.*

O juiz desembargador dr. Gouveia da Veiga encerrou a sessão, pondo em destaque a presença de tantas entidades amigas do Belenenses.

Afirmou:

Gosto de ver o Sporting aqui representado e lembro a acção deste clube em prol da entrega do nosso estádio. Congratulo-me igualmente com a presença do Benfica e quero acrescentar que nada destruirá a amizade que nos liga.»

Após agradecer a presença dos representantes das outras colectividades congéneres, e de referir a compreensão que o Belenenses encontrou na D. G. D., o dr. Gouveia da Veiga concluiu com um «Viva o Belenenses», no que foi entusiásticamente acompanhado por toda a massa associativa.

VÁRIAS NOTÍCIAS

■ **Logo que termine o seu contrato com o Milionários de Bogotá o legendário Amadeo Canizo tenciona retirar-se da actividade e fazer-se treinador na Argentina.**

■ **O programa de preparação dos ingleses para o Mundial inclui jogos particulares contra a Bélgica (25 de Fevereiro), França (12 de Março), Colombia e Equador.**

Sem encargos...

Docherty ofereceu-se para treinar o Aston Villa

Tommy Docherty, que na passada semana foi destituido do cargo de treinador do Aston Villa, ofereceu-se para reocupar o seu antigo posto por um prazo de dois anos, sem quaisquer despesas para o clube e propondo-se até a emprestar-lhe 12 mil dólares do seu dinheiro particular.

Numa entrevista que causou sensação Docherty afirmou: «Confio ainda na minha competência e na capacidade e valor dos jogadores do Aston Villa para tirar a equipa da difícil situação em que actualmente se encontra e alcançar uma série de vitórias que nos reabilite perante os sócios.»

Acrescenta que não lhe deram tempo suficiente para realizar todo o trabalho que pretendia levar a cabo e como compreende a difícil situação económica do clube, está disposto a não receber vencimentos e inclusivamente a emprestar dinheiro.

Docherty fez estas declarações poucas horas depois de uma reunião da junta directiva, na qual ao que se diz, ficara resolvido oferecer-lhe o lugar de preparador físico adjunto, por ele rejeitado.

Docherty declarou que é preparador físico diplomado pela Federação, mas que o seu posto no Aston Villa era o de «manager», e é como tal que se propõe continuar.

PRÉDIO

JUNTO AO CINEMA IMPÉRIO

Construção em alvenaria em muito bom estado de conservação, composto de 6 pisos, 2 inq. por andar, tendo cada hab. 5 casas soalhadas, cozinha, marquise, casa de banho.

Rendimento — 165.000$00

Preço — 2.500.000$00

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

O MAU COMEÇO DOS JUNIORES

NÃO ATACAR É DIZER «ATAQUEM!»

PARIS, 30 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — As esperadas dificuldades para os juniores portugueses concretizaram-se. Efectivamente, os franceses não só evidenciaram elevado índice atlético como, ainda, apresentaram alguns jogadores que nada ficam a dever, no plano técnico, aos melhores de qualquer país na mesma categoria — casos de Becker, Gardon, Santini e Sarramagna.

Não terá residido aí, todavia, o principal factor da derrota portuguesa — cujos números poderiam até haver atingido expressão mais elevada. Tudo leva a crer, na verdade, que a selecção lusa foi surpreendida pela feição nada defensiva que caracterizou o futebol desenvolvido pelos gauleses, exactamente como estes terão ficado surpresos — agradàvelmente, acrescente-se — com a total ineficácia do ataque português.

O que sucedeu a seguir compreende-se fàcilmente: seguros de que a equipa lusa carecia de intencionalidade ofensiva, os franceses breve se tornaram mais afoitos, instalando-se por longos períodos no meio campo contrário e obrigando a defesa portuguesa a trabalho árduo para conter as constantes e perigosas investidas ás suas redes.

Lances de golo «feito», propriamente ditos, não houve nenhum para o lado português. Em contrapartida os gauleses concretizaram três e perderam, pelo menos, mais dois. Isto diz tudo, havendo apenas a acrescentar que, como se não bastasse a manifesta superioridade do adversário, também a sorte virou costas á turma de Portugal — quando, no último minuto da partida, Laranjeira atirou contra o poste das balizas á guarda de Bertron, na transformação falhada de um castigo máximo.

Mau começo da equipa portuguesa no Torneio Internacional da U.E.F.A. para juniores. Aguardemos o que irá passar-se no decorrer da competição.

Torneio de Viareggio

O BENFICA ESTREIA-SE AMANHÃ

Dezasseis equipas de diferentes países estão presentes em Viareggio, a fim de tomarem parte no já famoso torneio internacional para juniores.

O Benfica participará uma vez mais, e, aproveitando o facto de a regulamentação do torneio permitir a inclusão de jogadores até aos 20 anos, fez deslocar, como reforço, alguns futebolistas da categoria superior — casos de Raul Águas, Olegário, Tomás, Nené, Leal e Toninho.

A turma portuguesa jogará amanhã com o Milan. Entretanto, hoje, dia inaugural, Dukla e Atalanta abrem a série de partidas a realizar.

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA AMADORA

Na Associação Académica da Amadora efectua-se hoje, á noite, com início ás 21 e 30, um torneio relampago de bilhar, ás três tabelas. Esta manifestação está integrada no programa das comemorações da passagem do 28.º aniversário da colectividade.

O CAMINHO QUE SE PROCURA

SOCIEDADE BOA UNIÃO — QUEM LHE SEGUE O EXEMPLO?

A influência dos homens do Desporto nos vários sectores de actividade, designadamente nos seus locais de presença e de convívio, reveste-se, por vezes, de facetas curiosas.

O caso que vamos referir sucintamente não é único; apenas suficientemente raro para merecer citação e servir de exemplo. Passa-se na Sociedade Boa União, uma colectividade de cultura e recreio do populoso bairro de Alfama, que, no momento, se encontra em plena comemoração do seu centenário.

Há doze anos atrás, um seu dirigente sonhou em introduzir a ginástica no seio da Boa União. Homem com passado desportivo, esse dirigente — Fernando Dias — não se ficou na ideia, e acabou por concretizar o intento. Doze anos passaram, no decurso dos quais centenas de crianças puderam usufruir das vantagens de uma actividade física racional e saudável.

Actualmente, sete dezenas de rapazes e meninas, dos cinco aos doze anos, filhos de associados, estão entregues ao carinho e competência do técnico Garcez Palha.

Pois bem, referido o facto, vamos á transmissão do desejo: existem centenas de colectividades de cultura e recreio por esse Portugal fora. Locais onde as pessoas vão, convivem, conversam, permanecem. Locais onde se podem discutir ideias, alinhavar planos, formular intentos. Locais fixos, receptivos, de centro. Esta, uma face da medalha que imaginamos. Na outra, está inscrita a palavra FOMENTO. Palavra-ordem na Federação Portuguesa de Ginástica, dirigida pelo dinâmico Luís Miramon. A Boa União lançou a ideia. Não pela palavra, mas pelo acto, espontâneo, válido, a merecer encómios.

Definir a ideia seria ocioso. Embora implícita, ela ressalta, plena de conteúdo e de expressão própria... e, claro, a iniciativa teria de pertencer ás entidades responsáveis.

O SPORTING DE LUANDA CONVIDADO A JOGAR EM SALISBÚRIA

LUANDA, 25 — (A. N. I.) — O Sporting Clube de Luanda recebeu um convite para a sua equipa de futebol participar num torneio quadrangular, que vai realizar-se em Salisburia, capital da Rodésia, na segunda quinzena de Março próximo.

Jogam no torneio, além de uma equipa rodesiana, mais duas equipas portuguesas de Moçambique.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ANDEBOL

A N D E B O L — Resultados dos campeonatos de Lisboa de andebol, nas categorias de juniores juvenis:

Juniores — Passos Manuel (B)-Almada, 25-10; Campo Ourique-Benfica (adiado para terça-feira).

Juvenis — Parede-Almada, 14-18; C. D. U. L.-Passos Manuel (A), 25-16; Encarnação-Passos Manuel (B), falta de comparência a ambos; Belenenses (A)-Passos Manuel (C), 14-8; Campo Ourique-Benfica foi adiado para terça-feira.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Garrincha está em Roma e quer jogar no Juventus

ROMA, 26 — (A. N. I.) — Manuel «Garrincha» dos Santos, um dos maiores jogadores de futebol brasileiro de todos os tempos, encontra-se na Europa — e, ao que parece, procura trabalho.

«Desejo jogar na Europa. Quero deixar o Brasil» — afirmou o desportista.

A estrela de dois Campeonatos do Mundo, que actualmente tem 37 anos, declarou que preferia jogar na Itália, mas está igualmente a considerar a oferta de uma equipa da II Divisão sueca, cuja designação não revelou.

«Ainda posso jogar, e gostaria de fazê-lo para o Juventus, pois gosto dessa equipa».

A decisão tomada pelo futebolista brasileiro de deixar o seu país — segundo ele próprio afirma — nada tem a ver com a sua vida particular, nem com o Flamengo do Rio de Janeiro.

«Durante seis meses que permaneci no Flamengo, marquei catorze golos Mas não me sinto contente Quero deixar o Brasil».

Muitas pessoas acreditam que o «pequeno pássaro» está a aproximar-se do fim da sua carreira de futebolista, devido à idade e a um acidente de viação verificado há oito meses, no qual ficou ferido.

«Garrincha», que chegou ontem a Roma na companhia da cançonetista brasileira Elsa Soares, declarou que esteve prestes a jogar no Juventus em 1963, mas que o negócio se desfez, o que continua a lamentar.

Garrincha: sem dúvida um dos maiores jogadores brasileiros de todos os tempos

SÁBADO DESPORTIVO

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão: Passos Manuel-Campo de Ourique, Benfica-Belenenses e Sporting-C. N. O. C. A., no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 20 e 30.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão (fase metropolitana), 5.ª jornada: Académico-Barreirense, B. P. M.-Sporting, Benfica-V. da Gama, C. U. F.-F. C. Porto, Académica-Marinhense e Ginásio Figueirense-Belenenses.

ESGRIMA — Campeonato de reservas da A. F. L., última jornada: Casa Pia A. C.-Atlético, Sintrense-Oriental, Alhandra-Torriense, U. Algés-Odivelas e Sacavenense-Estoril, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

LUTA GRECO-ROMANA — Campeonato nacional de equipas: Acad. Amadora-Ruma, Mercês-Sporting e Benfica-Ateneu, em seniores; B. Banheira-Belenenses, em seniores e juvenis, nas salas dos primeiros.

NATAÇÃO — Torneio mensal de Janeiro para nadadores de 8-9 anos, na piscina do Arneiro, ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa, de seniores: Faculdade de Ciências-Costa do Sol, no ginásio do primeiro, ás 19 e 30.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa de reservas: P. Manuel-C. Ourique, ás 20 e 30; Benfica-Belenenses, ás 21 e 45; e Sporting-C. N. O. C. A., ás 23, no Pavilhão do Campo de Ourique.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da II Divisão: Ateneu-Lisgás, ás 22 e 30; Técnico-Nacional, ás 21, ambos no ginásio do Técnico.

BILHAR — Campeonato de Lisboa de partida livre (4.ª categoria), na Associação dos Amadores de Lisboa, ás 21.

TÉNIS DE MESA — Fecho das inscrições para os Campeonatos de Lisboa por equipas, na Associação, ás 22 h.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 22 – 9.ª Época

Diário de Lisboa — X2X X21 122 1XX2; O Alcoa — 212 1X1 121 1XX2; Brados do Alentejo — 211 XX2 2X1; 1111; Cavalgada do Ritmo — 11X X21 1XX 11X1; Comércio de Portimão — 212 121 111 11X1; Correio de Coimbra — 21X 221 111 X2X1; Correio do Vouga — 212 121 111 1111; Defesa de Espinho — X12 X2X 1X2 1X1X; O Distrito de Setubal — 212 111 112 2111; Ecos de Cacia — X12 121 12X 11X1; Eu Sei Tudo — XXX X21 111 1212; Fôlha do Domingo — X1X 121 1X2 1211; Gazeta do Sul — 212 21X 121 XX11; Imagens Piedenses — X12 22X 1X2 11X1; Estrela da Manhã — 211 221 1XX 2XX1; O Jornal de Felgueiras — 112 121 12X 1XX1; O Jornal da Lixa — 112 121 112 1211; Jornal de Santo Tirso — 1X2 2XX 122 1X21; Jornal de Sintra — X12 121 121 1221; Linhas de Elvas — 1X1 21X 1X2 XX11; Notícias de Beja — 212 X22 X11 1221; Notícias de Chaves — 1X2 X21 12X 12X1; Notícias de Felgueiras (SD) — X12 221 1X1 X2X1; Notícias de Felgueiras (Tot) — 212 X21 11X 1X2X; Notícias de Guimarães — 2X2 X22 112 XX22; Notícias da Guiné — X12 2X1 X11 1212; Povo Algarvio — X12 X21 112 1X1X; Rádio Sports — 112 111 1XX X2XX; Reconquista—112 X21 112 1222; República — 212 121 1X2 1X21; Jornal Desportivo — 212 X21 11X 1XX1; Domingo Alegre — X12 X21 122 XXXX; Roteiro Sonoro — 1X2 1X1 11X 1211; Terceiro Programa — 112 1X1 122 1111; Passatempo — X12 X21 X12 212X; Bondiazinho — X22 121 X21 X122; Cidade de 70 — X12 121 112 1221; Vamos Jogar no Totobola — X22 1X1 X22 11X1; Notícias da Beira—212 111 1X2 1X1X; Diário de Moçambique — 212 XX1 1XX 22X1; Brado Africano — XX2 121 122 12XX; Onda da Manhã — 212 XX1 1XX 22X1; Ecos do Desporto — 112 X21 11X 11X1; Notícias da Amadora — 212 X11 121 XX12; Peça Que Não Maça — 21X X21 11X 1XXX; Sporting — X12 X21 11X X2XX; A Voz — X1X 2X1 X22 X2X2; A Voz Desportiva — 212 111 121 1221; A Voz de Palmela — X12 221 12X 1111; Auto Rádio — 1XX 121 1X2 1211; Boletim Desportivo do R. P. — 11X 121 112 1X11; Cantinho Ricardo Lemos — 21X XX1 1XX 12X1; O Comércio de Leixões (DTUP) — 112 X21 1X2 X11X; O Comércio de Leixões (Desp.) — X12 121 122 1X11; De Tudo Um Pouco — X12 111 12X 1XX2; As 10 Espere Por Nós — 112 1X1 1X2 1X12; Dos Fracos Não Reza a História — X12 X2X 121 2X11; Ideal Rádio — 212 X21 1X1 1XX1; Jornal de Notícias — XX2 121 11X 12X1; Momento do Totobola — X1X 111 1XX 11X1; A Ordem — X12 211 1XX X122; Prog. Electro Mecânico — X1X 1X1 1XX 1111; Rádio Placard (ENR) — 111 2X1 112 1X11; Rádio Placard (RCP) — 211 X11 112 121X; Rádio Placard (RCP — de LX) — X1X X11 112 1211; Repórter do Dia — 212 XX1 12X 1X1X; Repórter do Dia (Angola) — 2X2 121 X2X 2122; O Sorriso da Hora do Almoço — X12 111 112 1X1X; A Voz dos Ridículos — 212 221 11X XX1X; Voz do Casa Pia — X12 X21 1XX 1XX1; Centro Desportivo — 212 X21 12X 12XX; A Comarca de Arganil — 212 X21 X22 221X; O Comércio do Porto — 21X X11 1X2 12X1; A Defesa — X1X 221 112 X211; Diário do Alentejo — X12 121 1XX 11X2; Diário de Coimbra — 112 1X1 1X1 1X11; Diário do Sul — 212 221 1XX 2X21; Eco do Funchal — 11X 211 112 211X; Litoral—X11 11X 121 11X1; Jornal do Sul (AD) — 212 121 X1X 1221; Jornal do Sul (TL) — X12 1X1 1X2 2221; Jornal de Viseu — 212 111 1X2 X2XX; Maria da Fonte (Desp.) — 212 211 111 1221; Maria da Fonte (VP) — 212 1XX 12X 1221; Notícias d'Évora (VJT) — 212 X21 12X 1X1X; Notícias d'Évora (VD) — X1X 121 1X1 12X1; Notícias de Gouveia — X1X 111 X22 X111; Novidades — 21X X21 111 XX11; Passatempo — 212 1X1 111 1X21; Póvoa de Lanhoso (CA) — 21X 121 1X2 XX22; Póvoa de Lanhoso (Desp.) — X12 12X 121 11X1; A Rabeca — 11X 2X1 1X2 XX11; Rádio Altitude — X12 121 122 1111; Rádio Ribatejo — 212 X21 X1X 1X11; Renovação — 212 X21 1X2 XX21; O Setubalense — 212 XX1 122 12X1; O Templário — X12 X11 112 1111; A Voz do Domingo — X12 121 112 1212; Voz de Lamego — 222 121 121 1X11; A Nossa Chave — X1X 121 111 1X12; Diário (Luanda) — X1X X21 1X2 1X1X; Angola Desportiva — X1X 121 1X2 XX11; Apostolado — XX2 221 1X2 1211; Comércio — X12 X21 1XX 1X11; Notícias do Totobola — 2XX X11 1XX 1XX1; Correio do Douro — X12 111 112 2111; Norte Desportivo — 2X2 X11 1X1 X2X1; Música e Desporto — 212 X21 11X 1111; Só-Rádio — 212 X21 1X1 X211; Boletim Desportivo — 212 1X1 122 X1X2; Almanaque — X11 11X 122 X11X; Prog. da Manhã — 111 111 111 1111; Vamos à Bruxa (Adesivo) — 212 2X1 112 X2X1; Vamos à Bruxa (D. Conchita) — 212 211 1X2 X2X1; Colina Sagrada — 21X X2X 1X2 XX11; Resenha Desportiva — X12 1X1 1XX 12X1; Prog. Sem Nome — 11X X12 111 1X11; Rádio Clube do Norte — 1X2 221 X12 X121; A Lição do Menino Quim — 21X 21X 121 1X21; Penalti — 112 X21 112 X212; Mundo Desportivo — 212 111 12X 1X11; Açores (Desportivo) — 222 XX2 11X X22X; A Ilha (Desportiva) — 212 X2X 11X X211; Correio dos Açores — X11 121 112 11X1; Jornal da Beira — X12 X11 12X 12X1.

RESUMO

CONCURSO N.º 22

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2 (a)
1.	Leixões-Setubal	23	49	53	2	5	5
2.	U. Tomar-Braga	106	14	5	10	1	1
3.	Boavista-Porto	9	28	88	1	2	9
4.	C. U. F.-Varzim	53	49	23	5	5	2
5.	Académica-Benfica	30	25	70	3	2	7
6.	Belenenses-Guimarães	107	13	5	10	1	1
7.	Penafiel-Gouveia	112	12	1	10	1	1
8.	Vizela-B. Mar	46	42	37	4	4	4
9.	T. Novas-Sanjoanense	30	40	55	3	4	5
10.	A Viseu-Famalicão	80	33	12	8	3	1
11.	Luso-Farense	32	47	46	3	5	4
12.	Sesimbra-Portimonense	37	44	24	6	4	2
13.	Tramagal-Peniche	83	22	20	8	2	2

E o prognóstico lógico será: 212 121 112 1X11.

(a) Nos termos do Art.º do Regulamento geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

AUTOMOBILISMO

O NORTE EM FOCO COM O III «RALLYE» TARGA QUE COMEÇA AMANHÃ EM BRAGA

Com partida de Bom Jesus, em Braga, realiza-se, durante o dia de amanhã e madrugada de domingo, o III «Rallye» Targa, segunda prova do Campeonato Nacional de 1970, cuja organização pertence ao Targa Clube, do Porto, uma agremiação jovem, mas já creditada com excelente trabalho a favor do automobilismo no Norte do País.

A primeira vista, pelo menos no papel, o esquema do III «Rallye» Targa promete uma prova de grande interesse, com um figurino muito próximo do que deve ser um «rallye» de campeonato para o nosso meio: média, quilometragem, poucos «contrôles» e uma estrada muito difícil, exigindo toda a capacidade dos pilotos, mas, por isso mesmo, suficientemente selectiva para os escalonar em poucas horas.

O Gerês, a Cabreira e Barroso, no extremo norte do País, zonas onde se têm decidido alguns dos mais importantes «rallyes» nacionais constituem o cenário principal do III «Rallye» Targa, mas, de um modo geral, quase toda a estrada pode encerrar dificuldades, pois o estado do tempo faz prever a existência de chuva, nevoeiros e lama.

O percurso totaliza 832 quilómetros, dos quais cerca de 200 nas difíceis estradas florestais da Cabreira, Gerês e Barroso, onde uma vez mais os pilotos nacionais serão postos á prova. Ainda que todo o «rallye» se apresente com fartos motivos de interesse, é evidente que será decidido nestas estradas, de onde todas as equipas sairão largamente penalizadas, a menos que cometam inesperadas proezas.

Apenas 26 equipas inscritas parece-nos bastante pouco para um «rallye» que pode vir a ser, se a organização não falhar, uma das melhores provas do Campeonato.

Em relação a pilotos, não há grande novidade Os nomes são quase os mesmos do ano passado. Quanto a máquinas, teremos, como primeira nota de interesse, o regresso de Adolfo Sampaio, num «Lância Fulvia HF», carro que faz a sua estreia nas mãos de pilotos nacionais. Trata-se, sem dúvida, de um conjunto de fortes possibilidades. Américo Nunes, com o seu «Porsche 911 S», é sempre um favorito. Heitor de Morais não dispõe actualmente de uma máquina que possa competir com alguns dos consagrados, mas o facto de ser um especialista da condução na lama (que já lhe valeu uma Volta a Portugal) pode anular a diferença. Carpinteiro Albino, no «Saab V4», é outro favorito. A prova parece feita á medida para a sua máquina. O «Escort TC» de Francisco Santos, que no «Rallye» do Sporting não correspondeu em afinação geral á expectativa do piloto, parece ter sofrido considerável melhoria, o que lhe dá evidentes possibilidades. César Torres, Fernando Baptista, Jorge Nascimento e Sarmento Rebelo completam o lote de concorrentes que poderão discutir este III «Rallye» Targa.

A partida será dada amanhã do Bom Jesus (Braga), saindo o concorrente n.º 1 ás 9 horas. Ás 11 e 15 haverá uma neutralização de 30 minutos no Gerês. A prova recomeça em Vieira do Minho, ás 12 e 30, com passagem por Rossas, Cabeceiras de Basto, Salto, Ermal, Ruivães, Venda Nova, Pisões, Venda Nova, Ruivães, Vieira do Minho, Rossas, Póvoa de Lanhoso e chegada ao Bom Jesus, ás 18 e 30. A segunda etapa tem um itinerário exactamente igual ao da primeira, sendo a partida do concorrente n.º 1 ás 21 horas. A chegada ao Bom Jesus está prevista para as 6 e 30 de domingo. A média obrigatória é de 50 km/h. na primeira etapa, e de 60 km/h na segunda, havendo apenas 11 «contrôles» em cada uma.

A. V.

Lista de concorrentes

1 — Adolfo Sampaio, «Lancia Fulvia HF»; 2 — Américo Nunes, «Porsche 911 S»; 3 — Heitor Morais «Morris Cooper S»; 4 — Miguel Correia, «BMW 2002 TI»; 5 — Carpinteiro Albino «Saab 94 V4»; 6 — David Cabral, «Datsun 1600 SSS»; 7 — Francisco Santos «Ford Escort TC»; 8 — Osvaldo Oliveira, «Vauxhall Viva 2000 GT»; 9 — César Torres «Austin Cooper S»; 10 — Eduardo Cid, «Ford Cortina GT»; 11 — Rui Souto, «Austin Cooper S»; 12 — Belmiro Correia, «Toyota 1100»; 14 — Carlos Moura, «Fiat 125»; 15 — Hermínio Martins, «Saab 96 V4»; 16 — Electropinto, «Saab 96 V4»; 17 — Jorge Nascimento «BMW 2002»; 18 — Fernando Baptista, «Austin 1800»; 19 — Artur Santos «BMW 2002»; 20 — Adérito Moreira «BMW 2002; 21 — Rogério Beatriz, «NSU TT 1200»; 22 — Xanato, «Austin Cooper S»; 23 — Sarmento Rebelo «NSU TT 1200»; 24 — Fernando Cruz, «Morris 1000»; 25 — Agostinho Maia «Simca 1100»; 26 — Maia de Castro, «Simca 1000 Especial»; 27 — Ondmadf, «Peugeot 204».

Calços para travões
Discos para Embraiagem
PEREIRA & BESSONE
Av. 24 Julho

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Propriedades

— VENDAS —

MORADIA

Vende-se entre Oeiras e Carcavelos, muito bem situada, a estrear, composta de r/chão e 1.º andar, com lindas vistas e todos os requisitos modernos, totalmente independente, com uma área de 1500 m2, pronta a fazer escritura. Trata e mostra: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 104-2.º, telefs. 53 61 11-2-3 — Lisboa.

PRÉDIOS
ANDARES
MORADIAS
TERRENOS
não compre sem consultar a

▼

PREDIAL
ROBREL
Rua Rodrigues Sampaio, 69

Contacto
H. NUNES

PUBLICIDADE
Telef. 847260

PRÉDIO

Em Lisboa, sito na Rua Actor Isidoro, 32, rendimento 134 760$00 vendo por 2300 c., com escritura na mão, rendas baixas facilito 1300 contos por 8 meses, s/ juro. Trata o próprio, Ernesto Santos. Restauradores, 53, Lisboa.

PRÉDIO

Em Lisboa, Rua das Trinas, 118, rendimento 48 000$ vendo por 800 contos, com escritura na mão, rendas baixas, facilito 500 contos por 8 meses sem juros. Trata o próprio Ernesto G. dos Santos, Restauradores, 53, Lisboa.

ANDARES

Ao Campo Grande, com facilidades de 300 contos á Caixa, em prédio de luxo c/ 6 div. assoalh., 3 c. de banho, despensa, rouperio, intercomunicadores e aquecimento. Preços desde 750 contos. Ver Av. do Brasil, 40.

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE ràpidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.º ou 2.º hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Lairea, Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telef. 325487, 470618 (Junto á P da Figueira).

CASAS

para alugar

Procure V. Ex.ª nos s/ escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a titulo de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º, — Telefs.: 30259-34755.

AUTOMOTORA DE «FIM DE SEMANA»

A C.P. informa que as estações do Ramal de Lagos passam a vender bilhetes para a automotora especial que circula aos sábados e domingos de Vila Real de Santo António - Guadiana a Barreiro, e volta, com ligação em Tunes e no Barreiro, respectivamente, ás circulações e carreiras normais.

CAPITAIS

COLOCAM-SE COM INTEIRA GARANTIA, AO MELHOR JURO, SOBRE HIPOTECA:

CONSULTEM A

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

Praça da Alegria, 58, 2.º — Telef. 36 67 31 - 36 68 12

— e escolham a solução mais adequada às v/ pretensões.

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar. Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Tel. 448446.

Contacto
H. NUNES

Telef. 847260
PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987.

Cortina 1300 de Luxe de 1968; N. S. U. Prinz 1000 S. S. de 1968; Simca 1000 G. L. S. de 1968; Volkswagen 1500 de Luxe de 1968; Taunus 12 M 1500 de 2 portas de 1966; Fiat 850 de 1966; Austin Cooper S 1300 de 1964; Morris 850 Super de 1964; M. G. Midget de 1964; Saab de Luxe, mod. 96 de 1965.

Fac. troca e pag.

MARCELO VENDE:

Av. João Crisóstomo, 47-C

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod. recentes, impecáveis. Consulte-nos: L. St.ª Bárbara, 5-B. Telef. 53 46 57.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª; — Av. Republica, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º.
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em divida ao Stand, ou seguro. Sem fiador. Prazos hipotecados, sem alteraç. e de 40 meses. Tel. 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria, Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef. 53 35 92

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade.

Está de parabéns preferindo:

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e venda na:
Av. Almirante Reis, 172-A
Telef. 833592

MALHAS

Máquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m. talão alto e baixo, manuais e motorizadas, Person, Shaffouse, M. R. e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos. Aparelhos de passagem, etc.

Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telefs. 832391 e 820666.

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

DINHEIRO

SOBRE AUTOMÓVEIS E PROPRIEDADES

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs 44602 - 536569

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses.
SIMPLES, EFICIENTE, ECONÓMICO
T. 560713

PRECISAM-SE

1000 a 1200 c. em 1.ª hip., sob prédio a render 118 contos sito em Lisboa, muito central, com caderneta actualizada. Próprio. Resposta a este jornal ao n.º 418.

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

PRÉDIO À ESTRELA

Junto aos transportes, construção em cimento armado, revestida a ovinol, hab. com 6 div. soalhados, cosinha, 2 casas de banho, despensa, marquise e hall.
Rendimento: 528 000$00. — Alugado.
Preço: 8 300 000$00. — Facilita-se parte a juro baixo e a longo prazo.

MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3, 2.º — Telefones 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova da Almada, 99 — LISBOA

SE TEM ALGUM DESTES PROBLEMAS...

- Contabilidade complicada e atrasada
- Dificuldade de espaço para ampliar escritório
- Dificuldade em obter pessoal especializado
- Falta de tempo para desenvolver seu negócio
- Dificuldade em preencher lugares no Conselho Fiscal, conforme disposições legais em vigor desde 1/1/970.

ENTÃO, contacte com BELCONTA
Apartado n.º 4008 — Telef. 785848

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SALDOS DE ARTIGOS PARA DECORAÇÃO ESTOFOS, CARPETES E TAPETES

PASSADEIRAS C/ LARG.AS 0,50 A 1,00, TAPETES E CARPETES C/ GRANDE VARIEDADE DE CORES E MEDIDAS, Tecidos para Estofos e Decorações, grande sortido, artigos s/ defeitos, em peça desde 25$00 e muitos retalhos de DAMASCOS, SEDAS, GORGORÕES, REPS, etc., desde 5$00.

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador)
ESQUINA DA RUA DA PRATA

♦ Pequenos anúncios ♦ Pequenos anúncios ♦ Pequenos anúncios ♦

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

Bola de fogo — 500 -- no Europa
Os gloriosos calhambeques -- no S. Luiz e Alvalade
A selva dos diamantes -- no Politeama

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
EM 7.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARAVEL em TODD-AO cor de Lux com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

IMPÉRIO

(Adultos Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
Technicolor - Techniscope
MULHERES — LUXO
DINHEIRO — PODER
2.ª SEMANA
OS HOMENS DE LAS VEGAS
com **Elke Sommer, Jack Palance, Lee J. Cobb, Jean Servais e Roger Hanin**

ESTÚDIO

(M. 17 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de MARCEL CARNÉ
EM 4.ª SEMANA
TRÊS QUARTOS EM NOVA IORQUE
com **Annie Girardot**

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Uma história moderna e provocante sobre o amor e o sexo...
2.ª SEMANA
MEIAS PRETAS
EASTMANCOLOR
c/ Susan George e Victor Henry

VOX

(M. 17 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
2.ª semana de enchentes
Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e Ricardo Montalban no super-espectáculo de Bob Fosse em cinemascope e tecnicolor:
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme seleccionado para inaugurar o Festival de Cannes de 1969.

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
MAIGRET E O ESPIÃO
O DUELO NA ILHA

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, ÀS 21.30 — ESTREIA
Um filme emocionante
A SELVA DOS DIAMANTES
com **James Garner** e **Eva Renzi**
Uma audaciosa aventura onde o perigo e a morte espreitam a cada passo...
(TECNICOLOR)

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Telefs 54153/4
Hoje ás 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)
(Oscar para o melhor realizador)
com **Anne Bancroft, Dustin Hoffman e Katharine Ross**

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
A DELIRANTE FARSA EXPLOSIVA COM NOVOS CÓMICOS FAMOSOS
4 BRUTOS NO OESTE
com «OS QUATRO BRUTOS»
(célebre atracção da TV),
Emma Penella e Darry Cowl
A história de quatro cangalheiros em bolandas com um cadáver e um tesouro num caixão...
(Dialiscope) (Eastmancolor)

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
11.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO À ITALIANA
com **Marcello Mastroiani**

CASINO ESTORIL

Às 17 e 21.30 (M. 12 anos)
O VOO FATAL
Edmond O'Brien, Van Johnson

LIDO

Praça D. João I—AMADORA
(M. 12 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Uma aventura no topo do Mundo!
Rock Hudson, Ernest Borgnine e Jim Brown em
MISSÃO NO ÁRCTICO
Uma maravilha no «écran»-gigante — 70 mm

SÃO LUIZ

HOJE, ás 21.30 — ESTREIA
(M. 12 anos) Tel. 327172
Technicolor — Cinemascope
OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES
— (Veja anuncio especial) —
Às 18.15 — Ultima exibição:
A FLOR DO CACTO

ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 763080
Às 21.45 — ESTREIA
Technicolor — Cinemascope
OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES

CONDES

(M. 12 anos) Tel. 522523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Ken Clark e Daniela Bianchi cortam-lhe a respiração em
O CASO LADY CHAPLIN

MONUMENTAL

(M 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
Um filme gigante em 2.ª semana
O OURO DE MACKENNA
Gregory Peck — Omar Sharif
Um gigante de acção numa palpitante aventura!

QUINZENA DO CINEMA INGLÊS
HOJE, ás 18.30 h. (Adultos)
O DESPERTAR DO AMOR de John Guilhermin, com:
Patricia Gozzi - Melvyn Douglas
Próxima Quinzena:
Comédia Popular Portuguesa

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Um movimentado «western»
O FILHO DE SHANE
com **Mike Marshall e Michele Girardon**
Eastmancolor

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
CAMINHOS DA VIOLÊNCIA
3 CHAPÉUS PARA LISA

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Às 21 horas
OS LOUCOS DO AMOR
A INVASÃO DA TERRA

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 21.30 — ESTREIA
Panavision-Color
BOLA DE FOGO — 500

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
2.ª semana de enchentes
Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e Ricardo Montalban no super-espectáculo de 1970, em cinemascope e technicolor
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme escolhido para inaugurar o Festival de Cannes em 1969

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
Um caso desconhecido da última guerra!
OPERAÇÃO ROSAS VERMELHAS
c/ James Dali, Anna Maria, Pierangeli

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
O mais excitante filme da fabulosa série de James Bond 007 — mais violento e mais duro que nunca.
007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
c/ George Lazenbin - Diana Rigg

OUTROS ESPECTÁCULOS

C I R C O
COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo».

T E A T R O S
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21e 45: «A Forja» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (12 anos)
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos)

C I N E M A S
OLIMPIA — Às 21: «O monge da máscara negra» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Casei contigo por alegria» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Que rico par...» (17 anos)
ARCO IRIS — Às 21: «Os devassos» (17 anos).
LUMIAR — Às 21: Guerra secreta» (17 anos)
PROMOTORA — Às 21: «Dois bilhetes para o México» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 19: «Perigo de morte em Beirute» (17 anos).

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Os 3 Super-Homens em Tóquio» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O voo fatal» (12 anos).
CASCAIS — S JOSÉ — Às 21 e 30: «Que importa morrer» (17 anos)

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Escroque elegante» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA—Às 21 e 15: «Divórcio á italiana» (17 anos).

● Linha de Sintra
DAMAIA — D JOÃO V — As 21 e 30: «Eles com elas» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O jogo, é matar» e «O que viram os meus olhos» (17 anos)

Foi aprovado superiormente o «Prémio Varela Cid» do Conservatório Nacional

Foi aprovado, por portaria do Ministério da Educação Nacional, o regulamento do «Prémio Varela Cid», instituído pelo Conservatório Nacional e constituído pelo rendimento anual da importancia de 27 560$00, que vai ser convertida em certificado de renda perpétua assentado ao mesmo Conservatório.

Segundo o referido regulamento, podem concorrer, mediante requerimento dirigido ao director do Conservatório, todos os alunos que no ano lectivo imediatamente anterior tenham obtido a classificaçãi mínima de 17 valores no final do curso superior de piano ministrado naquele Conservatório ou em qualquer das escolas de musica do País cujos exames tenham valor equivalente aos daquele Conservatório. O prémio será atribuído mediante concurso de provas que consistirão na execução publica das seguintes obras para piano: uma obra clássica escolhida pelo conselho escolar do Conservatório Nacional sobre proposta dos professores da disciplina de piano; uma obra romantica; uma obra moderna, e uma obra de autor português.

O candidato a quem for concedido o prémio receberá, simultaneamente, um diploma impresso cujo modelo será aprovado pelo director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno C

ALVALADE — Sanex, Av do Igreja, 31-C (776905) ✲ **Aeroporto** Avenida Gago Coutinho, 101-D (á Av. D. Rodrigo da Cunha) (722384) ✲ **Rio de Janeiro,** Av Rio de Janeiro, 4-C (á Av Estados Unidos da América) — (721409).
ALMIRANTE REIS — Castro, Av Almirante Reis, 76-A (44373)
ALTO PINA — Ibéria, Rua Barão de Sabrosa 285-A (á Alameda) (728277).
ALCÂNTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (660187)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av do Republica, 58-D-E (771661) ✲ **Figueiras,** Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) ✲ **Cruz Nunes,** Pr. Duque de Saldanha, 14 (41845) ✲ **Novais,** Av Luís Bivar, 11-18 (44324)
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av Rovisco Pais, 52-A-B (534027)
AREEIRO — Algarve, Av de Roma, 7-B (777478)
ARROIOS — Bastos, Rua Morais Soares, 91-E (844350).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216).
BAIXA — Silva Carvalho, R dos Fanqueiros, 126 (326575)
BELÉM — Bom Sucesso, R Bartolomeu Dias, 63-A (611454)
BENFICA — Santa Cruz, Av Gomes Pereira, 34-A (704828) ✲ **Vitex,** Est. de Benfica, 373-B (780548) ✲ **J. Ribeiro.** Estrada da Luz, 199-A (780969).
CAMÕES — Sanitas, Pr Luís de Camões, 24 (322798)
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R de Campo de Ourique, 181-133 (686640) ✲ **Elma,** Rua D. Maria Pia, 358-A (686176) ✲ **Urbano de Freitas,** Rua Silva Carvalho, 1-9 (662838)
CAMPO DE SANTANA — Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (412829).
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco de Morais, 1 (771469)
ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta da R. Possidónio da Silva, 162-A (669485) ✲ **Mota Capitão,** Rua de São Félix, 45-A (660720).
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-222 (772397) ✲ **Curie,** Av. Madame Curie 115-A (778439).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, — Galinheiras (790969).
CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424).
GRAÇA — Silva, Calçada de St.º André, 16 (862074) ✲ **Branquinho,** Rua dos Sapadores, 87 (842725).
ESTEFÂNIA — Pancada, R. Rebelo da Silva, 9 (43340)
JANELAS VERDES — Reis Garrido R. das Jan. Verdes, 90 (662327)
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 17 (790480).
MARQUES DE POMBAL — Liberal Av. da Liberdade, 219 (43641)
OLIVAIS — Central dos Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C, Olivais-Norte (315539) ✲ **Antunes Rosas,** R C I para a Praça Cidade, do Luso, Olivais-Sul (318610).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa 16-A (728395-720709)
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (681947).
REGO — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160-162 (761035).
RESTELO — Belém, R Tristão Vaz, 10-A (á Encosta do Restelo) (610248)
SANTO AMARO — Gomes, Sucs., R da Junqueira, 326 (638193). ✲ **Costa,** R dos Lusíadas, 32 (636704) ✲ **Dilena,** R. Aliança Operária, 49-A-B (636620).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calç D Gastão, 30-32 (381279)
S. BENTO — Fénix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (678531).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av Comb G Guerra 29 (Tel 212081)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás Rua Costa Pinto, 186 (Telefone 2432034)
OEIRAS — Godinho — Rua Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Aisir — Av Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (Tel. 2472948).
ESTORIL — S. João — S João do Estoril (Tel 261186)
MONTE ESTORIL — Ostende — R. de Espinho, 1 (Tel. 260391).
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 19, 41 (Telefone 280141); **Cascais** — Rua Conde de Monte Real—Bairro Caixas (Tel 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); **Flama** — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); **Confiança** — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149).
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telefone 970528).
QUELUZ — Zeller — R. da Republica, 83 (Tel. 950045); **Correia** — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905).
CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T 29100120).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Misericórdia — L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391).
VENDA NOVA — Nova — R Elias Garcia, 10 (Tel 933920)
COLARES — Colares — Abrejo (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel.
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis 30 (Telefone 224020)
ALMADA — Central — R. de Olivença, 11 (Tel. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional 74 (Telefone 224302)
BARREIRO — Santa Marta — R. do Lavradio, 77-C (Tel 227-2141).
COVA DA PIEDADE — Atlântico — Quinta do Pombal, (Tel 274365).
MOITA — Silva Rocha — P do Republica, 16 (Tel 239029)
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel 230008).
SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028).
SETUBAL — Normal do Sul — P do Bocage (Tel. 22216).
SEIXAL — Godinho — L do Igreja, 5 (Tel 221-8580).

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla, idem e feriados 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 Voluntários, 538524
POLICIA e G N. R. — Serviços de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763450
TRANSPORTES—Aeroporto 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos - de - ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

RESTAURANTE antónio
AMANHÃ
DOBRADA À ANTÓNIO
DOMINGO
CABRITO NO FORNO
R. Tomás Ribeiro, 63

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

MÚSICA, MUITA MÚSICA
UM CARNAVAL ALEGRE!
DIAS 7 8 9 10 Fevereiro
UM CARNAVAL COMPLETO NUM AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
VARIEDADES
INFORMAÇÕES PELO TELEF. 790211
RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 (2.º CIRCULAR AO C. GRANDE)
PARQUE PRIVATIVO PARA AUTOMÓVEIS
AR CONDICIONADO (Maiores de 15 anos)

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa

DL

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

BARÓMETRO DA CARREIRA DE KENNEDY

WASHINGTON — O senador Edward M. Kennedy aparecerá, em duas manifestações políticas, em público fora do Massachusets no próximo mês. Será a primeira vez que o senador aparece em reuniões desse tipo, desde o fatal acidente de Chappaquiddick em que se viu envolvido, no mês de Julho passado.

A decisão do senador sugere que ele se mostra optimista quanto aos resultados do inquérito e não espera novas acusações.

Ao mesmo tempo, o acolhimento feito a Kennedy permitirá que os democratas de todo o país avaliem em que medida o senador, de 37 anos e outrora a grande esperança do seu partido, foi afectado pela tragédia.

São duas as reuniões — uma, em Miami (5 de Fevereiro) e outra em Milwanku (21 do mesmo mês).

É, sobretudo, a segunda reunião que chamará a atenção dos observadores: Kennedy será o primeiro orador dum jantar (100 dólares, 2800$00, por pessoa) que se destina a recolher fundos para o senador William Proxmire (democrata do Wisconsin) que, como Kennedy, é candidato á reeleição no próximo Outono.

Desde o acidente de Chappaquiddick que Teddy não participa em manifestações deste género, a não ser no seu estado natal, onde conta com uma atmosfera hospitaleira. Os políticos profissionais terão um interesse muito especial em ver quantas pessoas serão atraídas por Kennedy ao jantar-debate de Milranwel e como corresponderão elas ás suas palavras.

Em Miami Kennedy fará parte de um grupo de dirigentes do partido democrático que serão hóspedes de honra de uma festa de gala, na qual não vai haver grandes discursos.

A participação de Kennedy, nesta gala, era evidente, dado que o comité nacional do partido decidiu, no ano passado, liquidar a dívida, de um milhão de dólares (cerca de 29 mil contos), contraída por Robert Kennedy para a sua campanha eleitoral, trágicamente terminada com a sua morte, em Los Angeles durante as primeiras.

Os colaboradores do senador Kennedy declaram que este não aceitou outros compromissos fora do Massachusetts, embora tenha recebido vários convites, que poderá aceitar se quiser. Ele próprio se afastou da corrida ás eleições presidenciais de 1972, mas comprometeu-se (não oficialmente) a apresentar-se para um segundo mandato no Senado.

A campanha de Kennedy não será afectada pelos seus outros projectos de viagem: a 3 de Março, irá a Dublin para tomar a palavra durante as comemorações do segundo centenário da «Trinity College Historical Society», fundada por Edmund Burke.

A escolha de Kennedy como orador principal só poderá ser aprovada pela comunidade bostoniana de origem irlandesa, que constitui o nucleo da sua base política.

DON IRWIN

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco ou moderado de Oeste, excepto nas terras altas onde soprava forte

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua e Tavira, 17°; Penhas da Saude, 0°,2

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto, 11°; Penhas Douradas, 2°, Coimbra, 10°; Portalegre, 7°. Lisboa, 11°; Faro, 14°; e Funchal, 14°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 12°,5; na água do mar, 13°.6

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado e vento fraco a moderado de Oeste. Agravamento do estado do tempo a partir da noite, com aumento progressivo de nebulosidade, vento de Sudoeste moderado por vezes com rajadas fortes e períodos de chuva, passando provàvelmente a regime de aguaceiros durante a tarde de amanhã.

Amanhã
Nascer ás 8 e 44
Ocaso ás 18 e 56

Hoje	Dia 6	Dia 13	Dia 21

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 9 e 06 (3,4 m); 21 e 37 (3,3 m) **Dia 31** — 10 e 03 (3,3 m); 22 e 47 (3,3 m); **Dia 1** — 11 e 30 (3,2 m). BAIXA-MAR: **Hoje**—2 e 40 (1,5 m); 15 e 10 (1,5 m). **Dia 31** — 3 e 38 (1,6 m); 16 e 18 (1,6 m); **Dia 1** — 5 e 06 (1,6 m); 17 e 42 (1,6 m)

A N. A. S. A. procede actualmente ao ensaio de três protótipos de aparelhos especiais (o X-24, o M-2 e o HL-10), destinados a assegurar os transportes entre a Terra e futuras estações em órbita

Em três linhas

Os srs. capitães-de-fragata Fernando de Barros e Olgário Baptista Borges e capitão-tenente José Manuel Brandão Pereira foram nomeados, respectivamente, capitães-de-bandeira dos navios «Pátria», «Uíge» e «Índia», armados em transportes de tropas.

///

Está aberto concurso de admissão para provimento de lugares de assistente de programas literários de 3.ª classe do quadro geral do pessoal da Emissora Nacional.

///

Passou, a seu pedido, à situação de licença ilimitada a sr.ª D. Maria Amélia de Matos Lourenço, agente feminina de 1.ª classe do quadro único da Direcção-Geral de Segurança, em comissão de serviço obrigatório na delegação de Moçambique.

///

Na Biblioteca Municipal de Viseu foram consultados em Dezembro findo 697 livros, incluindo-se entre os leitores 135 femininos

Foi arrendado um edifício na Sertã, para instalação dos serviços técnicos e administrativos do Nucleo de Assistência á Propriedade Florestal Privada.

///

Os srs. drs. Fernando Marques da Mata e Francisco de Morais Caldas, técnicos directores do quadro comum dos serviços de economia do Ultramar, colocado na província de Angola foram nomeados, o segundo interinamente, inspectores provinciais dos referidos serviços e na mesma província.

HUGH ADDONIZIO PROCURARÁ SER REELEITO

NEWARK (Nova Jersey), 30 — (R.) — A despeito das incriminações pronunciadas por um grande juri federal com base em extorsão, conspiração e fuga ao pagamento de impostos, Hugh Addonizio anunciou a noite passada que procuraria ser reeleito para um terceiro mandato como «mayor» desta cidade.

«Agi sempre com o sentido de respeito e de honra pela confiança que os meus cidadãos depositaram em mim» — declarou Addonizio numa comunicação.

«Nunca cometi um unico acto na vida publica que traísse essa confiança» — acrescentou.

Addonizio, um democrático eleito «mayor» pela primeira vez em 1962, foi incriminado em 17 de Dezembro juntamente com mais 14 funcionários municipais.

As indemnizações aos hospitais por assistência às vítimas de desastres mortais de viação e trabalho

O administrador-geral dos Hospitais Civis de Lisboa suscitou, perante a Direcção-Geral dos Hospitais, o problema de saber se o prazo de prescrição estabelecido no artigo 317.º do Código Civil para os créditos hospitalares deve ceder perante o prazo fixado nos artigos 495.º, n.º 2, 498.º e 499.º, também do Código Civil, quando se trate de créditos provenientes de serviços prestados por motivo de acidente de viação ou de trabalho, sugerindo ainda a Procuradoria-Geral da República se pronuncie sobre o problema posto.

Eis as conclusões do parecer do conselho consultivo da Procuradoria-Geral da República:

«1. Nos termos do disposto no artigo 495.º do Código Civil, em caso de morte ou lesão corporal, os estabelecimentos hospitalares que tenham contribuído para o tratamento ou assistência da vítima têm direito a ser indemnizados pelo responsável pelo facto danoso que causou a morte ou a lesão.

«2. No entanto, a atribuição do direito de indemnização referido no número anterior não prejudica o direito do crédito que, pelos serviços prestados, o estabelecimento hospitalar tenha sobre o assistido ou outra pessoa legal ou contratualmente obrigada a satisfazer o custo daqueles serviços.

«3. O direito de indemnização dos hospitais prescreve no prazo fixado no artigo 498.º do Código Civil.

«4. O crédito referido no n.º 2 destas conclusões prescreve no prazo estabelecido no artigo 317.º do Código Civil.»

Médico condenado por ter morto um cliente que não pagava

PARIS, 30 — (F. P.) — Um médico parisiense, o dr. Gabriel Parat, foi condenado a quatro anos de prisão, beneficiando de suspensão de pena, por ter assassinado, em Abril de 1965, um cliente, Roger Arnault, que recusava pagar-lhe uma dívida de cem mil francos.

No julgamento, que ontem terminou em Paris, a vítima foi o verdadeiro réu, pois desfilaram numerosas testemunhas que comprovaram o mau carácter de Arnault. O criminoso, segundo um sacerdote que testemunhou a seu favor, era «bom, honesto e leal, não tendo resistido á decepção de ver que nem todos eram como ele.»

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Por necessidade de melhorar alguns elementos da rede em serviço, será cortada a corrente no próximo Domingo, nos seguintes locais:

Concelho de Lisboa:

1.º SECTOR — Rua do Machado, Rua do Mirador, Trav. do Machado, Trav. do Mirador e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

3.º SECTOR — Praça da Armada e imediações (Das 8 ás 12 horas).

6.º SECTOR — Rua 1.º de Dezembro n.os ímpares, entre o Parque privativo da C. P. e a Calç. do Carmo. (Das 8 ás 12 horas).

9.º SECTOR — Alto do Varejão, Calç. das Lages, Quinta do Coxo e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

Concelho de Oeiras:

AMADORA

1.ª ZONA — Rua Gonçalves Ramos, Rua Gomes Freire, Rua 5 de Outubro, Rua Alfredo Keil, Rua António Correia, Rua Luís de Camões, Rua Gil Vicente, R. jão, Calç. das Lajes, Quinta do guesa, Rua 27 de Junho, Rua Diogo Bernardes, Rua Bernardim Ribeiro. (Das 8 ás 15 horas). 8 ás 15 horas),

CAXIAS:

2.ª ZONA — Reduto Sul em Caxias. (Das 8 ás 15 horas).

Concelho de Sintra:

3.ª ZONA — **MASSAMÁ** (Das (Das 8 ás 15 horas).

Concelho de Cascais:

4.ª ZONA — **S. PEDRO DO ESTORIL** — Bairro da Colónia Balnear Infantil do Século. (Das 8 ás 15 horas).

5.ª ZONA — **ESTORIL** — Av. de Nice. (Das 8 ás 15 horas).

Concelho de Vila F. de Xira:

6.ª ZONA — Vila Franca (parte). (Das 8 ás 14 horas).

Concelho de Alenquer:

7.ª ZONA — **ALDEIA GALEGA, ALDEIA GAVINHA, MERCEANA, CORTEGANA, PENUZINHOS, ATALAIA, LABRUGEIRA, OLHALVO, PUCARIÇA, MONTEGIL.** (Das 9 ás 10 horas).

8.ª ZONA — **PEDRÓGÃO, PAREDES, CHEGANÇAS, OTA (base), OTA (Vila), ABRIGADA** e linha A. T. entre Alenquer e Abrigada. (Das 8 ás 14 horas).

Concelho de Loures:

9.ª ZONA — Toda a zona industrial e Camarária e linhas A. T. entre Moscavide e S. João da Talha. (Das 8 ás 14 horas).

O AUMENTO DOS BANCÁRIOS

(Continuação da 1.ª página)

meiro o que o Sindicato propõe para o novo contrato colectivo, e depois os mínimos actualmente em vigor:

A — 11 500$00 (11 000$00 — 9250$00); B — 8600$00 (9000$00 — 6750$00); C — 7100$00 (7500$00 — 5500$); D — 6600$00 (6500$00 — 5100$00); E — 5900$00 (5550$00 — 4500$00); F — 5000$00 (4750$00 — 3800$); G 3 — 4000$00 (pedida a supressão no contrato novo — 3000$00); G 2 — 3600$00 (3750$00 — 2750$00); G 1 —3400$00 (3500$00—2500$); Telefonistas — 4000$00 (3750$00 — 3050$00); J — 3900$00 (3750$00 — 2950$); K e L — 3700$00 — (3500$00 — 2800$00); M (mais de 2 anos) — 1700$00 (1400$00 — 1100$00); M (menos de 2 anos) — 1500$00 (1250$00 — 1000$00).

A primeira reunião da Comissão de Arbitragem (para integrar a qual foi recentemente nomeado o prof. Teixeira Ribeiro, catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra), que se iniciou na quarta-feira passada, prossegue na quarta-feira próxima.

VIAGENS AIR STAR

(7 DIAS)

TARIFAS ESPECIAIS DE INVERNO

Passagem aérea de ida e volta, estadia em bons hotéis, em regime de dormida e pequeno almoço e visita da cidade.

Preços desde:

Belfast	5 445$00
Liverpool	5 530$00
Leninegrado ... (6 dias)	11 250$00
Moscovo ..... (6 dias)	11 250$00

CONSULTE-NOS

Telefs. 539871 - 362501

UTILIZE O CREDI-STAR

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa · Estoril · Porto · Faro · Funchal · Luanda

Reapetrechamento do porto de Olhão

OLHÃO, 30 — Vão ser construídas duas novas linguetas na parte nascente da doca de pesca desta vila, obra realizada pela Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, com a colaboração da Junta Autónoma dos Portos do Sotavento do Algarve.

Em dias de azáfama o movimento daquele porto é muito grande, tendo-se revelado insuficientes as cinco linguetas existentes na doca, o que causa prejuízos a pescadores, compradores e industriais conserveiros.

MESA REDONDA

Pasta de papel: o monopólio contra a dispersão

Dois deputados levantaram já, na Assembleia Nacional, o problema dos preços das madeiras de pinheiro e eucalipto destinadas ao fabrico de pasta de papel, após a fixação unilateral de preços de compra pela Madeiper, uma espécie de monopólio criado por todas as fábricas de celulose do País, a fim de conseguirem uma «estabilização» cómoda dos preços da matéria-prima de que necessitam.

Um deles, o dr. Pinho Brandão, pediu providências ao Governo para que tal medida, comunicada pela Madeiper através dos jornais, seja rápidamente anulada e fixado um preço que respeite os interesses de todos os intervenientes. Considerou ilegal e imoral a iniciativa do monoplio. O eng. Camilo de Mendonça, porém, foi mais longe: considerou-a inconstitucional, tal como a existência da própria empresa subsidiária das fábricas de celulose.

A verdade é que a fixação unilateral de preços parece ter sido precipitada e está em desacordo com o teor de certas comunicações de departamentos oficiais directamente ligadas ao problema. Tanto mais que a Madeiper, para a campanha de 1970, resolveu **fixar** preços que, no caso da madeira de eucalipto, são inferiores em cerca de 30 escudos por ester aos anteriormente praticados.

Diz o deputado Pinho Brandão que a riqueza florestal é a maior deste País, face á agonia da agricultura. No Norte é-o, com certeza. E o desenvolvimento das industrias celulósicas veio permitir um aproveitamento com-

Cont. na pág. 8

A pateada e a saúde do Teatro

JOÁQUIM BENITE

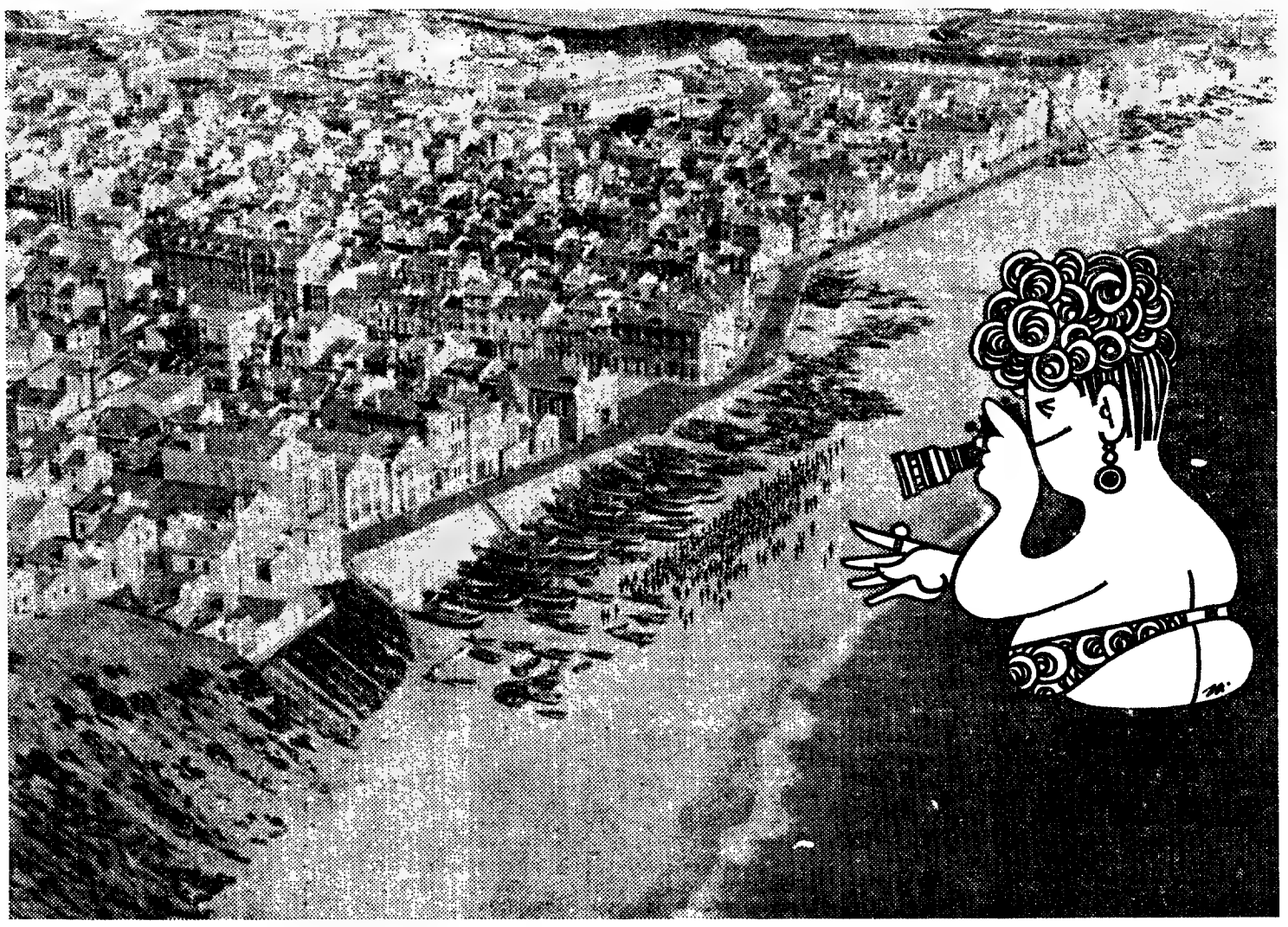
Eis que as pateadas começaram a verificar-se nos espectáculos de teatro em Lisboa. E como não podia deixar de ser, a boa e tranquila consciência citadina, durante anos imperturbável e imperturbada, começa a inquietar-se, reagindo á pateada com argumentos aparentemente graves e com razões que até parecem filiar-se numa defesa indómita do teatro. Sem que se condene abertamente a pateada, dá-se a entender, na maioria dos casos, que ela deverá ser um recurso extraordinário — isto é, muito pouco frequente, está-se mesmo a ver, pateada sim, mas devagarinho... —, chegando a alegar-se que não podem ser as mesmas as reacções do publico de teatro e as do publico que enche aos domingos os estádios de futebol...

Outras pessoas, não menos interessadas no fenómeno teatral — mesmo quando para ele contribuem apenas com o peso da sua ignorancia, da sua leviandade e da sua prosápia — sustentam que é preciso prestigiar a pateada e, logo, que ela não deve ser utilizada senão em ocasiões excepcionais.

Ora nisto tudo reside um grande equivoco: a pateada não é algo que se defenda ou se ataque, que se permita em doses exuberantes ou em doses reduzidas. A pateada é um direito do espectador, que, das duas uma, ou se reconhece ou não se reconhece. Se se assume a primeira atitude — como decerto não deixará de acontecer com os verdadeiros defensores do teatro — torna-se ridículo começar a tentar regular o uso das pateadas e a frequência com que devem observar-se. Porque é evidente que os valores pelos quais as pessoas se pronunciam sobre o assunto querem aferir as opiniões dos que pateiam são seus — e podem não ser de mais ninguém. Num país onde se sabe muito pouco de teatro, onde o teatro praticamente não existe, não pode reconhecer-se a ninguém a posição de arbitrar. («Fora o árbitro» era o título de um lucido artigo que Fernando Gusmão escreveu

Cont. na pag. 7

Portugal pitoresco (2)



Nazaré — Desenho de *João Abel*

O Tejo ainda não ficou em Espanha

(na página central)

Mortalidade

As taxas de mortalidade infantil e neonatal portuguesas apresentaram aumentos significativos de 1967 para 1968 (últimos elementos conhecidos):

Taxas	*1967 %*	*1968 %*
Mortalidade infantil	*59,2*	*61,1*
Neonatal	*25,2*	*25.5*

As causas principais de morte são, por ordem decrescente, as seguintes:

— *certas doenças da primeira infância* 22,13%
— *doenças do aparelho digestivo* 14,27%
— *doenças do aparelho respiratório* ... 12,51%

A revista «Informação Social» *da D. G. A. compara estes dados aos da Bélgica (24,73% de mortalidade infantil em 1966), concluindo:*

«Os factores exógenos da mortalidade, apresentam no caso da Bélgica valores nitidamente inferiores nos nossos, notando-se mesmo que as principais causas de mortalidade infantil em Portugal são as que menos importância têm na Bélgica.

Como conclusão fundamental regista-se que a elevada taxa de mortalidade se deve quase exclusivamente a factores susceptíveis de reagir a uma melhoria de serviços de saúde, *considerados estes no sentido lato».*

ASSIM VAMOS NÓS

Imposto de Turismo

Numa das últimas reuniões dos vereadores na Câmara Municipal de Évora, o presidente da Comissão Municipal de Turismo daquela cidade revelou elementos interessantes quanto às receitas do imposto de turismo (3%), cobrado aos visitantes que pernoitaram na cidade-museu durante o ano passado. A receita total foi de 313 061$20, correspondente a 33 091 turistas de várias nacionalidades: 18 327 portugueses; 5743 americanos; 2923 ingleses; 2002 franceses; 1043 espanhóis; 628 alemães; 345 brasileiros; 168 italianos; 87 nórdicos e 1825 diversos.

É curioso notar que, em dez anos, houve um aumento de receitas de quase 2000 por cento: em 1959, o imposto de turismo naquela cidade rendeu sòmente 16 260$00, não mais deixando de aumentar. A diferença entre os dois últimos anos — 1968 e 1969 — é de 40 889$00.

Angola

Segundo o Boletim da Câmara de Comércio de Lourenço Marques, a balança de pagamentos de Moçambique acusou, em Setembro último, um saldo negativo de 54 787 contos.

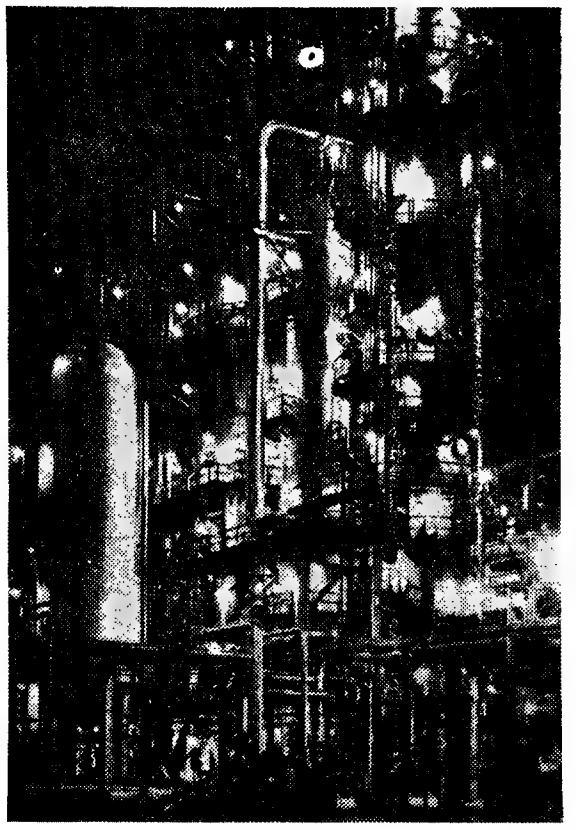
Alemães

Uma empresa alemã vai realizar, na ilha da Boa Vista, um ambicioso projecto turístico que se deve, também, a arquitectos e técnicos alemães. Além de um aeroporto orçado em 140 mil contos e que estará pronto, dentro de um ano, a receber já os super aviões de 500 passageiros, o projecto prevê a edificação de oito hotéis, além de restaurantes e «bungalows», tudo em estilo árabe. Durante a recepção oferecida num hotel de Lisboa, os magnates interessados no empreendimento, srs. Hans Kniffer, Benjamim e Miguel Ehrlich e dr. Richard Gruber, afirmaram a sua confiança no êxito turístico da Boa Vista. Consideram esta realização um desafio monstro ás Ilhas Canárias, que perdem o confronto no que diz respeito a condições atmosféricas, durante o Inverno. O investimento total previsto aproxima-se dos dois milhões e 800 mil contos. E agora o «slogan» anunciado para a campanha de promoção internacional: «Indemnizaremos os turistas por cada dia do ano em que não haja sol ou em que não possam tomar banho em Santa Mónica». Uma última informação, forçosamente muito importante para o arquipélago, pelas risonhas perspectivas que abre ao seu futuro (se o processo for imitado, evidentemente): o abastecimento de água ao complexo turístico da Boa vista será garantido por um sistema de aproveitamento da água do mar, à razão de 100 mil litros diários.

Prospecção

«Datam de 1910 os primeiros passos na prospecção petrolífera da Província de Angola» — informou o eng.º Henrique Bandeira Vieira, director-geral da Petrangol, discursando na sessão inaugural do Primeiro Encontro de Engenharia de Petróleos, promovido em Luanda pela Universidade Angolana.

Só na ultima década, todavia, e como todos sabemos, a prospecção e indústria do chamado «ouro-negro» levou impulso decisivo, a tal ponto que, na Universidade de Luanda, foi criado o primeiro curso de petróleo das Universidades portuguesas, dirigido por uma sumidade mundial na matéria: o prof. Sullivan S. Marchen, da universidade americana de Stanford.

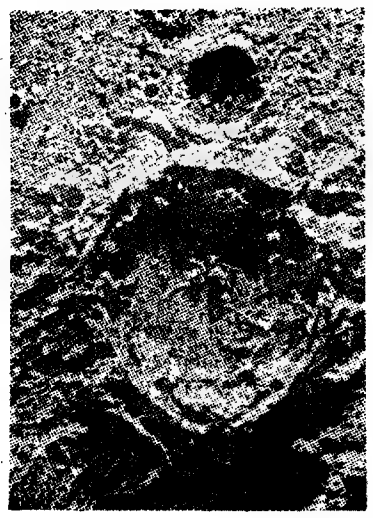


ASSIM VAI O MUNDO

Mistério

Espera-se que a misteriosa cratera Aristarco e toda a área que a circunda constituam o objecto fundamental de futuras missões Apolo á Lua.

A especulação á volta destas missões acaba de ser feita pelo cientista Luis Scheider da Lockheed Electronic V Company, que colabora estreitamente com a N. A. S. A. no projecto «Lion» (Lunar International Observers Network» ou Rede Internacional de Observadores da Lua, da qual fazem parte 175 astrónomos de 34 países diferentes.



A cratera Aristarco chamou a atenção dos astrónomos desde 1540, quando se observaram os primeiros fenómenos luminosos que se têm vindo a observar depois. Estes fenómenos luminosos, de acordo com a informação do grupo Argus-Astronet da Califórnia, consiste em cintilações luminosas, pontos resplandecentes e estranhas pulsações á volta de Aristarco.

Quer isto dizer que a Lua não se encontra tão morta como parece?

Investimento

Foram revelados numeros sobre os investimentos previstos no plano quadrienal argelino, os quais se elevarão a 26 400 milhões de dinares. O próprio ministro do Plano e das Finanças, Cherif Belkacem, confirmou esses numeros numa entrevista concedida ao semanário «Algérie Actualité».

O Estado será o grande financiador do Plano, com cerca de 90 por cento. As industrias de fundo, num país como a Argélia, terão forte impulso: a produção do petróleo deverá passar de 46 milhões de toneladas, numeros de 1969, para 65 milhões, em 1973. No sector dos hidrocarbonetos serão investidos 4350 milhões de dinares.

Prevê-se que a taxa anual de crescimento da produção atingirá, nos próximos quatro anos, os 8,2 por cento.

Juventude

Representantes de 14 Governos signatários da Convenção Cultural Europeia, especialmente encarregados das questões relacionadas com a juventude, aprovaram uma proposta do Governo Federal Alemão para a criação de um Gabinete Europeu para a Juventude. A aprovação verificou-se durante uma reunião em Bonn, a convite do Governo Federal e conforme uma recomendação da Comissão de Educação do Conselho da Europa. Os mesmos representantes pronunciaram-se a favor da criação de um fundo de encorajamento multilateral, ligado ao próprio Conselho da Europa.

Na opinião do presidente da conferência, Heinz Westphal, o Gabinete deveria trabalhar em estreita colaboração com o Conselho da Europa, e com as comunidades europeias e com a U. N. E. S. C. O. Preconizou igualmente que do Gabinete possam fazer parte Estados que não sejam membros do Conselho da Europa.

Em resumo, as quatro tarefas principais do Gabinete Europeu para a Juventude são: 1) Encorajamento para a organização de conferências e de seminários europeus; 2) Permutas para comunhão de experiências vividas por quadros da juventude operária europeia; 3) Organização de encontros desportivos, musicais e científicos entre jovens; 4) Animação e encorajamento de investigações científicas comuns sobre problemas respeitantes á juventude e o trabalho.

Brasil

Dos 12 521 estrangeiros entrados no Brasil na qualidade de emigrantes, durante o ano de 1968, 3917 eram portugueses. O nosso País encabeça, deste modo e de maneira flagrante, os contingentes mundiais de emigrados para Terras de Santa Cruz — que, aliás, deixaram de ser um país de emigração. Da Europa, seguem-se a Portugal, a Espanha com 743 emigrantes, a Itália com 738; a Alemanha com 723, a Inglaterra, com 240, a Holanda com 163, a Suiça com 134, Franca com 122, Bélgica com 117 e Suécia com 116. Da América do Norte chegaram ao Brasil: dos Estados Unidos, 1537 e do Canadá 140 emigrantes.

Do continente asiático: da China chegaram 1066 e do Japão 597. Do Médio Oriente, da própria América do Sul, da África e ainda da U. R. S. S. e da Checoslováquia partiram também centenas de pessoas para vida nova no Brasil. De notar, todavia, a baixíssima percentagem de emigração portuguesa, se a compararmos com o êxodo para a Europa.

Como se fazem as «capacidades excepcionais»?

O ministro da Educação Nacional pediu recentemente aos professores primários que lhe indiquem os alunos de capacidade excepcional que surjam nas escolas, para que esses valores potenciais não sejam perdidos. E assim deu a perceber a vontade do Governo em velar por tal aproveitamento, se necessário, mesmo no aspecto económico.

Numa sociedade com o tipo de organização da nossa, a medida compreende-se e pode ser considerada um passo prometedor no sentido de acabar com o cemitério de inteligências que essa mesma organização social tem representado. Todavia, as implicações são mais profundas, constituindo um aspecto importantíssimo da moderna sociologia ligada aos problemas pedagógicos. Como se refere no artigo em que focamos a experiência psicopedagógica levada a cabo na Escola Ferreira Borges, a influência das condições sociais revelou-se irrefutável na justificação do mau aproveitamento escolar. Acontece, também, que em nossos dias, quando a chamada democratização do ensino, o aproveitamento da educação como fonte de riqueza, portanto numa base económica com deve e haver, é tema relevante e fulcro da atenção de todos os Governos do Mundo, firma-se a convicção de que, com variantes subjectivas e salvo casos evidentes de deficiências físicas, mentais ou ambientais, todos «os povos do mundo de hoje parecem possuir potenciais biológicos iguais que lhes permitem atingir qualquer nível de civilização» (declaração expressa de uma comissão de peritos reunidos pela U.N.E.S.C.O.). Ao que René Maheu, director-geral daquela organização internacional, acrescentava: «é legítimo falar de uma igualdade dos potenciais cerebrais. **Daí resulta que, desde que vivam num melo que satisfaça convenientemente as suas necessidades elementares e desde que recebam uma educação adequada, os membros dos diferentes grupos que compõem a espécie humana podem atingir o mesmo grau de desenvolvimento mental».**

Se passarmos o problema para o campo das realidades individuais, poderemos ainda citar Henri Salvat, o qual, no seu livro «L'Intelligence, Mythes et realités», faz as afirmaçõees seguintes: «Exceptuando as deficiências orgânicas, cerebrais, sensoriais, musculares, ósseas, que retardam o desenvolvimento físico da criança, seja directamente (deficiência central, aberração cromossómica, défice sensorial, etc.), ou indirectamente (perturbações relacionadas com o mundo material e humano circundante, devidas a atitudes educativas patológicas em casa dos pais) ou mesmo secundárias aos «deficits» orgânicos, parece bem que o subdesenvolvimento cultural e intelectual, as distorsões verificadas na apropriação da experiência humana, as lacunas na elaboração dos sistemas cerebrais funcionais serão devidas a factores próprios ao meio: pobreza do contacto prático com o objecto, depois pobreza dos contactos verbais (a linguagem é o reflexo estrutural do meio), portanto pobreza da actividade relacional com os fenómenos humanos, consecutiva a um vício inicial do processo de comunicação com as pessoas que rodeiam a criança».

Tudo, portanto, parece indicar que uma sociedade estratificada em demasia não pode aproveitar devidamente o seu potencial de inteligência, pelo que a transformação social é condição básica para a democratização do ensino.

«Mesa-Redonda», interessada em obter uma definição para o termo «capacidade excepcional» aplicado às crianças em idade escolar, decidiu ouvir, em rápido inquérito, diversas personalidades ligadas por vocação e por profissão aos problemas infantis, tanto na prática directa (professores), como nos contactos científicos (médicos) como no aspecto socio-auxiliar (assistentes sociais).

As perguntas

1. A «capacidade excepcional» é sobretudo resultado de condições sociais?

2. No caso de resposta afirmativa: que transformações lhe parecem aconselháveis para que as «capacidades excepcionais» se tornem a regra, ou seja, a grande maioria das crianças desenvolva nas melhores condições possíveis as suas capacidades?

Responderam:

SÉRGIO NIZA, Pedagogo do Centro de Observação Médico-Pedagógico de Lisboa.

«FORNECER IGUAIS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA»

1 — Entendo por «capacidades» de alguém a possibilidade de levar a bom termo qualquer acto tarefa ou conjunto complexo de tarefas. Em sociedade, é claro.

Desde já me parece que em rigor não poderemos falar de «capacidades inatas». (Do ponto de vista de hereditariedade não poderemos dizer que o homem dispõe de um gene para a matemática ou para a escrita). Também me não consta que possamos dispor de instrumentos para medir hipotéticas «aptidões originárias». É mais que evidente, que falando de «capacidades» de um indivíduo teremos de pensar numa multiplicidade de interacções estruturais, funcionais, de hereditariedade e de meio (desde o estado prénatal). Isto num momento dado e implicando predisposições actuais em referência a um grau determinado de maturação dos comportamentos. Há portanto um peso imenso de condições e inter-relações sociais que se conjugam para o êxito no actuar. Assim, quem actua, fá-lo num *contexto social* que determina e já é determinante do acto.

As «capacidades excepcionais» decorrerão, pois, da interferência de todas as condições enunciadas com especial e relevante lugar para as condições de ordem social.

2 — Se um dia quiséssemos apoiar, com especial interesse, os indivíduos excepcionalmente capacitados, não poderíamos esquecer-nos de lhes fornecer, de antemão, iguais condições de existência. Doutro modo, o grande fosso cavado entre as classes produtoras e os detentores dos meios de produção (para só referir uma grande ordem de dificuldades) obrigar-nos-ia a ser injustos nos nossos propósitos.

As transformações aconselháveis para que *todas* as crianças desenvolvam nas melhores condições possíveis as suas capacidades, dependerão do pronunciamento e acção de todo um povo. São com certeza transformações radicais e políticas que pertencem à comunidade toda.

A escola é importante como instituição mas a maior parte da vida do homem joga-se ainda fora dela. As capacidades mais relevantes são ainda fora dela que se põem à prova. A escola está velha, desactualizada e quase morta, mesmo nos seus ensaios mais recentes. São sempre alguns, e quase os mesmos, que a reestruturam e animam.

JOSÉ ESTEVES, professor de Educação Física e sociólogo.

«PROSPECÇÃO PERMANENTE E COLÉGIOS ESPECIAIS»

1) — A «capacidade excepcional» também aparece nas raparigas e rapazes das classes económica (e socialmente) desfavorecidas, mas os sociólogos de há muito sabem que existe uma significativa correlação entre o desenvolvimento físico, intelectual e afectivo das crianças e o nível económico (e social) das famílias respectivas.

Eu próprio, até como actual professor de Educação Física do Ensino Preparatório, o verifico todos os dias, após uma experiência de mais de 20 anos, como professor do antigo 1.º ciclo do Ensino Liceal.

Acrescento igualmente, que no fim do ano lectivo passado, fiz um pequeno estudo sobre o aproveitamento escolar de todos os alunos do 1.º ano duma escola preparatória de Lisboa, e nele confirmei esta implicação do triste fenómeno da estratificação social. Se é verdade que o problema é comum a todos os países, desde a União Soviética aos Estados Unidos, passando pelos países escandinavos, também é verdade que ele apresenta, em Portugal uma gravidade muito particular, por motivo da má repartição dos rendimentos. (Consulte-se, acerca desta, o notável estudo «Repartição dos Rendimentos e Planeamento», da autoria da dr.ª Odete Esteves de Carvalho, que foi publicado pelo Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra).

2) — Não vou tão longe que defenda, entre nós, o sistema adoptado na organização social e comunitária do «kibbuts», em Israel... Ali, e desde o seu nascimento, as crianças vivem em escolas e dormitórios próprios, (sob a direcção de professores cuidadosamente escolhidos) embora sem o prejuízo da convivência diária com os seus pais. Não vou tão longe, naturalmente, porque as reformas estruturais seriam muito profundas, e de tal modo profundas que, mesmo em Israel, a população dos «kibbutsim» (plural de «kibbuts») apenas constitui cerca de 5 % da população...

Por força do circunstancial, do imediato, limito-me, por isso, a fazer estas duas sugestões:

1 — Que, para já, se efectue uma prospecção permanente, à escala nacional, dos melhores valores intelectuais, surgidos nas classes desfavoráveis, agrupando-os logo após (ou mesmo antes) do exame da 4.ª classe, em colégios especiais, a construir, pelo menos, nos maiores centros populacionais dos vários distritos. (Lembro que, já uma vez, referi esta sugestão, em artigo publicado no «Diário de Lisboa»);

2 — Que o prolongamento da obrigatoriedade escolar não se dirija só para «cima», para os sectores dos ensinos secundário e superior, mas também, ou especialmente para «baixo», para os mais jovens, para o ensino pré-primário, a começar o mais cedo possível: aos 6, aos 5, aos 4, aos 3, aos 2 anos...

Deste modo, enquanto a desalienação do homem não se efectuar, com o desaparecimento da estratificação social (numa sempre desejável perspectiva personalista), as injustiças resultantes do nascimento poderão diminuir, sem grandes sobressaltos...

RAQUEL RIBEIRO, assistente social e deputada à X Legislatura.

«GENERALIZAR O ENSINO INFANTIL»

Quanto à primeira pergunta, gostaria de afirmar que a revelação e o desenvolvimento da «capacidade excepcional» das crianças dependem muito das condições familiares e sociais em que vivem. Acontece que muitas crianças excepcionalmente dotadas não encontram nunca condições propícias para o seu desenvolvimento. Efectivamente, o desenvolvimento psíquico e intelectual da criança está relacionado com o meio ambiente. A descoberta dos valores pode fazer-se na escola primária, como aliás, se tem verificado em inúmeros casos. Mas, se quisermos que a grande maioria das crianças desenvolva as suas capacidades nas melhores condições possíveis, preconizamos uma série de medidas, que não caberiam apenas ao Governo, mas também às famílias e à própria sociedade. Em primeiro lugar, uma boa educação sanitária no sentido de uma alimentação racional por parte das famílias, bem como o auxílio alimentar indispensável para as muitas situações de carência ainda existentes. Uma rápida e eficaz política de habitação social com os adequados equipamentos socioculturais, por forma a permitir às famílias aquele mínimo de ambiente necessário à educação dos filhos. Uma verdadeira campanha junto dos pais, no sentido de os interessar pela educação e instrução dos filhos, assim como a mobilização das autarquias locais e da sociedade para dedicar à criança a atenção que ela merece e em ordem às transformações que o mundo actual exige.

Todavia, dadas as muitas carências sociais, e a evolução da sociedade portuguesa que arrasta a mulher cada vez mais para um trabalho fora do lar, reputo como muito necessário, a existência de «creches» e, particularmente de jardins de infância. É indispensável generalizar o ensino infantil se quisermos que muitos valores se não percam.

É importante reconhecer também o papel que cabe à educação física. Outra condição que considero indipensável rever, é o funcionamento das escolas primárias, assim como a criação de maior número de classes especiais, particularmente, nos grandes aglomerados urbanos. No

(Cont. na pág. seguinte)

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057
Carros e furgonetas
amplas facilidades
de pagamento,
peças legítimas
estação de serviço
e oficinas

Como se fazem as «capacidades excepcionais»?

Cont da pág. anterior

regime em que funciona o ensino primário, no abandono em que o actual sistema deixa as crianças durante a maior parte do dia, não se proporciona fàcilmente a revelação de valores. E se o País precisa deles? Então, vamos tentar encontrar os meios para a descoberta, o desenvolvimento e o apoio a essas crianças que, cada vez mais deverão ter acesso aos diferentes graus do ensino e da cultura. Que a igualdade de oportunidades permita a todos os que revelem capacidades excepcionais, qualquer que seja o seu meio social, acesso ao ensino superior, o acesso ao ensino superior, o que ainda hoje não se verifica devidamente generalizado

DR.ª MARGARIDA ROQUE GAMEIRO MENDO, médica-psiquiatra

«O HOMEM É A MAIOR RIQUEZA DE UM PAÍS, NÃO PODEMOS PERDER DESSA RIQUEZA NENHUMA PARCELA»

Penso que quando me falam em «capacidade de excepção» se referem àquelas pessoas que se distinguem no seu grupo, por um conjunto de condições pessoais que lhe permitem realizar-se melhor ou até excepcionalmente. Penso que esta possibilidade individual está inteiramente relacionada com as condições ambienciais em que o indivíduo foi criado, e com as condições que lhe sejam possibilitadas no decorrer da sua evolução. As aquisições que vão permitir a uma pessoa um desenvolvimento completo e harmonioso da sua personalidade tem a sua origem muito precocemente a partir dos primeiros tempos de vida. Enquanto criança pequena, o meio social do ndivíduo é a família, e a personagem mais importante nos primeiros tempos é a que oferece à criança cuidados maternais. Com o seu desenvolvimento posterior, outras figuras familiares vão intervir na estruturação da sua personalidade. Quando a criança chega à escola já é capaz de estabelecer relações de tipo social num sentido mais amplo. Não julgo que se possa isolar o indivíduo do meio social onde tudo se insere.

A possibilidade de detectar crianças na escola com «capacidade excepcional» é muito importante, e será tarefa de grande agrado poder reconhecê-las e impulsioná-las para uma realização correspondente às possibilidades manifestadas. Porém, não podemos perder de vista o conceito de que a maioria da população consta de homens comuns, de capacidades médias. Se esses são em maior número, e o homem é a maior riqueza dum país não podemos perder dessa riqueza nenhuma parcela

Daqui, passo naturalmente para a segunda questão posta, que se refere às «transformações aconselháveis para que as capacidades excepcionais se tornem a regra ou seja, a grande maioria das crianças desenvolva nas melhores condições possíveis as suas capacidades».

Referirei alguns dados recolhidos da minha experiência médica ligada sobretudo aos problemas psicológicos.

Há uns 10 anos atrás, fui encarregada de fazer consultas da minha especialidade, semanalmente, numa área limítrofe da cidade Ocupei-me desse trabalho durante cerca de 4 anos Essa zona urbana incluia, em parte, a população dum bairro de barracas, e verifiquei que quase todas as crianças desse bairro tinham um acentuado atraso escolar. Frequentavam classes muito atrasadas em relação à sua idade, faltavam com frequência à escola e repetiam 2 ou 3 vezes cada classe, como se isso fosse uma coisa normal. Não era por falta de inteligência das crianças que isto acontecia, mas sim por um conjunto de factores relacionados com a sua condição socio-económica. Algumas destas crianças manifestavam até qualidades importantes de decisão, de vivacidade intelectual e de defesa perante os perigos. Os professores só parcialmente conseguiam ultrapassar estas dificuldades, e nós como médicos sentíamos que os nossos recursos psicoterapêuticos não podiam aplicar-se.

É certo que, em classes dum tipo totalmente oposto, sobretudo em meios excessivamente abonados no plano económico se encontram com frequência, sobretudo no ensino secundário, crianças pouco motivadas para o estudo. Numa interpretação muito superficial e encarando o social num sentido mais lato, parece que tanto num grupo como no outro a falta de motivação para o estudo se relaciona com o facto de se ter perdido de vista a noção de que o trabalho é que dá a riqueza. A criança que vive num meio miserável não chega a estar motivada porque lhe faltam as condições mínimas indispensáveis. A criança tem tudo no campo material e que não precisa de se esforçar para o obter, sente-se também naturalmente pouco motivada.

Penso que os professores primários poderão apontar e estimular as crianças que manifestem «capacidades excepcionais» e, certamente será difícil encontrar algum professor que não tenha para nós contar vários casos que lhes passaram pela escola. Para que essa intervenção dos professores venha a pesar no aproveitamento das capacidades de um país, é necessário que a todas as crianças desse país sejam dadas idênticas possibilidades de acesso à instrução. Certos níveis sociais que inclui a maioria das crianças estão já em desvantagem pela dificuldade de acesso à escolaridade em toda a sua extensão. Por exemplo, não existem classes infantis e pré-primárias oficiais, e daí resulta um desnivelamento importante verificado logo na escola primária.

Sabemos também que, por razões de vária ordem, nem todos os valores pessoais se revelam logo no ensino primário. Estou a lembrar-me do que se passou com Charlie Chaplin que cito por ser uma personagem mundialmente conhecida e cuja genialidade não é posta em dúvida. Chaplin aos 12 anos ainda mal sabia ler, e toda a sua escolaridade primária foi caótica. Nessa época seria difícil prever, através da sua realização escolar, o que ele viria a ser no futuro. Penso pois que é necessário uma abertura larga e completa dos meios de instrução (secundário e superior) a todas as classes independentemente dos seus recursos económicos.

Penso ainda que há muito mais a dizer sobre o que será necessário para que «a grande maioria das crianças desenvolva nas melhores condições possíveis as suas capacidades». É provável que as pessoas mais ligadas ao ensino o possam dizer melhor do que eu, pois a sua experiência é mais directa.

Publicaremos no próximo número outros depoimentos acerca desta questão.

«MIDA»

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

SERRA CIRCULAR AUTOMÁTICA
Modelos 400 - 500 - 600

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

Filial em Lisboa:
Av. Defensores de Chaves, 3/A (Telef. 44147)

Responsabilidades do ambiente social nos fracassos escolares

O último boletim «Educação», do Gabinete de Estudos e Planeamento de Acção Educativa, refere uma experiência psicopedagógica levada a cabo na Escola Comercial Ferreira Borges, de Lisboa, por iniciativa do mesmo estabelecimento escolar e no âmbito das tarefas da G. E. P. A. E. A experiência, que se julga inédita entre nós, baseou-se na criação de Salas de Estudo para alunos com aproveitamento escolar marcadamente negativo. Cento e um alunos foram submetidos à experiência, em 1966/67 e 1967/68, distribuídos pelos três anos do Curso de Formação Comercial

O interesse fundamental desta tentativa reside nos seus objectivos específicos: investigar, seleccionar, apurar e interpretar os eventuais factores responsáveis e explicativos da precaríssima rentabilidade do ensino daqueles alunos, o que determinou a análise das características próprias individuais e socio-familiares em que viviam: e, por outro lado, procurar a sua recuperação possível, aplicando os meios terapêuticos e psicopedagógicos julgados oportunos e aconselháveis.

TRABALHO DE EQUIPA

A missão do grupo de trabalho nomeado para levar a efeito a experiência, era diversificada e complexa. Formavam-no quatro professores, um médico escolar, uma psicóloga, um professor de Moral e Religião e dois assistentes sociais. Mas, em casos cujo melindre e dificuldade ultrapassava as possibilidades da equipa, houve de recorrer à colaboração de instituições especializadas. Do trabalho de conjunto assim realizado fala sugestivamente este passo do relatório: «Em turmas de frequência reduzida e por meio de entrevistas individuais orientadas pela psicóloga, pelo médico escolar ou pelo professor de Religião e Moral, e com a ajuda da Família estimulada pelas assistentes sociais, foi assim possível, em estreita conjugação de esforços, gerar e desenvolver em torno dos alunos um clima de verdadeira compreensão e calor humano, estímulo e apoio — o que certamente mais contribuiu para ter situado e empenhado muitos deles numa linha de esforço e de recuperação escolar.»

EXEMPLO A SEGUIR

Refere ainda o documento em causa que «foram organizados *dossiers* individuais e mapas-síntese de grupo onde se recolheram os elementos essenciais atinentes à investigação médico-psicopedagógica e social e bem assim à evolução da escolaridade.»

Deste modo, podemos desde já aproveitar alguns dados fornecidos e que julgamos mais positivos com vista a uma política geral de escolaridade: para se obter um cabal aproveitamento escolar dos alunos é necessário que os mesmos sejam rodeados por um clima de compreensão e calor humano, estímulo e apoio As turmas pequenas, até 15 alunos, constituem um processo ideal de chegar a tais objectivos. Por outro lado, a experiência levada a cabo na Escola Comercial Ferreira Borges revela a necessidade absoluta de outro tipo de organização, aliás universalizada nos países mais evoluídos na matéria: os processos individuais e completos de cada aluno, os mapas-síntese sempre actualizados e informados. É uma forma eficaz de acompanhar a evolução e de suprir ràpidamente as necessidades vitais do nosso capital humano, evitando, além disso, que o mesmo se disperse, atingida a idade adulta, em tarefas que não respondem às suas características nem conduzem a um aproveitamento óptimo da sua função social e individual.

AS CONDIÇÕES DO FRACASSO

Voltando à experiência específica levada a cabo com alunos de precário aproveitamento escolar, verificamos que, apesar das dificuldades várias que se depararam à equipa responsável por ela, foram obtidas conclusões perfeitamente seguras e confirmadas, na generalidade, por estudos e inquéritos de maior fôlego levados a cabo em diversos países. «Como regra, não é devido a carências de ordem intelectual que os alunos são escolarmente deficientes; são-no, sobretudo, a maioria das vezes, porque lhes faltam as condições humanas, ambientais, materiais e pedagógicas indispensáveis à revelação, ao exercício e aproveitamento eficaz das aptidões que realmente possuem.»

Uma interpretação desenvolvida dos resultados da experiência, feita pelo licenciado Amílcar Castelo Branco, será brevemente publicada na íntegra pelo boletim da G. E. P. A. E., e dele se poderá inferir que: dos alunos observados psicològicamente, a grande maioria, ou seja, 77,8 por cento revelou nível intelectual médio; nenhum aluno acusou nível intelectual inferior. Contudo, em 83 alunos observados clìnicamente, 74 registaram em maior ou menor grau problemas de carácter somato-orgânico: perturbações sensoriais e diversos problemas especiais de saúde. Relevantes, também, são os dados referentes à situação socio-familiar. Assim, verificou-se que 57 alunos das 76 famílias contactadas vivem em ambiente familiar tenso; é baixo o nível económico e cultural de 43 e 54 alunos, respectivamente; 28 por cento dos alunos sobre os quais se obtiveram elementos vivem longe da Escola, não dispondo de transporte ou tendo dificuldade em o obter. E afirma-se no relatório: «Em face destes e outros resultados, tem de concluir-se que a maioria dos alunos em atraso ou insucesso escolar vive, trabalha e desenvolve-se num meio socio-económico caracterizado por complexo trama de situações desfaveráveis à sua educação e ao rendimento do ensino.»

MUITO A FAZER

Pode-se fàcilmente verificar que esta situação diz, infelizmente, respeito a todas as Escolas Técnicas e Primárias do País, exigindo um trabalho de base de indeclinável urgência. Inquéritos particulares de que vamos tendo conhecimento, normalmente devidos à iniciativa de directores mais activos, demonstram esta realidade. Tenhamos, contudo, uma réstia de esperança no futuro, quando nos é possível ler num trabalho — como aquele a que nos temos vindo a referir — publicado num boletim do Ministério da Educação Nacional, linhas de rumo como a que a transcrição seguinte define: «Mas, é missão indeclinável da Escola proporcionar educação, educação *integral* a *todas* as crianças, quaisquer que sejam as suas limitações pessoais ou carências sócio-económicas. Por isso, a acção educativa tenderá a vazar-se cada vez mais em moldes e actividades novas: velará pela saúde, propiciará a manifestação espontânea dos valores pessoais, prevenirá anomalias, valorizará os tempos úteis, activará a relação Família-Escola, ajudará o aluno nas opções escolares e na escolha da carreira profissional, proporcionará a todos, numa palavra, efectiva igualdade de oportunidades».

Posto isto, resta-nos desejar que outros sectores da orgânica pública mostrem igual vontade em complementar decisivamente os esforços da Escola: propiciando também *efectiva igualdade de oportunidades* no acesso à mesma Escola.

A NOVA ASSEMBLEIA NACIONAL

Duas listas e um «leader»

Nesta semana, dois factos ocorreram na Assembleia Nacional susceptíveis de serem considerados característicos do «espírito novo» ou do «novo estilo», o mesmo é dizer, reveladores do conteúdo da fórmula proclamada: «evolução na continuidade». Referimo-nos às primeiras intervenções do «leader» do Governo e à eleição da Comissão do Ultramar.

O dr. Almeida Cotta, que trocou o cargo de subsecretário de Estado da Administração Ultramarina pela função de «leader» do Governo na Câmara (ou melhor, para usarmos a expressão do prof. Marcello Caetano, de encarregado de manter «estreita ligação entre a assembleia legislativa e o Governo»), afirmou explicitamente no seu discurso de terça-feira passada:

«Reconheço sem esforço as vantagens da crítica, da fiscalização do Executivo e, sobretudo, da colaboração activa, prestada com espírito de bem servir.»

Cremos ter sido precisamente dentro destes limites que a nova Assembleia tem funcionado. Assembleia ainda em rodagem, em busca de um estilo novo de actuação. Aquelas palavras do «leader» devem corresponder ao pensamento e às aspirações dominantes da Câmara, dado que, ao terminar, o dr. Almeida Cotta foi vivamente felicitado pela esmagadora maioria dos deputados, se não por todos.

Este gesto generalizado poderia ser interpretado como sintoma de subserviência, mas tal conclusão seria precipitada, pois não só se não adapta ao comportamento geral dos deputados, como viria a ser totalmente desmentida momentos depois.

A Câmara, efectivamente, na eleição da Comissão do Ultramar, inaugurou um procedimento sem grandes tradições, melhor dizendo, sem tradição nenhuma. Constituída uma lista, alguns deputados entenderam introduzir-lhe alterações, que a seu ver a tornariam mais representativa.

Não se chegou a acordo e, por isso, foram apresentadas e votadas duas listas. A inicial, a **A,** obteve dois terços da votação (66 votos) e a segunda, a **B,** um terço (33 votos).

A pedido de um deputado (dr. Júlio Evangelista), o «leader» fez uma declaração, aliás com certo humor: «Normalmente, as minhas preferências seguem a ordem alfabética.» Isto não impediu uma votação calma, em que as opções se fizeram naturalmente e em plena independência.

O resultado deu, pela primeira vez, algumas indicações concretas das posições relativas, se tivermos em conta, também, o número de votos obtidos por cada deputado, e os cortes que cada um sofreu. É curioso observar, por exemplo, o caso do deputado Casal-Ribeiro, que figurava em ambas as listas e obteve 78 votos (21 cortes), ou o caso da deputada por Angola, D. Sinclética Torres, que obteve 99 votos (nenhum corte).

Dos membros eleitos que figuravam apenas na lista **A,** o dr. Júlio Evangelista foi eleito por 57 votos (9 cortes) e o prof. Teixeira Pinto, eleito por 61 votos (5 cortes).

Embora não seja lícito exagerar estes factos, sem dúvida que algum significado possuem. A Assembleia procura abrir-se, com naturalidade, no sentido de mostrar a sua verdadeira expressão.

LINGUÍSTICA — 1

Ferdinand de Saussure e o estruturalismo europeu

MARIA HELENA MATEUS

É inegável que foi com a divulgação do Cours de Linguistique Générale, **de Saussure, publicado pòstumamente, em 1916, e com os trabalhos dos seus discípulos que na Europa surgiu pela primeira vez a noção de** língua **como** estrutura **(o termo empregado por Saussure era** sistema**), fora das obras de nível e âmbito filosófico de um Humboldt ou de um Gabelentz, em que a mesma noção se encontrava já expressa, ainda que inserida em outras coordenadas.**

Convém relembrar certos conceitos fundamentais saussureanos sem os quais todo um complexo de estudos chamados estruturalistas não teria surgido, dentro e fora da linguística.

O primeiro, e mais fecundo de consequências, é o conceito de signo linguístico **que estabelece uma indissolúvel ligação entre o** significado **(inicialmente** conceito**) e o** significante **(inicialmente** imagem acústica**), o que provoca a consideração dessa unidade como um todo a funcionar na língua, e a sua relação com os outros signos considerados também como unidades. Esta entidade de duas «faces» indissociáveis pode representar-se pelo seguinte desenho:**

$$\frac{\text{significado}}{\text{significante}}$$

e o estudo da sua natureza — que envolve já a noção de arbitrariedade **na ligação inicial entre as duas «faces» do signo, e de** linearidade**, pelo facto de se desenrolar no tempo numa só direcção — desenvolvido por Saussure, foi posteriormente aperfeiçoado, alargado e tornado mais complexo e mais subtil por linguistas de diferentes escolas como Benveniste, Bally, Ullmann, para só citar alguns dos muitos autores que escreveram sobre o assunto.**

Os signos assim considerados inter-relacionam-se na língua segundo dois eixos **ou duas coordenadas fundamentais: o eixo** paradigmático**, que é constituído por classes de palavras, e o eixo** sintagmático**, que admite um «antes» e um «depois» e que decorre da própria** linearidade **do signo. Estas inter-relações são, segundo Saussure, a base de todo o funcionamento da linguagem, de tal modo que, consideradas em si mesmas, e em abstracto, constituem um sistema denominado** língua **que Saussure opõe à** fala**, concretização imperfeita deste sistema formalizável.**

A frase de que «a língua é uma forma, não uma substância» e o conceito que lhe está subjacente ligam-se intimamente com a teoria da forma **ou** gestaltismo **(que se expandiu na Europa nos princípios deste século), teoria que define os elementos em função da totalidade, e os valoriza dentro das relações que mantêm com os outros elementos do mesmo sistema.**

A consideração da língua como sistema estruturado**, ou como** estrutura**, implica a aceitação da sua autonomia relati-**

Cont. na pág. 8

inquerito

Que pensa do individualismo dos portugueses?

Prosseguimos hoje o nosso inquérito, registando o depoimento do dr. Carlos Jorge Barral. Atendendo ao interesse do tema para toda a comunidade nacional, temos procurado ampliar o debate a pessoas colocadas nos mais diversos quadrantes profissionais e sócio-económicos. Depois de um engenheiro, de um dirigente sindical, de um treinador de futebol e de um médico e investigador, temos oportunidade de ler a opinião de um funcionário superior de uma grande empresa. São as seguintes as perguntas que formulámos:

1 — Será o individualismo um mal que afecta particularmente os portugueses?

2 — Que fazer para evitá-lo?

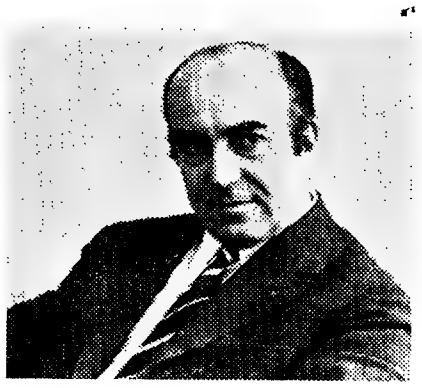
Resposta do Dr. Carlos Jorge Barral

Entre o individualismo que constitui um mal «que influencia a nossa vida económica e social» e condiciona «o nível do nosso desenvolvimento» e o individualismo da filosofia política, quase sinónimo de liberalismo, existe diferença de sinal no conteúdo emocional do termo: no que possa representar de tendência humanizante numa sociedade sob pressão tecnocrática o individualismo não será certamente um mal.

No sentido do inquérito, individualismo é aquela atitude de velada ou franca hostilidade à cooperação com os outros, ao trabalho de equipa, à integração efectiva em qualquer sector ou nível de organização social que, já aqui o disse o dr. Jaime Pinto, não é específica de qualquer povo nem genèticamente determinada. É no entanto atitude que se manifesta intensa e assiduamente entre os portugueses, na família, na escola, na empresa e, asim, reformulo a primeira pergunta nestes termos: que factores terão determinado o «individualismo» nacional?

Esboçarei apenas uma opinião circunscrita ao plano empresarial e a um número muito limitado de factores por não ter competência para abordar, por exemplo, os condicionalismos familiares, religiosos e educacionais que tornaram, de um modo geral, os latinos mais «individualistas» do que os anglo-saxónicos.

Ao nível da empresa o «individualismo» manifesta-se na dificuldade de polarização dos esforços individuais no sentido dos objectivos da empresa, e uma primeira razão para um tal estado de coisas é bastante óbvia: ausência de definição clara de objectivos (metas, estratégias, métodos, etc.) em grande número de empresas, ineficiência ou falta de sinceridade na sua comunicação aos empregados em muitas outras. Frequentemente a empresa não navega para um destino,



Dr. Carlos Jorge Barral

atenta ao rumo: voga um tanto à deriva e com a preocupação dominante de não se afundar...

Talvez, porém, a principal razão que determina a insuficiente polarização de esforços mesmo em muitas empresas que praticam a gestão por objectivos, resida no carácter iminentemente autoritário das suas estruturas. Os objectivos, as políticas, a organização são impostos «de cima» sem que os empregados tenham tido a oportunidade de participar na sua formulação. Tudo se passa como se o empresário admitisse que o empregado tem como preocupações dominantes fugir às responsabilidades e evitar o trabalho só cumprindo tarefas, e de âmbito restrito, se a tal for obrigado por estruturas de coacção e controle. O «individualismo» é a resposta a tais estruturas; constitui uma reacção talvez necessária à preservação da personalidade perante um condicionalismo alienante.

Parece estar já hoje bem estabelecido que o desejo de trabalhar é tão natural como o de recreio, qué a responsabilidade é normalmente desejada e não evitada, que existem apreciáveis reservas de capacidade inaproveitada de resolução de problemas, de auto-orientação e de desejo de cooperação na maior parte dos empregados e a todos os níveis. É a estrutura autoritária que não propicia a mobilização de todo este potencial.

Para o tornar utilizável é preciso promover a autêntica participação de todos na formulação dos seus objectivos individuais se integram nos objectivos da empresa. Participação implica confiança e liberdade: crise de uma ou outra e o «individualismo» instala-se por impossibilidade de participação.

O sindroma descrito não é entre nós específico do nível empresarial: ele existe igualmente, por exemplo, na Universidade, e talvez pelas mesmas causas. Ainda há poucos dias, no discurso proferido no seu acto de posse, o novo director do Instituto Superior Técnico dizia que «a Universidade como instituição há-de dispôr de liberdade para orientar os seus próprios destinos. Tem de ser autónoma se a quisermos responsável, pois a responsabilidade é a contrapartida da liberdade. E o que se diz dever enformar a instituição terá de defender-se para as unidades e para os indivíduos que a constituam, o que implica naturalmente um espírito de convivência baseado no respeito mútuo das idéias e das atitudes».

O princípio de liberdade e a necessidade de convivência e participação que o prof. Frausto da Silva admite «que se inserem, aliás, em perspectivas mais amplas da vida colectiva», se reconhecidos ao nível empresarial propiciarão diminuição nos sintomas do «individualismo» e certamente melhoria na produtividade das empresas.

ANDARES

À PRAÇA DE ESPANHA

Num deslumbrante imóvel, com acabamentos excepcionais, desde 650 contos. Trata o próprio, Avenida Madame Curie, 12.

O Tej

«Mesa-redonda» com camponeses — Ouvi-los é um trabalho difícil e árduo para quem esteve sempre longe deles

Corremos o Ribatejo. Azambuja, Cartaxo, Santarém, Torres Novas, Almeirim, Alpiarça, Chamusca e Golegã. Estivemos em concelhos onde já se trabalha, onde ainda não se trabalha, onde nem daqui a quinze dias se trabalhará. Inundámo-nos mentalmente. Enchemo-nos de argumentos a nível local, até transbordarmos, com os mesmos porquês, com as mesmas razões: «Agora, logo neste ano, quando as cheias já não existiriam e nos tínhamos lançado aos trigos e às favas.» Ouvimos quem defendesse as cheias «porque as 'vinhas produzem mais por hectare» e quem as condenasse fatalista e emotivamente a fenómeno nunca mais controlável, a fenómeno incapaz de ser dominado pelo homem, espécie de malefício dos deuses das águas do Tejo

Conhecemos o impacte da informação: uma série de artigos dum jornal diário criou, em largas camadas de população rural e mesmo entre as de certo nível técnico, o mito Barragem — Salvação do Tejo, aceite eufòricamente por todos os dispostos a procurar culturas de sementeira menos tardia.

— Com a barragem espanhola vão acabar as cheias!

O Tejo ainda não ficou em Espanha no Inverno, apesar de tender a ficar cada vez mais no Verão e os *grandes prejudicados* (camponeses e seareiros) perdem dias de trabalho e as suas pequenas colheitas.

A cheia desce. A cheia sobe. A cheia permanece nos campos, dando cada vez mais razão ao último parágrafo dum artigo aqui publicado (1):

«Há, sim, um verdadeiro sacrificado: o trabalhador que amanhava essas terras, que não tem outros recursos senão aqueles que provêm do seu trabalho, e que está forçadamente dias sem ganhar à mercê da ganância de quem lhe tira o pão. Só o que admira é que não haja fácil remédio para esse desemprego forçado, despendendo o País — e há tanto tempo — verbas avultadíssimas para remediar esses casos».

Até aqui todos de acordo. Mesmo o ex-governador civil de Santarém e o actual presidente da Câmara Municipal do Cartaxo, nos afirmou textualmente e «poèticamente»:

«E é, exactamente, ante as águas revoltas, as correntes tortuosas e vertiginosas, os perigos, que o Homem do Campo, indiferente a tudo e desafiando a Morte, se revela o autêntico herdeiro da raça antiga, nobre e audaz, destemida e intemerata, tudo fazendo em defesa do seu semelhante.

Noites inteiras, de candeeiro de petróleo na mão, vela os diques e rodeado de água, fustigado pela tempestade, é verdadeiro timoneiro, que por nada, abandona a sua embarcação.

Quantas vezes, aqui ou acolá, a fúria dos elementos procura assaltar a sua fortaleza e penetrar nas suas defesas

Mas está sempre presente!

Ou sacos de areia, ou bombas esgotando águas de refofo, ou umas achegas a este ou àquele valado que precisa reforço, é um trabalho permanente e incansável!

Um drama imenso, que só o pode compreender verdadeiramente e dar-lhe o valor que merece quem se viu dias e dias isolado, neste lago infinito de água doce e barrenta.

Mas o «Homem do campo» — o de Valada, Porto Muge e Reguengo — não deserta, não foge, não emigra. É dos que fica, fica teimosamente!»

Ora no que muitos discordam é nos meios de resolver o problema. Caridade escondida atrás dum Fundo necessário e urgente? Meios concretos de defesa? Quais? Como organizá-los?

I — QUEM DEFENDE OS CAMPONESES?

Os camponeses têm de ajudar-se a si próprios. Era necessário multiplicar «mesas-redondas» entre os trabalhadores agrícolas. Aqui e ali estivemos com eles

No Café Calado constituímo-nos em mesa formal para os ouvirmos. Mas estamos longe deles. Falta-nos a experiência do diálogo, o saber ouvir camponeses que só os anos de convívio e de luta ao seu lado deram a Soeiro Pereira Gomes ou a Alves Redol o poder tratar dos seus problemas como se os tivessem (também eles autores) sentido todos os dias

— Soeiro Pereira Gomes vinha aqui de bicicleta falar aos camponeses, animá-los na sua luta. Corria o Ribatejo todo.

Animáva-nos a conseguir melhores condições de vida — diz-nos a memória de uma conversa com um homem morto.

Os proprietários de terra discutem rendimentos por hectare:

«A vinha com cheia dá mais pipas por hectare! Os prejuízos da cheia são maiores que os lucros! A cheia é um benefício! A cheia é um malefício! A capacidade produtiva diminui! As cheias lavram as vinhas! As cheias não lavram as vinhas! Os espanhóis arranjaram uma arma económica!

Os trabalhadores agrícolas falam outra linguagem. A linguagem de estar lá dentro das vinhas e saber o que acontece. A certeza dos anos repetidos a conhecer as vinhas. O saber que este ano pode ser anormal mas que virão outros anos iguais

— As cheias agora lavam as vinhas e não trazem benefício, nem para os lavradores. Destroem as vinhas que estão aramadas. E o madeirame vai pela água abaixo. Antigamente, quando o gado estava nos monchões, as cheias lavavam os monchões e traziam adubo às vinhas. Hoje roubam os adubos que estão nas terras. Quem ganha são os lavradores que estão mais longe do Tejo.

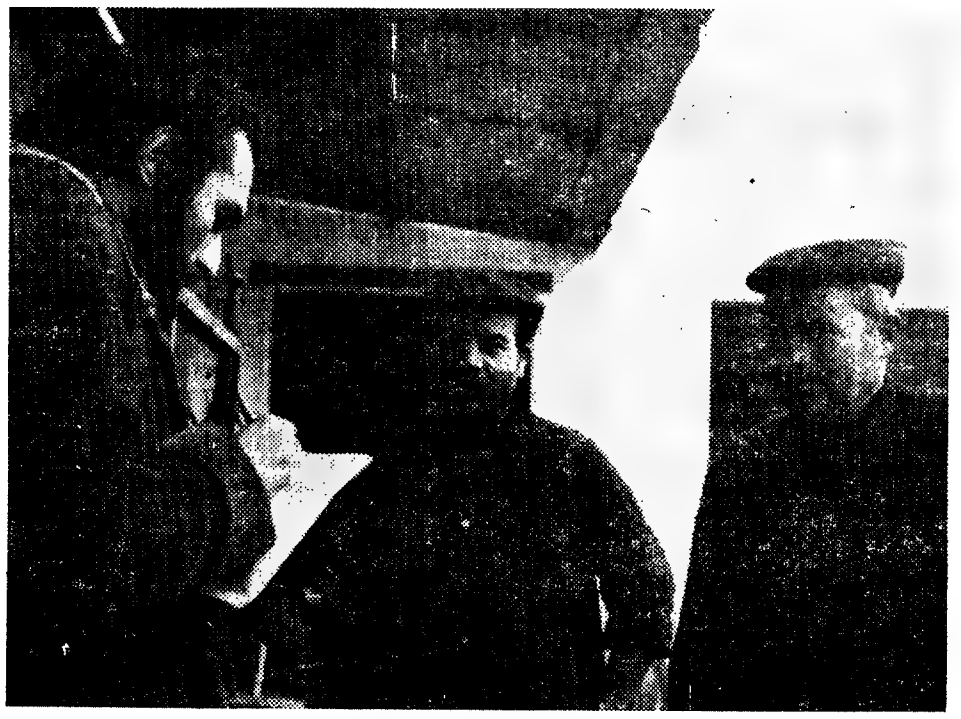
Esta resposta parece lógica. Pertence ao camponês José Carvínias Isidoro, de quarenta e cinco anos. Ele e Joaquim Matias Arrelos (43 anos) sintetizam-nos depois a situação no momento.

— Aqui foi-se quase tudo na cheia. Três barracas de pescadores foram água abaixo. Faz hoje vinte dias que não trabalhamos. E não sabemos quantos dias mais isto vai durar. Um ou outro vai para Alenquer ou Alvalade-Sado fazer uns dias. Os outros esperam o fim das cheias. E são mais uns bons dias para se começar a trabalhar. (Pelo menos oito dias se não chover).

Perderam-se madeiras para atar vinhas, aramados, estrumes, seara, de fava, de aveia (os proprietários pensaram que não havia cheia este ano e fizeram mais searas que o normal) Só numa propriedade no Tramagal, da Metalurgia Duarte Ferreira, a cheia arrastou 2000 paus de vinha. A cheia só traz prejuízos. E veja os anos secos: as vinhas produzem mais. Isso das cheias adubarem, só no tempo do gado nos monchões.

E eles, são os *principais prejudicados*. Quem lhes paga os dias de não trabalho, mesmo para adubar as vinhas?

Para o repensar destas questões começamos por ouvir um padre, um latifundiário e ler um livro.



«As cheias não trazem benefícios. Lavam as terras e deixam os camponeses sem trabalho»

UM PADRE:
(As cheias situação limite)

O padre Tiago é um padre, ainda jovem, de Tremês. Padre duma zona de NÃO CHEIA, procura reflectir globalmente sobre as dificuldades, todos os dias sentidas, dos camponeses. Profissionalmente o padre Tiago vende automóveis (é difícil arranjar um trabalho diferente na sua região) e procura uma profissão donde possa viver mais dignamente.

Com ele, encontrámos uma nova pista para debate: discutir a situação do trabalhador agrícola, agora, não como uma situação nova, diferente, mas como uma situação-limite.

— A cheia é uma situação-limite que põe em evidência problemas normais e quotidianos. A realidade do trabalhador é (todos os dias e não só agora) injusta: o trabalhador é uma pessoa *usada* — o seu trabalho é um factor simplesmente produtivo. Assim as técnicas aplicadas em relação a ele são as mesmas que são aplicadas a qualquer dos elementos da produção — (a lei da oferta e da procura).

Na situação-limite presente — as cheias — não há oferta de trabalho e é a pessoa do trabalhador que está afectada, com tudo aquilo que a envolve: família, alimentação, saúde...

Esta tomada de posição coloca-nos o período de cheias com um dos diversos períodos de desemprego rural.

UM GRANDE PROPRIETÁRIO
(Desde 1910 que se pretende criar um Fundo Especial)

Alpiarça: João Catarino Duarte é um grande proprietário estimado pelos camponeses. É dos que permitem o seu trabalho mesmo no período das cheias, enviando-os para as terras de charneca. É conhecido pelo grande auxílio económico que tem fornecido a uma cooperativa de espectáculos desportivos: o Benfica. Destaca-se entre os latifundiários da região com o dr. Hermínio Paciência pelo respeito cívico que lhe merecem os camponeses.

O que pensaria João Catarino Duarte dum Fundo Especial, tendo em vista o pagamento dum *salário mínimo* nos diversos períodos de desemprego rural e *particularmente* no período das cheias

— Desde 1910 que se pretende criar um fundo semelhante. Nessa altura houve cá (Alpiarça) quem quisesse constituir um fundo para o período das cheias. Mas, os proprietários e os trabalhadores agrícolas não chegaram a acordo sobre a forma de participação. E muitas vezes os fundos criam-se.

Imediata e concretamente a constituição dum Fundo Especial resolveria em parte o problema? Ou mais, uma vez, como o dava a entender Catarino Duarte, esse Fundo não reverteria para os principais necessitados? Parece estarmos em presença duma nova questão, a pedir a multiplicação do debate.

Um dos principais argumentos contra o fundo ouvimo-lo a um proprietário, presidente da Federação dos Grémios da Lavoura, o dr. José Marques, nos Riachos.

Segundo ele, o fenómeno mais importante actualmente é a falta de mão-de-obra rural e não o seu excesso. Daí não se justificar, neste momento, um fundo semelhante.

Com este argumento, o dr. José Marques não pretendia ignorar a situação normal do camponês do Ribatejo, mas sim situar-se globalmente, dum ponto de vista de interesses gerais da agricultura.

DE QUALQUER MANEIRA, é preciso criar os meios para conquista destes benefícios e para defesa dos camponeses.

Os camponeses defendem-se a si próprios. Mas é necessário reforçar os meios de defesa. As cooperativas de trabalho parecem ser uma hipótese.

UM LIVRO: AS COOPERATIVAS DE TRABALHO COMO SOLUÇÃO

Um engenheiro agrónomo e um livro muito discutido: Blasco Fernandes e «Para uma Reforma Agrária em Portugal. É posta por ele, nesse livro, a hipótese de associar os camponeses em cooperativas de trabalho nas zonas de grande empresa.

«Quanto às grandes sociedades agrícolas e aos empresários-proprietários de zonas das grandes explorações, e, duma forma geral, quanto às empresas patronais de grande dimen-

ejo ainda não ficou em Espanha

João Duarte (proprietário agrícola) e Padre Tiago (vendedor de automóveis)

VALADA, ALPIARÇA, AZAMBUJA — TRÊS ZONAS DIFERENTES, A MESMA POSIÇÃO COMUM «Os camponeses confiam neles próprios»

são (...); o carácter social da produção concede a possibilidade de se enveredar para formas colectivas de propriedade e para a exploração da terra *por cooperativas de trabalho*» (pág. 86, obra citada).

As cooperativas de trabalho já existem não institucionalizadas em algumas regiões. O estabelecimento do valor dos salários não se processa por uma relação proprietário-trabalhador agrícola mas por uma relação não formalizada entre os grandes proprietários e uma associação dos trabalhadores agrícolas condicionada, evidentemente, às leis de oferta e da procura. Estas «cooperativas de trabalho» não recuam fàcilmente após determinadas conquistas e são compreendidas como um meio de luta «para uma vida melhor». Com cheias ou sem cheias, pelos camponeses. Criar a instituição parece ser um passo a dar.

(1) Publicado no Suplemento de 23 de Janeiro de 1970, sob o título «Os grandes prejudicados».

Investigação científica e Universidade

Há dias, ao reler alguns escritos do prof. Flávio Resende, tive ocasião de passar a vista por dois que me parece merecerem alguns comentários e amplas citações.

Foi o prof. Flávio Resende, infelizmente falecido há dois anos, um cientista eminente que muito honrou a ciência portuguesa. A sua inteligência e o seu fulgurante poder de observação levaram-no, a certa altura, a desviar-se um pouco do campo de trabalho em que labutara já bastantes anos — a Genética, onde marcara posição como citologista ilustre — para se iniciar num outro onde atingiu não menor altura, com a descoberta de um novo tipo de fotoperiodismo. Algumas vezes cientistas estrangeiros dessa especialidade — que, aliás, não é a minha e em que o País é notòriamente pobre — me falaram de Resende com muita admiração, mesmo alguns que, não o conhecendo pessoalmente, estavam perfeitamente familiarizados com os seus trabalhos.

A par da sua obra científica valiosa, Resende lutou muito por uma renovação de estruturas obsoletas e totalmente inadequadas, tanto na Universidade, de que era um elemento, como na Investigação Científica em geral. Como expressão dessa luta ficaram algumas publicações a que chamou «Artigos de divulgação», editadas pelo Instituto Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa, de que era director. Porque tive ocasião de os reler recentemente e me parecem de grande importância comentarei dois desses «Artigos de divulgação».

Um intitula-se «Problemas de há 150 anos» e consta de duas cartas, uma escrita pelo botânico Félix de Avelar Brotero, de Coimbra, em 4 de Julho de 1791, a Luís de Saldanha e Oliveira e outra dirigida a Brotero pelo abade Correa da Serra e datada de Paris, em 20 de Abril de 1806.

Na primeira, Brotero, doente e desiludido com a forma como funcionava a Univereidade de Coimbra, pedia a sua demissão. Dela transcrevo os seguintes períodos:

«Porventura os Inglezes, Francezes, Italianos, Allemães, Hespanhois & C. são todos ignorantes no seu methodo de estudos, e so nós somos sabios? Que provas lhes damos nos de q o nosso methode he o melhor? Que producção tem sahido de seis Faculdades, que ensinaõ ja ha tantos anos?»

.....

«Talvez dirão lá a V. Ex.cia o q dizem aqui de mim alguns dos meus honrados Collegas (principalmte o q foy forçado de abjurar a rabecca, de q vivia), isto he, q eu estou delirante, e q fallo assim porq sou puramente hum pobre botanico incapaz de mais nada, e m.tos outros insultos, de que sou desgraçadamente o alvo, por ter aceitado este saudavel lugar. Mas hum Botanico, q vio m.tas Universidades, que estudou com gd.es homens ainda alguma coiza mais, e q conversou com sabios de differentes Nações, ainda q possa delirar, se nisto delira, o seu delirio sera o da razão e o da experiencia.

Serviria com m.to gosto a esta nacional Universid.e, se vira nella, ou ao menos na minha Faculd.e, huma Constituição semelhante á q tem as Universidades de Inglaterra e de França; mas como a minha voz he m.to fraca p.a poder ser ouvida, e ainda q fosse assaz forte seria suffocada pela algazarra das preoccupaçoes, cuidarei com brevidade em dar a minha dimissão. Não quero de todo vender por denho por querer endireitar esta grossa curva ferrea, nem quero que me suceda hum grande mal por desejar fazer hum pequeno bem. Como não acceitei o emprego com ambição de fumos nem de oiro, pouco me custará tornar ao pó da vida privada athe ser arrojado aonde o permitir a minha cançada fortuuna.»

Na carta escrita de Paris, o abade Correa da Serra fala do muito apreço em que eram tidos pelos botânicos mais ilustres os trabalhos de Brotero. E diz:

«Taõbem lhe remeto huã patente de Socio da Soc. Philomatica, q como hade ter visto pelos bulletins interessantes q publica, não hé Sociedade ociosa, e como a sua Flora já cá estava e havia lugar vago (porq o numero de socios é fixo) não me custou outro trabalho que propollo e foi escolhido á unanimidade.»

.....

«A sua reputação de excellente botanico está cá feita, e como nesta terra hé alguma cousa e là [lá=aí, em Portugal] menos que nada pois que não tem olhos para o conhecer, e hade ser proposto a todos os charlatães grandes e pequenos, aconselho-o bem de veras que em tendo a sua jubilação q não pode tardar, venha para cá gosar da estimação q por tantos titulos merece e viver com os verdadeiros sábios, na comunhão da páz e da sciencia.»

Atirando com os males descritos no tempo de Brotero, Resende mostrava como eles continuavam vivos no seu tempo, pois esse «Artigo de divulgação» é datado de 1947. Mas já noutro desses «Artigos», publicado em 1945, de que se fez uma 2.ª edição em 1948, intitulado «A Investigação Científica e a importância nacional da Universidade», Resende não hesita em apresentar o seu caso pessoal, como exemplo dos erros cometidos. E, assim, uma nota de fim de página, afirma:

«Eu, por exemplo, com o meu modesto «curriculum» científico, começado só aos 29 anos (porque até essa data ninguém me tinha ensinado o que era investigação científica, e eu não fui autodidacta), num país progressivo como o U. S. A., Alemanha, Holanda, Suécia, Bélgica, etc., nunca poderia *sequer pretender* ocupar o lugar que ocupo, sete anos depois daquela iniciação científica. Poderia talvez desempenhar o lugar de primeiro assistente, ou, numa cidade Universitária pequena, quiçá pudesse aspirar ao título de professor extraordinário. Na nossa terra, porém, este meu «curriculum» é «excelente, como poucos em Portugal o poderiam apresentar» (opinião do Prof Celestino da Costa, em carta que me dirigiu, em 16-5-42).

Devia portanto julgar-se, enfim, que, não havendo ninguém melhor, eu tinha sido escolhido pelo facto de possuir este modesto «curriculum». Pois, não senhor: foi-me declarado por um membro do juri, com o acordo tácito da maior parte dos que a ele pertenceram, que se eu fui escolhido, não foi por causa do meu «curriculum» científico, mas sim devido ao conjunto das qualidades, que mostrei, durante as provas do concurso.

Tem portanto que se deduzir (sabendo-se como as provas decorreram) que sou professor de Botânica na Universidade da capital de um país — que possui um império necessitadíssimo de ser estudado por portugueses, sob o ponto de vista botânico — pelo facto de ter tido a capacidade física para preparar livremente, durante 20 dias, 20 pontos, ter tido o sangue-frio suficiente para suportar o ambiente de uma «arena» rodeada de dois públicos e ainda saber nipostar com certa bonomia e «boas tiradas» ás «farpas» desfechadas sobre mim, vindas dos raros elementos do público júri, que sabiam do que se tratava. Cá estou, enfim pelos meus defeitos e não pelas minhas poucas qualidades!!

Mas nem disto têm culpa as leis vigentes: no concurso normal para professor catedrático há duas provas, uma lição á escolha do candidato (prova, portanto, que é capaz de fazer qualquer leigo) e *apreciação dos seus trabalhos científicos*. Lei sábia e eloquente, falta apenas uma coisa: cumprir-se!!»

Tal como os escritos de Brotero e do abade Correa da Serra continuam muito actuais, afigura-se-me que as palavras de Resende mantêm, 25 anos depois, uma espantosa actualidade.

MIGUEL MOTA
(engenheiro agrónomo)

O monopólio contra a dispersão

Cont. da pág. 1

plementar e rentável, em parte compensador dos *déficits* permanentes de uma agricultura desequilibrada num exagero de minifúndios. O rápido desenvolvimento do eucalipto e a juventude com que o pinheiro pode ser utilizado no fabrico da pasta de papel, provocaram um repovoamento de montes abandonados, a renovação de pinhais caducos, o aproveitamento de terrenos próprios para enormes plantações de eucaliptos Os produtores são, assim, aos milhares, muitos deles tendo neste tipo de produção a sua unica fonte de rendimento para lá dos produtos da terra. A dispersão é, portanto, grande, a ignorancia do mercado e do valor real da mercadoria também. Factores que jogam a favor do monopólio.

RESPOSTA PRONTA

«Se tudo ficar como está, a Madeiper fica com as mãos livres para, no próximo ano, baixar ainda mais o preço pago ao produtor» — diz o dr. Pinho Brandão. «Quando a tendência, em todo o mundo» — diz-se num comunicado da Cooperativa Florestal das Beiras, em formação — «é exactamente para a alta dos preços da madeira».

E aqui temos os dois principais grupos de interesses em presença. De um lado, a Cooperativa Florestal das Beiras, com sede em Águeda, já com direcção eleita e centenas de adesões, mas ainda não legalizada pelas altas esferas. Do outro, a Madeiper, empresa subsidiária de cinco grandes fábricas de celulose, rápidamente constituída — ao que parece sem entraves nem demoras burocráticas — á primeira vista para se opor ao movimento unitário dos produtores de matéria-prima. A verdade é que agiu antes de a Cooperativa poder utilizar qualquer espécie de defesa que não fosse uma exposição ao ministro da Economia na qual se pede que a fixação de preços seja da competência do Governo.

«Os produtores florestais estão na ignorancia completa do valor real dos seus produtos e encontram-se impossibilitados do contacto directo com a industria de celulose em paridade precária com os grandes intermediários» — isto enquanto o intermediário não era só um: a Madeiper. A cooperativa sabe também que a grande maioria da pasta de papel produzida em Portugal se destina á exportação, beneficiando assim de preços internacionais. O condicionamento industrial e o proteccionismo á industria de celulose impedem, práticamente, a exportação de madeira portuguesa, eliminando-se assim toda a espécie de concorrência no mercado — daí, possivelmente, a razão porque o eng.º Camilo de Mendonça considera inconstitucional tal situação. Essa também a razão porque a cooperativa já estabelecida, mas não aprovada, pediu ao Governo que estabeleça imediatamente um preço mínimo á porta da fábrica para eucalipto e pinheiro, destinados á pasta de papel e que esse preço seja estabelecido na base das cotações internacionais.

A Secretaria de Estado do Comércio respondeu em 13 de Dezembro, afirmando que a exposição fora objecto de atento estudo por parte das Secretarias de Estado da Agricultura, Comércio e Indústria e que, brevemente, estabelecer-se-ia um acordo entre os utilizadores de madeiras e as organizações da lavoura com vista a assegurar a defesa dos produtores e a reduzir as margens de comercialização dos intermediários.

Entretanto, também na Corporação da Lavoura houve reuniões de trabalho para tratar do mesmo problema. A verdade, ao fim e ao cabo, é que a unica entidade que até este momento estabeleceu preços foi o monopólio interessado em que os mesmos sejam os mais baixos que for possível. E fixou-os de acordo com esse princípio.

O facto de o problema ter sido levantado na Camara Legislativa revela, também, uma outra realidade que beneficia o intermediário monopolista: a dispersão enorme dos produtores. Nem todos fazem parte da Cooperativa Florestal das Beiras, aliás ainda sem força jurídica. Há uma infinidade de pequenos produtores que não podem esperar que a Cooperativa, mesmo após a sua legalização, reuna fundos para lhes pagar os seus produtos, logo que possa ser um contra-intermediário: as pressões económicas são muito fortes, e por tal facto pode ser sabotada toda a acção da Cooperativa, se novos instrumentos legais não vierem normalizar a situação, levando a cabo um estudo profundo e justo do problema, de modo a evitar proteccionismos e criar um clima de igualdade de direitos na defesa dos interesses de todos — que todos fazem parte da Nação e do mesmo sistema.

A. P. S.

«Dissolver a coligação»

Preocupados os industriais, dormentes os Serviços Florestais, ausente a lavoura, surge a ideia brilhante da coligação dos industriais de celulose que se consubstancia como prenda de Natal um pouco tardia embora... pelo comunicado de 29-XII-69... Em consequência, baixa automáticamente o pinho entre 30 e 40 escudos por estere e o eucalipto para pouco mais de metade... Triunfo!

Mas a mesma falta de visão conduz agora, como no passado, a igual resultado, tornando agudo o problema, a exigir actuação decidida, frontal e corajosa do Governo.

Já sabemos quais os objectivos: acabar com a concorrência na compra; quais os motivos: a falta de força contratual de uma lavoura pobre, fraca, dispersa e desiludida; e quais os processos usados: a coligação económica contrária aos princípios constitucionais como ás leis vigentes.

Nestas condições impõe-se, além de um estudo sério, independente e com a audiência conjunta das duas partes interessadas... a realizar seguidamente, que o Governo intervenha cumprindo as leis vigentes e actuando em conformidade com os princípios constitucionais, por um lado, permitindo a efectiva exportação de madeiras, ainda que a título transitório, como forma até de comprovar qual das duas verdades (produção e industria) é verdadeira, e, por outro, aplicando a Lei n.º 1836 em obediência nomeadamente ás bases III, IV e V da mesma lei.

De momento a situação é esta: o preço da madeira desceu para cerca de metade: para o pinho relativamente á época do despacho referido do Ministro da Economia de 15-2-68 e para o eucalipto ao ano findo, sendo a descida para o pinho relativamente ao nascimento majestático da Madeiper de 30 a 40 escudos por estere; os comerciantes afirmam á lavoura ser possível vender a 400$00 por estere a madeira de pinho nas fábricas de França ou Itália enquanto a Tafisa de Pontevedra paga pela madeira de pinho para aglomerados precisamente o dobro do preço imposto para a celulose...

Económica como politicamente só parece haver um caminho: dissolver a coligação defendendo o mais fraco; permitir pela liberdade de exportação que se comprovem os verdadeiros preços internacionais fora de sofismas e á margem de afirmações que todos sabemos como se fabricam.

Mas há sobretudo que dar rápido curso aos projectos da lei que hoje apresentei como não demorar a esperada proposta governativa sob a defesa da concorrência... Então se verá como tudo pode harmonizar-se, o Governo arbitra e justiça será feita. Oxalá.»

CAMILO DE MENDONÇA

(Intervenção na Assembleia Nacional em 23-1-70).

A pateada e a saúde do Teatro

Cont. da pág. 1

acerca de Gordon Craig, querendo significar que os «árbitros» que existem não merecem respeito). Então, quem vai decidir quais são as pateadas «legítimas» e quais são as «ilegítimas»? Afirma-se que não se deve patear sem critério. Mas onde estão os excelentíssimos teatrólogos que se dignem fixar os critérios a que devem obedecer a desaprovação de um espectáculo por parte do público?

Tudo isto é tão engraçado, no final de contas... Durante anos os nossos teatros respiraram tranquilamente a rotina dos aplausos no final dos espectáculos, a rotina dos intervalos, a rotina dos lugares-comuns, a rotina das encenações á la D. Maria II, a rotina da falta de ideias e do imobilismo. E que aconteceu? Que vozes se levantaram pedindo para ser coarctado aos espectadores o direito de aplaudirem levianamente? Que critérios foram apontados para justificar esses aplausos? Não... As peças eram más, os espectáculos maus, os críticos concordavam os actores também concordavam—mas o público aplaudia (e continua a aplaudir, diga-se de passagem...) e ninguém protestava Todos, pelo contrário, se sentiam muito satisfeitos. Ora por que razão não acontece o mesmo com a pateada? Em princípio não deveríamos supor que o comportamento das pessoas em relação aos aplausos teria de ser igual ao que assumem perante as manifestações (aliás legais) de desaprovação?

Pois bem. Vamos responder de alto ao que todos sabem e não têm a coragem de dizer: é o medo que move os que assim atacam a «irresponsabilidade» do público. O medo de perderem os seus lugares ao sol, pacata e diligentemente conquistados. Sabem muito bem esses delatores do público que a discussão, a participação, os aplausos, as pateadas, tudo isso terá como resultado a revivificação da actividade teatral entre nós. Que tudo isso não poderá deixar de conduzir a uma revisão dos nossos caminhos teatrais, ao progresso, á modernidade. A exigência e á consciência do público corresponderá a necessidade de uma melhor produção. E talvez que os valores consagrados do momento não estejam em condições de a promover... Daí a necessidade de condenarem o que lhes parece pôr em perigo a sua tranquilidade, a sua longevidade, a sua condenável passividade.

As pateadas, os aplausos, todas as formas de ligação do público ao espectáculo, só podem beneficiar o teatro. Está bem de ver que algumas vezes tanto aplausos como pateadas serão injustos. Claro. Mas quem vai decidir sobre essa injustiça? Acaso é a arte qualquer coisa de regulado, de fixo, de definitivo? «A regra é não ter regras» — disse Fernando Pessoa. Em arte, naturalmente.

Que ninguém se assuste: o teatro não virá abaixo com as pateadas, como se chegou a escrever. As pateadas, os aplausos, (o público vivo, quer-se dizer) são a saúde do teatro. O que pode vir abaixo são os falsos profetas, os vendilhões, os que se servem do teatro, sem o servir. Mas teatro exige de quem o ama um amor cego. Nele se joga tudo: desde as efémeras carreiras e as efémeras glórias á própria vida. Assim o exige a dignidade da arte

JOAQUIM BENITE

O estruturalismo europeu

Cont. da página 5

vamente a outros sistemas congéneres, ou a outras línguas. Além disso, a dicotomia língua - fala **torna possível que dela decorram dois tipos de estudos que igualmente muito devem ao estruturalismo linguístico: no aspecto concretizado da** fala, **encontramos um magnífico campo de apreensão do funcionamento de um** sistema de comunicação **cujo mecanismo se adquire mas se vai tornando pouco a pouco inconsciente, continuando, no entanto, a permitir a** transmissão da mensagem; **a partir do conceito da** língua **criaram-se todas as teorias de** formalização do sistema, **indicaram-se** relações lógicas **e caminhou-se para o estabelecimento de** modelos. **Como é natural, tendo por base esta noção de sistema, a investigação começou a desenvolver-se predominantemente no campo da** sincronia, **isto é, tendo em vista uma língua tal como ela é falada num determinado momento.**

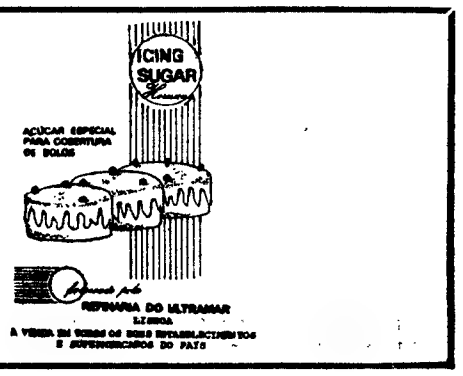
O estudo rigoroso e fundamentado de todos esses conceitos, que contribuiu para atribuir à linguística um estatuto de ciência privilegiada entre as ciências humanas, encontrou depois a sua aplicação prática fora do campo linguístico em ciências como a antropologia **e a** sociologia. **Partindo da noção de que a estrutura é o sistema de relações latente no objecto de estudo, Lévy-Strauss — cujos trabalhos neste domínio formaram escola — procurou encontrar, em objectos diferentes, os mesmos sistemas de relações ou, pelo menos, as leis de passagem de um sistema a outro, servindo-se para isso do conceito de** modelo **que implica em si mesmo um maior rigor matemático ou lógico. Nas** Structures élémentaires de la Parenté, **Claude Lévy-Strauss aplica a noção saussureana de estrutura da língua aos factos etnográficos. Na** Sociologie et Anthropologie **aproxima os sistemas etnográficos e psicológicos, e na** Anthropologie structurale **aplica as mesmas noções de sistema de relações em potência aos factos etnográficos, sociológicos, económicos, estéticos e religiosos considerados em determinadas comunidades.**

MARIA HELENA MATEUS

Indústria italiana

As greves fizeram com que a produção industrial da Itália, em 1969, decaísse em Outubro, 8,6 por cento, e em Novembro, 6,4 por cento em relação aos mesmos meses de 1968 — revelou o Instituto Central de Estatística.

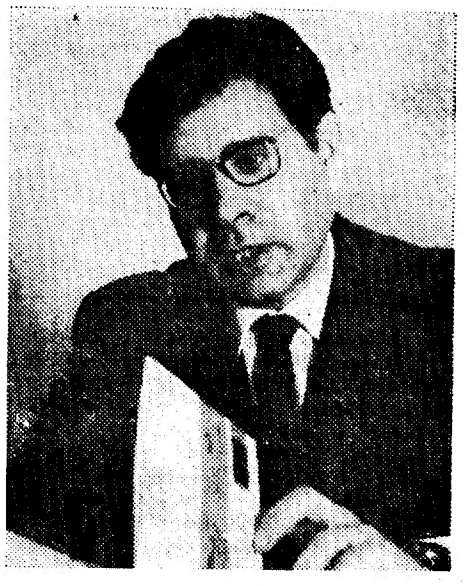
Graças a anteriores ganhos, porém, o índice médio da produção industrial nos primeros onze meses de 1969 ainda foi superior em quatro por cento ao do ano anterior



David Mourão-Ferreira

Manuel Crespo

Lyon de Castro



José Fernandes Fafe

O livro como mercadoria

Conclusão da mesa-redonda em que participaram o editor Lyon de Castro e os escritores David Mourão-Ferreira e Manuel Crespo. Interveio pelo «Diário de Lisboa», José Fernandes Fafe

MANUEL CRESPO — Para mim o problema fundamental é o encontro com o público, isso é que é a essência do fenómeno cultural. Cultura é dois homens que se encontram a uma esquina e um diz ao outro: eu descobri uma maneira nova de resolver o problema que tu também tens. Ora pega lá. E o tipo reage positiva ou negativamente à experiência. O resto é brincadeira.

JOSÉ FERNANDES FAFE — Uma pergunta a todos os presentes: Só a criação artística é criação?

M. CRESPO — Por mim respondo: não. É um disparate limitar a criação à criação artística. Só nos nossos dias, aliás, aparece o artista a procurar a eternidade, a declarar a «arte pela arte», a arte como um acto de expressão dissociável da vida social ou política. Quando falo de «criação» refiro-me às escolas, às correntes do pensamento, à factura dos objectos em certas condições... O que é importante é isto: para mim a criação é comunicação. Se os escritores escrevem livros é porque têm alguma coisa a dar às pessoas, mas se o escritor descobrir de repente que é muito melhor dar pontapés numa bola, eu acho que ele deve dar pontapés numa bola, se essa é a sua maneira de melhor comunicar com os outros. Há um determinado prestígio «per se» que se confere a certas actividades. Para mim o importante e fundamental é acabar, é eliminar, esse prestígio que faz com que perfeitas excrecências sociais se perpetuem séculos e séculos. Continua a fazer-se uma coisa, não porque essa coisa seja ainda importante, útil, criadora, mas por mera rotina. E isso é horrível...

LYON DE CASTRO — Vou pegar numa frase sua: disse que não tem importância o autor escrever um livro se não comunica com o público. É isto que pensa, quer dizer, é fundamental para si que o autor que escreveu um livro consiga que esse livro chegue ao público a quem ele se destina?

M. CRESPO — Claro... Em épocas passadas, com poucos meios de comunicação e educação de massas compreende-se que o público fosse restrito e a comunicação se fizesse a longo prazo... Hoje há meios de comunicação poderosíssimos que podem realmente modificar o mundo mas não a favor da tecnocracia dessas pessoas cuja responsabilidade é apenas o funcionamento eficaz dos aparelhos de comunicação. Nós estamos preocupados com o valor, estamos preocupados com as realizações humanas, estamos preocupados com determinadas coisas a realizar, estamos preocupados, por exemplo, com o homem, com a vida do homem, com a vida da sociedade, e por isso queremos que esses meios estejam nas nossas mãos, para que eles sejam o veículo de humanização e não se transformem numa máquina contra os homens.

Sabe isto tão bem como eu. É que no fundo a maior parte das editoras, sobretudo as grandes, os grandes complexos editoriais, há quase uma frieza, uma imparcialidade tecnocrática, nos seus critérios puramente comerciais. Toda a cultura é um amontoado de regras...

DAVID M. FERREIRA—Mas tem regras...

M. CRESPO — De acordo, mas há regras caducas e há outras que o não estão, e cada escritor tem que criar as suas próprias regras...

DAVID M. FERREIRA — Uma outra coisa que me parece extremamente romântica é a sua afirmação de há pouco de que não lhe interessa que o escritor escreva, porque independentemente de escrever pode fazer outras coisas, pode exprimir-se ou pode comunicar dando pontapés na bola. Ora eu acho que um escritor, que é escritor de facto, só através do que escreve pode comunicar e, neste aspecto, as nossas posições completamente antagónicas.

M. CRESPO — Eu sou escritor, eu passo uma parte do meu dia a escrever, mas se fosse viver para uma ilha, para um país onde só houvesse cegos que não pudessem ler ou surdos-mudos, eu deixaria imediatamente de escrever, não interessava absolutamente nada escrever. Se eu escrevo é porque acredito na eficácia da palavra escrita para comunicar determinadas coisas. No dia em que uma pessoa me provar que não há eficácia nenhuma comunicativa daquilo que escrevo, deixo de escrever.

D. M. FERREIRA — Bem, eu não sei realmente o que faria nessa ilha deserta, mas estou convencido que apesar de tudo continuava a escrever, com a esperança de que noutra ilha, em algum continente, houvesse outros homens que pudessem compreender aquilo que eu escreveria.

M. CRESPO — É a isso que eu chamo romantismo. Isso para mim é que é uma atitude romântica, o tal primado da cultura «per se».

D. M. FERREIRA — Não é «per se», de maneira nenhuma, é justamente o procurar interlocutores que podem não ser imediatos.

M. CRESPO — Não, a palavra interlocutor tem vários sentidos. Há pessoas que nascem com vocação para isto ou para aquilo. — Eu acho que as vocações não são fixas como isso, ninguém dá por ter vocação para alinhar desenhos numa página em branco.

LYON DE CASTRO — Peço desculpa desta contestação. Creio que nos afastamos imensamente do tema inicial, o livro como mercadoria, a que deveríamos cingir-nos, embora contestando, ou não concordando, ou não aceitando em absoluto ou relativamente, o «statu quo», para discutir o problema do livro como mercadoria. Temos de qualquer forma que admitir a existência, a evidência desse «statu quo».

M. CRESPO — Não, porque o livro é um produto do «statu quo».

LYON DE CASTRO — Eu posso falar do livro como mercadoria noutro «statuo quo». O livro não deixa de ser uma mercadoria.

D. M. FERREIRA — O problema, é como a contestação se torna mais exequível, se dentro dos circuitos existentes se através da possibilidade que eu caracterizei de utópica, rompendo com esse sistema num sentido que a mim não me parece exequível.

JOSÉ F. FAFE — Em primeiro lugar eu queria dizer o seguinte: em minha opinião os participantes ao afastarem-se do tema aproximaram-se do cerne do problema, que é a concepção divergente que têm de cultura. Era inevitável que o aprofundamento do debate levasse aí. Em segundo lugar: é preciso constatarmos que há desacordo de fundo entre as diversas posições e por mim não tentarei conciliar o que me parece inconciliável. A Grangeio Crespo, o que lhe interessa é a forma como o conteúdo do livro se transmite, por isso coloca tónica na distribuição e na produção do livro.

MANUEL CRESPO — O que é interessante é que sobretudo o Lyon de Castro, parece-me, deforma a minha posição. Porque, por exemplo, eu não estou a defender o artesanato, não estou a defender a edição de autores. Eu falei de cooperativa de escritores, que permitiriam precisamente aos próprios escritores à adopção de todos os instrumentos eficazes da técnica... Longe de mim defender o artesanato, eu quero é que os autores se juntem, tenham nas suas mãos os grandes meios para os usar no sentido da comunicação, do público a que se querem dirigir... Eu falo de outro processo, estou a falar de tentar transformar a própria circulação, a própria venda dos livros. Só queria dar um pequeno exemplo, limitado porque pessoal: uma tentativa que eu estou neste momento a fazer de uma cooperativa de escritores. Não é um só, somos 30, 20, 15, não sei. Mas eu por exemplo estou neste momento a editar um livro, a «stencil», envio-o pelo correio, sem ser à cobrança, mando o livro com uma circular que diz às pessoas: o livro é teu, se quiseres remeter algum dinheiro remete o que entenderes... Estou apenas a dar um pequeno exemplo de como é possível transformar a própria circulação dum livro numa ocasião de diálogo.

D. M. FERREIRA — Eu só queria intervir agora para mais uma vez sublinhar que isso é utópico, o Manuel Granjeio Crespo por esse processo não vai concerteza atingir as largas camadas que por outros processos poderia atingir, e voltando ao caso das cooperativas dos escritores, evidentemente que eu próprio, com vários amigos, tenho várias vezes levantado esse problema e temos sonhado com coisas desse género, mas friamente chegámos à conclusão de que uma cooperativa dessas, aglutinasse ela o número de escritores que aglutinasse, muito rapidamente haveria de falhar ou haveria de transformar-se numa editora em que possivelmente alguns desses escritores se tornariam só editores, como foi o caso de Pierre Seghers, ou que se teria de pedir o auxílio de técnicos de edição, e a cooperativa acabaria por ficar nas mãos de editores e por ser uma editorial como as outras.

M. CRESPO — Eu só queria focar aqui um aspecto que é importante. Ninguém ache estranho, como ninguém ache inconciliável que um escritor se ocupe ao mesmo tempo... de outras coisas, sei lá, de traduções, de programas para a rádio, para a televisão... Ora essas actividades, a da publicidade por exemplo: há tantos a ganhar 30 e 40 contos por mês, e depois escrevem sobre os pobres dos pescadores que não têm casa... Isso já se não acha estranho, mas acham-se estranho que as actividades complementares dos escritores sejam editoriais...

D. M. FERREIRA — Perdão. Também há muitos escritores funcionários de editoriais, directores de editoriais ou, até, editores.

M. CRESPO — Não é um problema limitado a Portugal, estou a pôr um problema que me parece importante em todo o Ocidente, pelo menos não é só em Portugal. O que no fundo estou a propor é uma reestruturação, uma revisão das actividades complementares do escritor.

JOSÉ F. FAFE — Eu creio que efectivamente ficou bem marcado que as posições são inconciliáveis e não vamos perder tempo a tentar conciliá-las, não vale a pena, penso eu. O que pensam vocês? Nesse caso ponho-vos uma última questão: poderá o livro deixar de ser uma mercadoria, com o seu valor, dando a esta palavra o seu sentido económico?

LYON DE CASTRO — De modo nenhum. O livro não pode deixar de ser uma mercadoria, o livro será cada vez mais uma mercadoria que exigirá, como todas as outras mercadorias no mundo de hoje, os processos técnicos e os recursos económicos capazes de transformá-la num produto com grande peso no mercado, que chegue ao grande público, que penetre em grandes camadas da população, que vá a todos os pontos do País. Isso cada vez será um fenómeno a acentuar-se e quanto mais esse fenómeno for importante, quanto mais importante for o papel que todos nós entendemos (papel cultural, entenda-se), tanto mais recursos técnicos que o mundo de hoje põe nas nossas mãos devem ser utilizados. Para que o livro cumpra a sua missão, tanto mais mercadoria o livro será, porque terá de ser tratado com determinadas técnicas de expansão, de publicidade, de circulação, de comercialização, utilizando cada vez mais novos e poderosos meios. Eu referi-me há pouco à venda que se está a verificar, por exemplo, em supermercados e, para terminar, posso dizer-lhes o seguinte: há ainda de certo modo um preconceito aristocrático do livro em Portugal, pensando que só as livrarias vendem livros. As livrarias devem continuar a vender livros, cada vez serão necessárias mais livrarias, com bons funcionários, livrarias bem montadas, onde haja gente que saiba bem o que é o livro e que portanto o possa divulgar junto do público que frequenta as livrarias, mas cada vez mais o livro penetrará noutros locais, em que ele pode ter contacto

Cont. na pág. seguinte

O livro em discussão: a actividade editorial e a expansão do pensamento

O debate da última mesa-redonda de «Diário de Lisboa» (O livro como mercadoria) teve um tanto o sabor deleitoso da discussão quase interminável, entre teólogos travada, e que se arrastou pela Idade Média, curando de se descobrir o sexo dos anjos.

Pondo de lado tema de certo modo discutível, refira-se desde já que nesse debate, e como contraponto a um editor, tomaram parte além do representante do «Diário de Lisboa» um poeta e um dramaturgo. Foi pena que o organizador não considerasse como autor de livros: historiadores, cientistas, homens de pensamento crítico e criador, ensaístas — tão-sómente homens de letras. Certo que os livros de cultura geral, comparativamente com os de literatura (romances policiais, de cor-de-rosa, de «cow-boys» incluídos), pouco representam numa tabela estatística.

Mas exemplificou-se muito apresentando panorama demasiado parcial de uma grande potência editorial — a França. E dizemos parcial por que, embora não explicitamente, se considerou tão-só o editor do «best seller» da literatura — lobos da selva das letras e cuja voracidade comercial-se ilustra com os escândalos anuais dos cambões e «marchandages», aquando da atribuição dos inumeros prémios literários franceses: Goucourt, Femina, Interallié, Renoudot, Médicis, entre outros.

E foi esquecida nessa mesa-redonda (não aceitamos que por carência de informação) a obra eminentemente cultural em favor da expansão do pensamento francês, crítico, inovador e criador de pequenas editoras como a «Seuil», Maspero, Minuit, e tantas outras. Com um labor de quase meio século a grande esquecida foi a «Presses Universitaires de France». Por singular coincidência esta editora, a quem a cultura francesa mais deve editora mundialmente das maiores e das de maior prestígio intelectual, é uma empresa que não se rege por moldes capitalistas, mas cooperativa de professores franceses.

Ora a introdução no debate da actividade e vida desta importante editora alteraria, de cima a baixo os dados dos problemas abordados e as vagas e fatalistas conclusões implícitas no debate de mesa-redonda.

Para o leitor menos ao par da vida editorial francesa, a seguir damos breve apontamento da vida desta laboriosa editora:

Fundada em 1921, a sociedade «Presses Universitaire de France» teve como missão «divulgar a cultura francesa tanto em França como no estrangeiro, e de transmitir o conhecimento a todos os graus, desde a escola primária até às Academias, sob todas as formas materiais» (artigo 2.º dos estatutos).

Por outro lado, e para marcar claramente a sua vontade de servir, e não de dividir lucros, deram-lhe a forma de cooperativa, limitando a 6 % a retribuição do capital, consagrando, assim, todo o excedente, após levantamentos de reservas e provisões legais, «à realização pela sociedade de obras de intereses geral visando a cultura intelectual» (artigo 32.º).

Desde então, a acção dos dirigentes da sociedade tem fielmente seguido este programa. As «Presses Universitaires de France» têm tomado progressivamente uma parte cada vez mais importante na produção intelectual da França; absorveram fundos de edição importantes e célebres; empreenderam e continuam a publicação de obras e de colecções de primeiro plano intelectual e exploram um fundo de edições hoje o mais rico em títulos de qualquer outra editora francesa.

As suas oficinas de Vendôme estão equipadas de maneira a assegurar a maior parte da sua produção com todas as garantias de qualidade que exige qualquer trabalho de alta precisão científica.

Por fim, a sociedade explora em Paris duas livrarias, modelo que figuram entre as mais activas da França. O seu capital e fundos de reserva atingiam, em moeda portuguesa, isto em 1968, cerca de 85 mil contos.

Grande é a lição que esta editora nos dá, a nós portugueses. Pois existe para nós o grave perigo de cairmos no modelo de editoras que tomam como bússola as outras actividades económicas (finalidades e meios tão diferentes da actividade editorial) e se comercialize totalmente, entrando inteiramente no jogo neocapitalista da rentabilidade financeira. Neste caso a grande vítima será inevitàvelmente aquela que deveria ser a sua razão de existência — a cultura.

Tomarão aspectos dramáticos num futuro próximo a concentração de editoras (destruindo o que há de relevante culturalmente nas pequenas editoras) a compra por grupos de interesses americanos, com dólares europeus, de editoras do velho continente (aquelas que dão substanciais lucros). Dramático para o jovem poeta, escritor ou ensaísta. As portas da edição ser-lhes-ão fechadas — e escura e longa noite tombará sobre a criação literária, se...

...se, os que iniciam a carreira das letras e do pensamento, recusados pelos comerciantes-empresários de edição (o editor no seu tradicional e nobre sentido desde há muito desaparecido) não criarem (o poeta espanhol na mesa-redonda alcunhado de piadético e pitoresco é disto triste e melancólico exemplo), como o aflorou o dramaturgo Manuel Crespo, *(não é utópico, antes lucido aquilo que ele levantou)*, meios de defesa próprios. E irão surgir, disso estamos certos, editoras de autores, trabalhando junto de públicos que lhes são comuns — a juventude estudiosa dos liceus, escolas técnicas e Universidades, e um público, cada vez mais largo, interessado pela livre criação literária e pelos verdadeiros problemas da cultura. Para além da rentabilidade financeira e dos lucros do fim do ano.

MANUEL RODRIGUES DE OLIVEIRA

●

Um debate entre a tecnocracia moderna na esfera editorial e o underground contestador é discutir deleituosa e mediévicamente o sexo dos anjos?

«Historiadores, cientistas, homens de pensamento crítico e criador, ensaístas»... Para tanta gente, não chegaria mesa de boda. Não só homens de letras deporão a respeito do livro como mercadoria. Ainda não estava publicada a 1.ª parte da mesa-redonda já se tinha iniciado um vasto inquérito a escritores, editores, livreiros, dirigentes gremiais, directores de bibliotecas, tipógrafos, sobre o tema.

Com o maior prazer publicamos a achega do nosso prezado colaborador Manuel Rodrigues de Oliveira ao debate em curso.

KONI
ALCATIFA AS ESTRADAS

o amortecedor mais barato por km. percorrido

JOMA R1-68

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC-LISBOA
TEL. 56 01 56

O livro como mercadoria

Cont. da pág. 9

com o público que normalmente não visita as livrarias. Antigamente os grandes estabelecimentos, supermercados e grandes armazéns que tinham apenas uma pequena secção de livros, estão a aumentá-la, e hoje, quem visita qualquer grande estabelecimento desse género, mesmo em alguns pontos de Lisboa, mas especialmente na Suiça, na França, na Alemanha, na Bélgica, na Suécia etc., essas pequenas secções de livros são verdadeiras livrarias que não têm sequer funcionários, supermercados, onde a pessoa escolhe o livro que quer, adquire e paga. Isso verificar-se-á cada vez em maior escala e cada vez mais, por exemplo, no supermercado, um livro será posto à venda como uma caixa de sardinhas (e digo isto deliberadamente para chocar), cada vez mais o livro se venderá como um saco de rede que tem um quilo de batatas (ainda para chocar), ou um brinquedo para crianças ou um outro artigo qualquer, uma mini-saia ou uma maxi-saia que também se vendem nesses supermercados. E ainda bem porque atingirá um público maior, e essa é a finalidade do criador que escreveu o livro e que deseja que ele chegue a grandes camadas do público.

M. CRESPO — Se a mercadoria implica o acto de venda e compra em dinheiro, eu penso que o livro pode muito brevemente deixar de ser uma mercadoria. O dinheiro não é necessàriamente a única unidade de troca concebível (e é disso que eu estou a falar), porque se mercadoria é troca, então evidentemente que o livro nunca poderá deixar de ser uma mercadoria. Pode acabar o dinheiro, pode o dinheiro deixar de ser uma unidade de pagamento mas o livro tem sempre uma função cultural de troca. Concebo perfeitamente que no futuro se deixe de pagar o livro em dinheiro, mas isso não significa que não haja troca.

DAVID M. FERREIRA — Eu também creio que o livro é na sociedade actual, e é dessa que nós temos que falar, e não deixará de ser uma mercadoria. Nem é desejável de modo algum que o deixe de ser. É desejável, pelo contrário, que o seu valor de mercadoria aumente, que cada vez mais se expanda, como o Lyon de Castro sugeriu, através da sua penetração em locais de venda, onde tradicionalmente não era costume ele encontrar-se, ou que, como o Manuel Crespo disse, possamos vir a assistir a uma forma de difusão que seja diferente dessa, inteiramente nova, mas para essa difusão do livro como mercadoria, eu creio que, não é só o autor nem só o editor que têm responsabilidades... Evidentemente que no caso português podem assacar-se muitas responsabilidades a muitos editores, mas temos também de verificar a falta que faz um organismo como um Instituto Nacional do Livro, ou outro similar que promova não só a divulgação do livro nos territórios de língua portuguesa mas que também faça alguma coisa de positivo para a sua divulgação no estrangeiro e para a tradução dos livros noutras línguas.

60 000 obrigações no valor nominal de 1 000$00 para fomento do turismo. Dec.-Lei n.os 48 449 de 24-6-1968 e 49 017 de 22-5-1969.
Preço de subscrição: 1.000$00.
— Vida máxima: 11 anos — Vida média: 7 anos (cerca de).
— Isenção dos impostos complementar, de capitais e de selo. — Taxa de juro líquido: 5 ½ % (cerca de). — Pagamento dos juros: semestralmente a partir de 30 de Junho de 1970.

Amortização: Ao par, em 10 sorteios anuais, com início em 30 de Junho de 1972.

As obrigações estão equiparadas a títulos da Dívida Pública Portuguesa para as Companhias de Seguros. A admissão à cotação das Bolsas será requerida até à data do pagamento do primeiro cupão.
Subscrição pública, sujeita a rateio, de 29 de Janeiro a 5 de Fevereiro, nos seguintes estabelecimentos de crédito que a tomaram firme:

Caixa Geral de Depósitos
Montepio Geral
Banco Agrícola e Industrial Visiense
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Bank of London & South America, Ltd.
Crédit Franco Portugais
Crédito Predial Português
Almeida, Basto & Piombino & C.ª
Augustine, Reis & Companhia
Pinto de Magalhães, Banqueiros

O grande problema é o da amizade autêntica

● ENTREVISTA COM O CHINÊS DR. LI CHING HÁ QUATRO ANOS EM PORTUGAL

«Após quatro anos de estada em Portugal, que conheço de uma ponta a outra, posso dizer-lhe o melhor possível do seu povo, na verdade muito amável, correcto, prestável: mas amigos autênticos, cultores da amizade tal como se pratica no Oriente ou mesmo, no resto da Europa, é que não encontrei. Esse é o meu maior problema: muito bem recebido, muito bem aceite, rodeado de amabilidade e atenções continuo, no entanto, a sentir-me isolado».

Isto respondeu-me o dr. Li Ching, quando lhe fizemos a pergunta clássica acerca do que pensava de nós. Natural da China — do Sul — estudou também no Vietnam, na Alemanha, na Itália, na França, em Espanha e em Portugal. Doutorou-se na Universidade de Bonn, em Filosofia Românica. Cinco anos lhe bastaram para aprender o alemão, do qual partiu para notáveis conhecimentos das línguas latinas e para se doutorar. Apaixonou-se pela filologia, conhece praticamente todos os idiomas vivos e muitos dialectos. Veio para Portugal há 4 anos, com uma bolsa de estudo frequentar um curso de férias sobre a língua e civilização portuguesas na Faculdade de Letras de Lisboa. Os primeiros estudos que fez sobre problemas da nossa língua despertaram o maior interesse, acabando por ficar a trabalhar com os profs. Lindley Cintra e Jacinto do Prado Coelho, no Centro de Estudos Filológicos, ao mesmo tempo que lecciona no Centro Universitário sobre a língua e civilização chinesas.

HÁ MUITA COISA POR FAZER

Rodeado de livros e dicionários, este chinês característico, baixo e forte, habita modestamente um pequeno quarto das avenidas novas, esperando subsídios para a edição de obras inéditas sobre a nossa língua contemporânea.

— *Há poucas condições, em Portugal, para se trabalhar a sério em Filologia — diz-nos. Por isso mesmo, há muita coisa para ser feita. O trabalho de linguística exige uma enorme paciência, uma atenção permanente, a ocupação do investigador em todos os minutos. Há poucos filólogos e muitos literatos. São necessárias, condições de trabalho, facilidades económicas, estímulos de ordem diversa. Em Portugal tenho tido estímulos morais, é verdade, e é essa a razão porque aqui estou. Continuo, porém, a aguardar subsídios para a edição de obras que julgo muito importantes e que tenho prontas e revistas há bastante tempo.*

— Pode indicar-nos quais?

— *Tenho um exemplo, um dicionário prático de chinês-português e português-chinês; um Curso Prático de Língua Chinesa; um estudo «Em torno do novo pseudo-prefixo «mini» na língua portuguesa da era espacial», o qual deve ser publicado em breve no «Boletim Filológico»; e um outro ensaio sobre neologismos, ou a função de palavras com prefixos no português actual.*

— Porquê, esse interesse pela evolução da língua portuguesa contemporânea?

— *Se repararmos bem, as línguas têm uma determinada dependência ou apresentam uma certa unidade entre todas. O conhecimento das germanicas, por exemplo, é muito importante para contactarmos com as romanicas. Por outro lado, nos nossos dias, a tendência é para maior aproximação dos povos, mesmo nos aspectos linguísticos. Por exemplo: é fácil detectar dois tipos de influências diferentes no português moderno: a influência anglo-saxónia, no que diz respeito a termos técnicos: política, economia, ciência; e a influência francesa, com carácter mais literário. Em Portugal usa-se a sigla N. A. T. O. (em francês O. T. A. N.), que vem directamente da América. Em contrapartida, da língua francesa vem, por exemplo, neo-realismo, criticismo, etc.*

Para o dr. Li Ching, 32 anos de idade 14 na Europa, a visão e curiosidade pela civilização do Ocidente beneficia de características muito próprias. Justificou, em parte, com o seu gosto pelo estudo comparado das línguas a enorme capacidade de apreensão dos idiomas. De facto, não nos parece vulgar que um estrangeiro, e muito menos um oriental, escreva e fale o português pouco tempo após a sua chegada ao nosso País, que um chinês seja convidado a colaborar com os nossos maiores especialistas em tarefas que não andarão longe daquilo a que se poderá chamar o estudo do Português fundamental.

— *Daquilo que já lhe disse* — continuou — *julgo poder concluir-se que, sob aspectos importantes, todas as línguas se assemelham. Descoberto esse facto, resta-nos usar de toda a nossa curiosidade, o nosso interesse, a nossa intuição para as captar. Há idiomas mais difíceis de pronunciar, como o português. Mas, quanto a mim, trato de aprendê-los o bastante para neles poder trabalhar. É essa a primeira fase, que se completará com o contacto intenso com a língua, o povo e a civilização de um país.*

— Considera o seu exemplo isolado ou pensa que a língua portuguesa justifica um interesse á escala mundial?

— *Repare: pelo menos uma sétima parte do globo fala, ou foi influenciado, pela língua e civilização portuguesas. Um país imenso e de enormes potencialidades, como o Brasil, fala português. É evidente que acredito no futuro da sua língua no mundo.*

— Mesmo na Ásia?

— *Mesmo no Oriente, ainda hoje é perceptível a influência do português nos dialectos locais. Por outro lado, parece-me que atravessamos uma época histórica de transição, última etapa antes de os povos adoptarem como regra de vida o convívio, fraternidade e compreensão entre todos. O conhecimento cultural, linguístico e humano tem uma enorme tarefa a cumprir.*

— Pode dizer-se que o dr. Li Ching conhece em profundidade dois tipos de civilização várias concepções de vida e de política. Acha que há diferenças fundamentais e inamovíveis entre os povos?

— *Não senhor. De facto, as diferenças são de superfície, marcadas pelas condições de ambiente, pelos costumes inerentes, pelos modos de viver. No fundo todos os povos s assemelham em questões muito mais importantes: no seu amor pela paz, no seu espírito de convivência e desejo de progresso, na sua curiosidade do saber, na sua humanidade. Sejam eles da China ou da Ibéria, da América ou da Africa. As divergências ainda não vencidas dizem respeito a problemas marginais, a concepções irredutíveis, a orgulhos e a intolerancias que não representam, sequer, a vontade específica da maioria.*

A COZINHA, PEÇA IMPORTANTE PARA A SIMPATIA ENTRE OS POVOS

Sabemos que o dr. Li Ching — facto pouco vulgar num doutorado! — é autor de um livro sobre cozinha chinesa, em que as «ementas» são acompanhadas com poemas alusivos de poetas mundiais entre os quais muitos dos nossos. Livro esse que será brevemente publicado por um editor português. Porquê tal interesse?

— *Em primeiro lugar, há uma razão importante: todos os chineses gostam de cozinhar. E isto, porque consideram a cozinha peça importante para a simpatia dos povos, convencidos como estão de que a comida não é só comida, isto é: uma refeição é algo mais do que um acto concreto, fisiológico, material. A mesa é o lugar mais importante para receber os amigos. A amisade é algo superior, que merece ter beleza. Repare num pormenor curioso: quando eu cheguei a Lisboa, havia um unico restaurante chinês. Hoje, existem já sete, e está pedida autorização para mais um... Justificando o conceito de beleza que atrás referi, julgo que lhe interessará publicar esta máxima chinesa sobre o acto de cozinhar: «deve ser sedutor á vista, agradável ao olfacto, e estimulante para o apetite». E estoutro passo da introdução que fiz para o meu livro:* «Durante a refeição, utilizam-se os pauzinhos de prata, de marfim, de plástico, de bambu ou de uma madeira qualquer. Esta maneira de servir e de repartir as iguarias à mesa prolongará o tempo de conversa, fortificando as velhas ligações e criará uma nova amizade com os desconhecidos. Por isso, na língua chinesa, todos os chineses são irmãos».

E aqui estamos a terminar, de novo com o conceito de amizade. «O povo não tem preconceitos» — repete-nos o dr. Li Ching — «é sempre o mesmo, trabalha, compreende...»

A Justiça de Chicago

WILLIAM CHAPMAN

Um juri especial concluiu que o acto dos polícias, que, no dia 4 de Dezembro de 1969, mataram em Chicago, dois «panteras negras», num «Raid» ao apartamento das vítimas era justificável, entendendo que estes polícias se serviram das suas armas «com a convicção razoável» de que o uso das armas era necessário para evitarem a sua própria morte ou, pelo menos, graves ferimentos nas suas pessoas.

O veredicto deste juri especial não afecta legalmente outros processos dos tribunais. Este juri podia optar entre várias qualificações legais para o acto de que resultou a morte dos dois «panteras negras»: homicídio justificável, homicídio acidental, homicídio involuntário, crime de homicídio voluntário. No entanto, nenhuma das conclusões do juri correspondeu a uma inculpação.

Sabe-se que o «Raid» dos polícias a um apartamento dos «panteras negras», na noite de 3 para 4 de Dezembro, saldou-se pela morte de Fred Hampton, presidente dos «panteras negras» de Illinois, e pela morte de Mark Clark, um dos organizadores do partido.

Os pais das vítimas estavam presentes na sala quando o juri pronunciou o veredicto e manifestaram o seu desacordo Quando o «coroner» de Cook County leu o relatório onde se qualificava o tiroteio de «justificável», a mãe de Clark levantou-se para dizer «não era nada justificável».

Durante este tempo, a mãe de Fred Hampton permanecia em silêncio, abanando a cabeça. Mais tarde diria que os seus membros do juri estavam «todos corrompidos».

Para a família de Hampton e para o partido dos «panteras negras» não há duvida de que os dois jovens foram deliberadamente assassinados pela polícia e de que Hampton foi morto na cama.

Os polícias declararam, no decurso do inquérito do juri, que agiam por mandato de busca domiciliária, por detenção ilegal de armas, quando Clark atirou. Seguiu-se, segundo declararam, um violento tiroteio.

As duvidas que se suscitaram pela versão dos polícias, levaram á nomeação de um juri especial, encarregado de determinar a causa provável da morte dos dois jovens. Mas os sete membros do partido, que sobreviveram, recusaram-se a depor. Acusados de tentativa de homicídio, sustentam que não lhes deve ser pedida a sua versão dos factos, antes da instrução do processo a instaurar contra eles.

Um grande juri de Cook County está agora a determinar se os sete sobreviventes deverão ser ou não inculpados por tentativa de homicídio. Um grande juri federal está a examinar o caso por um angulo diferente, para determinar se o «raid» da polícia violou os direitos cívicos dos «panteras negras».

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 30 DE JANEIRO DE 1970 — N.º 30